

Love You

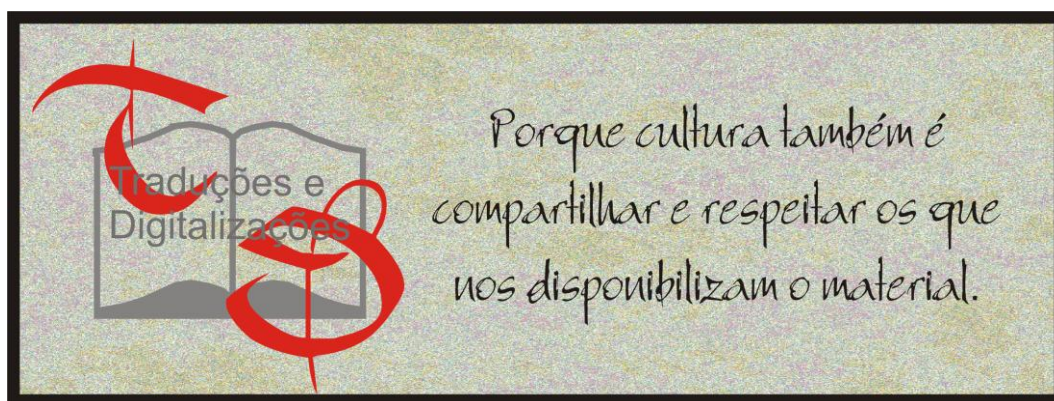
Hate You

Miss You



ELIZABETH SCOTT





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e- book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital



Feito por:

Kynhaa + Renata Hancio + Beatris Costa

Revisado por:

Kelly



Love you, Hate you, Miss you

Elizabeth Scott

SINOPSE:

Foi há setenta e cinco dias...

Amy está enjoada dos seus pais, que de repente se interessaram por ela, também está realmente enjoada das pessoas perguntando sobre Julia. Eles não entenderiam de qualquer maneira, não entenderiam como é ter sua melhor amiga tirada de você. Eles não iriam entender o que se sente ao saber que isso é sua culpa.

A psiquiatra de Amy acha que ajudaria ela iniciar um diário. Em vez disso, Amy começa a escrever cartas a Júlia. Mas, depois de escrever cartas após cartas, começa a perceber que o passado não foi tão perfeito como ela pensou que fosse, e o presente também merece uma chance.



75 Dias

Querida Julia,
Vamos lá, eu deveria estar começando um diário sobre a "minha vida." Por favor. Eu até posso ver:

Querido Diário,
Como estou perdida neste mar louco chamado "vida", acho que vou me inspirar em um poema que ouvi há pouco tempo, um que me fez chorar por ser tão bonito... Hoje, eu realmente acredito que cada dia é um dom precioso. . .

É, eu acho que não.

De qualquer maneira, enquanto o Dr. Marks está (você não iria acreditar, o bigode dele é longo e desgrenhado e ainda piora pelo fato de ter sempre migalhas de pão nele) falando sobre como precisamos de um lugar para partilhar nossas "experiências," eu estou escrevendo pra você.

Eu não quero que você pense que tudo aqui é tão inútil. Quer dizer, Pinewood é um centro de tratamento. Você sabe, é chato estar aqui, mas nem tudo é imprestável. Entretanto, isto irá me seguir para sempre. "Estava no centro de reabilitação." Assim como todos os outros "" que eu carreguei agora.

Você sabe, eu sempre pensei que te dizia tudo, mas existem algumas coisas que eu deveria ter dito e nunca fiz.. Eu devia ter-lhe dito que perdi seus óculos novos, eu sei que você realmente gostava deles. Deveria ter pedido desculpas por cada vez que eu vomitei em seus sapatos e principalmente porque eu estraguei sua saia nova, aquela perolada. Eu deveria pedir desculpas por várias coisas.

Desculpe-me, desculpe por tudo.

Faz setenta e quatro dias que eu não bebo, eu sinto falta. Sinto falta de como me fazia sentir, como eu não parecia tão alta e estúpida. Estive sonhando com isso, no entanto, disseram-me que é normal. Também disseram que eu já posso partir. Eu estou "melhor", você vê, e o mundo está me esperando.

Dr. Marks apenas perguntou se eu estava bem. Ele é uma aberração, e eu não sei como ele se tornou chefe da terapia de grupo. Você deveria ver a forma como ele fala, realmente deveria. Ele não pode dizer meu nome como uma pessoa normal, Amy. É tão difícil dizer? Mas Dr. Mark sempre me chama de Amyyyyyyyyyyyyyyyyyyyyyyy, como se Y fosse uma letra que ele já não utiliza frequentemente.

Eu penso em você o tempo todo. Eu digo a todos no grupo, eu imagino você atacando-o e verificando tudo, como um anjo com asas chutando sua bunda. Mas eu realmente quero saber se você está com frio ou se você começou a usar o seu suéter roxo o tempo todo porque é o seu preferido e sua mãe não está por perto para lhe dizer que é muito decotado.

Agora mesmo, pergunto-me se você está cantando uma daquelas canções de amor estúpidas que você ama tanto e se elas ainda te fazem sorrir. Pergunto-me se você sente saudades de conduzir através da ponte Millertown, enquanto nos revezávamos tomando o sorvete. Você foi sempre capaz de contrabandear uma casquinha a mais. Se eu fechar meus olhos, eu posso te ver sorrir com a colher na mão... Não tomo sorvete há meses.

Já chorei muito em Pinewood, e sempre foi por sua causa. Eu sei que pode parecer estranho, especialmente porque você sabe que antes eu não chorava por tudo, embora eu quisesse. Você também sabe, certo? Mas eu não podia. Eu sabia que se eu comesse, eu nunca pararia. Suponho que eu deveria estar feliz em sair daqui amanhã, eu acho que estou, mas o fato é que fico pensando sobre quem eu quero ver quando chegar em casa e... não encontrar ninguém lá. Você não estará lá.

Saudades, J.



UM

O DIA DA LIBERDADE CHEGOU, e como prometido, terei minhas coisas pela parte da manhã. Eu não tinha um companheiro de quarto, e eu também não queria falar com ninguém, então eu estava pronta para ir o mais rápido possível. (Conversas na terapia de grupo suficientes para mim) E era isso.

- Adeus Pinewood, obrigada pela comida ruim e as “seções compartilhadas.”

Não poderia dizer que sentiria alguma falta disso. Laurie, minha psiquiatra, veio e me acompanhou.

- O que você está pensando? - Acho que Laurie não sabe como fazer perguntas, deve ser a primeira coisa que eles ensinam na escola. Também deve ser a única coisa.

- Nada.

- Tudo bem sentir medo - ela disse. E eu fiz aquela coisa com as minhas sobrancelhas, que a mãe da Julia sempre chamava de desprezível.

Laurie pareceu não notar. Ela apenas disse: - Todos sentem medo. - Como se fosse uma grande declaração.

- Hmm, Obrigada - eu disse.

- Seus pais estão esperando, Amy - ela disse. - Eles estão lá fora, e estão animados por você está indo para casa.

O problema era que eu queria acreditar nela. Eu queria acreditar que minha mãe e meu pai estavam me esperando e que realmente queriam me ver. Eu pensei que uma parte de mim, a parte que queria que nós fôssemos uma família e não como de fato somos, que são os dois primeiro e depois eu, tinha ido embora. Pensei que eu os tinha matado, os tinha quebrado em partes tão pequenas que eles nunca se encaixariam novamente. Acho que estava errada.

- Ótimo - eu disse, e fui ao encontro deles.

Eles estavam lá na sala de espera, sentados juntos em um dos sofás com os braços enrolados um ao outro. No meu primeiro dia na Pinewood, os meus braços estavam machucados no lugar onde eu tinha cravado minhas unhas para me certificar que eu estava viva, e eles estavam lá, sentados no mesmo sofá e da mesma maneira.

Eu estava sentada na frente deles, e os vi entrelaçarem suas mãos como se eles estivessem perdidos. Eles quase haviam me dado um estranho abraço quando eu saí, os dois ainda estavam se segurando um ao outro como se fossem se unir. Isso era muito divertido.

Hoje eles estavam segurando as mãos novamente, mas realmente a largaram, se levantaram e me abraçaram, separadamente. Foi quando eu percebi que hoje seria estranho, muito estranho. Eu estou mais alta que os dois agora, nem posso acreditar. Eu sabia que estava mais alta que mamãe, mas não percebi que eu estava mais alta que o papai. Acho que talvez cresci um pouco enquanto estava aqui. Dezesesseis anos, um metro e oitenta e dois e fora desse “centro de tratamento”, eu sou uma vencedora.

Na viagem para casa, mamãe e papai me falaram sobre o meu “novo quarto”. Meu quarto no sótão não existe mais. Eles retiraram todas as minhas coisas e transferiram para o quarto de hóspedes no segundo andar, que agora é o meu quarto. Não posso acreditar que meus pais querem que eu durma perto deles, estranho. Mas então eu suponho que se encaixa com o dia de hoje, porque depois de me contar sobre meu novo quarto, meus pais tinham outras coisas para me dizer. Eles me disseram que não haveria mais uma fechadura na minha porta. Disseram-me que embora eu esteja bastante velha agora para ter a minha carteira de motorista, não tinha como eu tê-la. Eles também me disseram que eu teria que ver Laurie semanalmente.



Eu disse ótimo para tudo. Acho que eles pensavam que eu fosse discutir ou algo assim, porque eles continuaram me olhando, papai pelo espelho retrovisor e mamãe por aquele pequeno espelho que podemos retocar a maquiagem. Quando chegamos, estranhei completamente, porque a casa... era a mesma, mas não era. Em primeiro lugar, era azul agora. Aparentemente, mamãe mandou pinta-la de novo, está bem melhor que o antigo amarelo, mas não tanto. Eu não sei como uma professora de arte pode ser tão sem noção quando se trata dessas coisas. Quer dizer, ela pode pintar e ensinar outras pessoas como fazê-lo, mas ela não pode sequer imaginar que uma casa azul não é uma boa idéia?

Mamãe e papai pareciam está esperando um comentário meu sobre a casa. Mas nunca se sabe, eu não disse nada. É uma cor nova.. não uma nova casa, não pra mim pelo menos, mas pra eles sim, e Julia não está aqui. Eles me ajudaram a levar as minhas coisas para dentro, e então ficamos todos em volta olhando um para o outro. Eu finalmente disse, - Estou com fome - só que não foi tão silencioso. Eles claro foram procurar algo para comer, eu sei que eles não fazem tudo juntos e eu mesmo os ouvi discutir de vez em quando, mas na maioria das vezes é como se eles fossem uma única pessoa. Não Colin e Grace, apenas Colin&Grace. Posso ouvi-los agora, rindo de uma piada que nunca vão compartilhar comigo. Se Julia estivesse aqui eu nunca teria ouvido, porque nós estaríamos lá fora nos divertindo. Eu não ligo para o meu quarto ou uma estúpida fechadura ou a carta de condução ou mesmo ter que ver Laurie. Eu já não me importo com nada disso.

76 Dias

J,

Sou eu, estou em casa, embora não me sinta como se estivesse. Não sem você aqui. Joguei o jornal que o Dr Marks me deu, era tão ruim, que tinha pequenos pinheiros na borda de cada página. Eu deveria está feliz, não eram ursinhos. Depois que eu joguei o jornal e as outras porcarias que o Pinewood me deu, folhetos e livros bobos sentimentais, eu encontrei meu velho caderno de química. Você se lembra das aulas de química?

Talvez não. Eu sei que eu passei porque eu usava uma saia curta, cada vez que tinha um teste. Sr. Lansing era um tarado pervertido. Nenhuma de nós teve uma nota baixa em todo o ano. Quando puxei o caderno e o folheie eram apenas páginas brancas atrás de páginas brancas, exceto por uma.

Hey, você me escreveu um recado no fim dessa página.

- De castigo depois da aula?- Sua letra é muito mais bonita que a minha.

Eu liguei para a sua casa, sua mãe desligou logo após eu dizer Olá.



78 DIAS HOJE, e minha mãe me levou ao shopping.

- Presente de aniversário atrasado - ela disse. Eu não estava autorizada a receber presentes em Pinewood.

Laurie me perguntou como eu me sentia a respeito disso, umas cem vezes. Mas quem liga? Que tipo de aniversário seria sem a Julia lá? No final, acabou sendo apenas mais um dia de terapia e má alimentação pontuada com uma visita desagradável da mamãe com o papai.

Eles cantaram "FELIZ ANIVERSÁRIO." E me perguntaram como era meu quarto, lançando olhares nervosos em volta. Foi uma visita assim como todas as outras, exceto pela canção. Laurie me perguntou sobre isso também. Ela tinha uma pergunta para tudo.

Mamãe e papai me levariam ao shopping, mas ontem à noite no jantar estávamos conversando (bom, eu quero dizer eu apenas sentei e tentei pensar em algumas coisas para dizer quando me perguntassem qualquer coisa, até agora, o jantar sempre foi com a participação apenas de duas pessoas.) e o papai sugeriu que fosse só mamãe e eu já que ela não daria aulas hoje. Ele disse que me levaria para comprar o material escolar no fim de semana.

Mamãe pareceu ofendida (oh não, eles não iam fazer tudo juntos!) e quando papai percebeu, pegou sua mão dando um olhar de "você é o meu mundo inteiro." Eu não entendo como eles podem ser assim um com o outro, isso não é normal. (Julia pensava que era fofo, entretanto ela estava apaixonada pela idéia inteira de amor. Em meu livro "Estar apaixonado" é, francamente, algo assustador.)

Enfim, eles estavam de mãos dadas e acabando as frases um do outro, meu pai estava começando a falar sobre a tentativa de reorganizar a sua agenda. Eu podia sentir-me desaparecendo, e me tornando mais uma vez a menina invisível, mas mamãe disse:

- Ah! sabe, eu acho que é uma boa idéia. - Quase pareceu que ela queria dizer isso, quase.

Nós fomos, só nós duas, e eu passei os primeiros dez minutos esperando ela murchar até porque o papai não estava por perto. Ela parecia bem, mas... bem, isto era diferente. O shopping estava maior do que eu me lembrava, muito cheio de lixo e de pessoas. Uma das primeiras lojas que passamos foi uma em que Julia e eu quase fomos presas por colocar uma saia na minha bolsa. Eu queria pegar uma xadrez, mas ela tinha encontrado uma que era muito mais legal. Ela tinha esse dom de ser capaz de encontrar as roupas mais surpreendentes em toda a loja. Dois segundos e ela teria o conjunto perfeito, um conjunto que só ela e mais ninguém poderia usar.

Enfim, ela pegou a saia, e colocou na minha bolsa, e nós quase explodimos tentando não rir no nosso caminho para fora da loja. Pensando sobre isso, eu mal conseguia respirar, tentando não rir. Quão difícil era fazer isso, uma vez que estávamos fora do shopping, a cabeça jogada para trás e os olhos brilhando.

Julia sempre ria tão alto, tão feliz. Eu nunca vou ouvi-la rir de novo. Então tudo começou a ficar ondulado e em seguida preto nas bordas.

- Mãe - eu disse. - Eu tenho que me sentar. - Mamãe me levou para a praça de alimentação, e me comprou um refrigerante e ligou para o papai. Eu não me incomodei em ouvir a conversa porque ninguém precisa ouvir "Eu amo você" um milhão de vezes. Você ficaria doente só de ter que dizer um ao outro. Eu sei que eles nunca ficariam.

Mamãe não iria me levar para casa enquanto eu não estivesse terminado meu refrigerante.

- Mas o que papai disse? - eu perguntei.



- Ele está bem. Qual loja você quer ir primeiro?

Então nós fomos fazer compras, o que mais eu poderia fazer? Entramos em loja após loja, mamãe procurando, eu ali, tentando respirar. Ela continuou me mostrando saias e camisas, coisas assim, coisas como Julia e eu sempre usávamos.

Ela até disse: - Se eu ainda tivesse sua aparência. - Eu a olhei, até que ela disse: - Oh, amy eu entendo. Você e a Júlia provavelmente vieram aqui, né? - e apertou minha mão.

Eu sempre quis fazer esse tipo de coisa com ela, ir às compras, coisas de mãe e filha. Devo ter parado de desejar isso no secundário¹. Eu nunca quis que fosse desse jeito.

No caminho de casa, mamãe perguntou sobre controle de natalidade, uma pergunta um tanto quanto casual, mas praticada pelo menos umas cem vezes. Eu respondi que não tinha nada pra dizer sobre isso.

Ela disse, - Eu sei que deve haver.- Então eu lhe disse que sabia tudo o que tinha que saber sobre isso e estava sendo mais cautelosa desde que eu tive que fazer um teste de gravidez, quando eu tinha quatorze anos. Eu não deveria ter feito isso, mas eu não queria falar sobre sexo com a minha mãe e eu sabia que isso iria interromper a conversa.

E funcionou, e pensei sobre o dia em que Julia disse que precisava comprar um teste de gravidez. Ela chorou e, em seguida, enxugou os olhos, sorriu para mim e disse:

- Vai ficar tudo bem.

Eu deveria ter dito isso a ela. Eu deveria ter dito algo, feito algo.. Qualquer coisa. Em vez disso eu apenas fiquei lá sentada. Lembrei de está sentada na casa de Julia, segurando sua mão, enquanto esperávamos os resultados. Ela andava em círculos, depois que o pequeno pau mostrou que tudo estaria bem, continuou dando voltas com um lindo sorriso no rosto. Nós fomos a uma festa naquela noite, e ela ficou tão bêbada que ela caiu e cortou o lábio. Eu tentei limpá-la mas o sangue acabou manchando toda a sua camisa, e nós duas fingimos que ela não estava chorando.

Mamãe e eu acabamos voltando para casa em silêncio. Pensei sobre o shopping de novo, eu tinha visto o Kevin lá. Puxando mamãe de uma loja para outra e lá estava ele, em pé com os amigos idiotas do lado de fora. Quando ele me viu, me olhou como se estivesse com muita dor. Não importa o quanto ele queira que Julia estivesse aqui, eu quero mais. Eu fingi que não o vi, e olhei mamãe percorrer as camisas que eu não iria deixar ela me comprar. Eu também fingi que não sentia que meu coração estava se despedaçando.

80 Dias

J,

Papai e eu fomos a uma dessas grandes lojas de escritório esta tarde. Agora tenho mais cadernos e canetas do que alguém possa querer. Quando eu estava fazendo compras com a mamãe eu realmente não podia falar, porque eu ficava experimentando coisas e só lhe dizia o que não queria (e mais, eu acho que ela estava mentalmente ensaiando para a conversa sobre sexo). Com meu pai era muito mais silencioso, porque não há muito que falar quando se trata de cadernos.

¹ Secundário aqui 10^a 11^a e 12^a que é equivalente ao 1^a ano, 2^a ano e 3^a ano, eu não sei se continua 1^a grau do ensino médio etc... então preferi deixar secundário.



Estou indo ser uma caloura, eu acho que as minhas notas finais foram muito melhores do que você disse que seria. Além disso, no primeiro dia na escola, eu tenho que ir com a mamãe para que possamos nos reunir com um conselheiro de orientação e falar sobre o "meu futuro".

Eu estava olhando para as canetas quando meu pai me disse isso, e eu pensei sobre o primeiro dia de aula no ano passado. Estávamos em seu armário, reclamando sobre nossos horários, e Kevin veio até nós e disse, "Olá". Você sorriu para ele, e foi assim que vocês começaram.

Eu estava esperando que não tivesse que voltar para escola. Peguei um pacote de canetas e ignorei papai, que continuava falando. Eu não queria lembrar do passado, do primeiro dia de aula e do seu sorriso, mas eu lembrei. Lembrei da festa, lembrei do seu rosto devastado. Lembrei do meu braço preso no seu naquela noite, e dizendo:

- Vamos lá, tudo ficará bem, a escola finalmente acabou, e o verão chegou. Kevin e o novato Skank, você pode fazer melhor e vai. Está tudo bem. Nós só precisamos sair daqui.

Saímos da festa, o ar quente da noite soprava sobre nós, e não olhamos para trás. Eu estava orgulhosa de mim mesma, você sabe. Eu realmente estava.

"Meu futuro," não há outro. "Para me odiar." Eu disse ao meu pai que iria sair e me sentei no carro, enquanto ele pagava. Voltamos para casa, e eu vim para meu quarto e não sai daqui desde então. E eu....Eu quero uma bebida ruim. Eu só quero que este momento e todas as minhas preocupações derretam-se neste calor. Quero este momento onde tudo fica bem, você sabe? Eu não mereço me sentir assim.

E eu ainda quero de qualquer maneira.



Vou voltar para a escola em breve. Muito em breve, na verdade. Amanhã é o grande dia.

Amanhã é cedo demais.

Depois de encontrá-lo, depois do que papai me contou, depois de ter escrito para Julia. Eu tive que... Eu não suportaria está na minha pele...Eu não poderia está sozinha.

Eu fui até o sótão. Olhei em volta, me sentei no chão, e em seguida me levantei novamente. Mamãe e papai me encontraram lá depois de um tempo, procurando algo para beber. Eles marcaram uma consulta de terapia de emergência para mim. Odeio ter me tornado um monte de aspas. "Em recuperação"... "Em risco"... "Assassina".

A mãe da Julia gritou pra mim na sala de emergência, na noite em que Julia morreu. Ela gritou e gritou e logo parou, olhou para mim com seu rosto firme e devastado de um jeito que eu nunca vi. Ela olhou para mim e, em seguida, sussurrou.

A gritaria eu realmente não tinha ouvido... É como a mãe de Julia sempre fala, mas aquele sussurro, um pequeno ruído - *Assassina*.- Pesou a minha volta, dentro de mim. Eu sou.

Laurie não pareceu muito surpresa, quando acabei vindo vê-la alguns dias antes do que eu deveria. Ela disse que era "bom" eu não ter bebido, e que ainda era "bom" mesmo depois de comentar o que eu teria feito se tivesse encontrado algo.

- Mas você não encontrou nada, não é?

- Eu queria, - eu disse, e então ela clicou a caneta duas vezes, e me deu uma olhada "Eu vejo algo e você não". Odeio quando ela faz isto. E odeio o clique da sua caneta também.

Mamãe me levou para casa e depois ficou comigo porque a universidade estava fechada para o Dia do Trabalho. Eu fui para o meu quarto, e quando ela veio me verificar pareceu surpresa ao me encontrar deitada em minha cama, folheando um dos seus livros de arte. Suponho que ela e papai foram obrigados a perceber, uma vez que eles tiveram de superar o fato de que, "Hey, nós temos uma filha e ela está muito confusa," ela esperava me encontrar sentada em minha cama cortando meu cabelo com tesoura de unha ou algo assim.

Eu meio que desejei agradecê-la, toda essa coisa de "Eu me importo" é estranho.

Enfim, ela fez a coisa "Eu me importo" e sentou ao meu lado, e disse:

- Eu tenho um livro melhor sobre esse período. Gostaria de ver?

- Não - eu disse. Eu estava olhando o livro porque era o favorito de Julia, era aquele que ela sempre folheava depois vinha e fumava na janela do sótão, e em seguida brigava comigo por nunca fazer isso com ela. O efeito não me deixava relaxada como fazia com ela. Só me deixava com fome e cansada.

- Ok, você gostaria de ir a algum lugar?

- Não, - eu disse outra vez, e ela franziu a testa e me perguntou se eu queria um cigarro.

- O que?

- Bem, - ela disse. - toda vez que eu e seu pai a visitávamos em Pinewood você sempre cheirava a fumaça. E eu sei que... Eu sei que ter abandonado a bebida foi difícil, e eu não quero que você pense que o seu pai e eu



não entendemos isso. Então se você quiser, podemos criar uma pequena área lá fora, talvez próxima do meu jardim de flores, e você poderia...

- Eu não fumo.

- Oh! - ela disse, e então ficou sentada lá, olhando para mim.

Olhei para o livro. O que Julia viu nos quadros? Eu gostaria de ter perguntado. Eu pensei sobre o que ela diria se até minha mãe tinha deixado. Minha mãe disse, “Por que você não fuma?”

Eu queria dizer a ela que eu costumava fumar, que Julia e eu começamos a fumar no verão e a mãe de Julia ameaçou enviá-la para ficar com a tia, porque ela estava sendo mais paranóica do que o habitual. (Só de pensar J imitando sua mãe "vocês estão usando DROGAS?" o discurso me faz sorrir.) Eu queria dizer a mamãe, eu parei porque naquela noite quando eu olhei nos olhos desfocados de Julia, eu tinha um cigarro na mão, que apesar de tudo ainda estava entre os meus dedos, a ponta vermelha fracamente acesa, apenas esperando para eu tragar de volta à vida. Tudo a nossa volta, o ar cheirava a borracha queimada e metal amassado, e meu cigarro ainda incandescia tanto quanto o mundo acabava.

Eu não fumava desde então. Eu aprendi a conviver vendo-os e sentindo o cheiro deles em Pinewood, embora eu sempre tentasse evitar, sempre tendo certeza que lavaria minhas roupas, se comesçassem a cheirar, lavando meu cabelo até que meus dedos estivessem dormentes e cheirando à apenas shampoo barato e mais nada. E o pensamento de ter um, de tragá-lo e vê-lo queimar... Eu nunca poderia fazer isso de novo. Não agora. Nunca mais.

82 Dias.

J,

Estou sentada no banheiro. Precisamente, no banheiro dos professores. Você se lembra do letreiro, e como ele brilhava, parecia que poderíamos andar perto dele. Não é muito mais bonito do que o nosso banheiro, o que me surpreendeu. Você pensava que todos os brilhantes guardariam algo interessante pelo menos.

Tenho certeza que enquanto eu não me mover, ficando aqui.. bem invisível, se eu fizer isso, eu acho que o meu primeiro dia na escola será apenas legal.

Sra. Griggles é a minha orientadora e mamãe e eu tivemos que vê-la, e ela realmente tentou parecer feliz quando entramos. Ela acabou parecendo como se alguém tivesse enfiado um limão em sua boca. Boa e velha risinho. (Eu queria que você estivesse lá para lhe chamar assim. Eu nunca teria coragem.) Eu pensei que ela fosse explodir quando viu o cronograma de classe, sugerido pela Pinewood que tinham feito para mim. Eu meio que achei que eu também fosse explodir.*

No Pinewood eu tive que fazer vários testes. Você sabe, no caso eu era, “desenvolvidamente danificada” para beber. Recusei-me a ver os resultados, o que eles fazem, importa? A única coisa que eu gosto é inglês, e inglês nas escolas de Lawrenceville tem tudo para pisotear o prazer disso para fora de você. A escola é uma perda de tempo, e a escola sem você, não era algo que eu queria para pensar, mas, aparentemente não estou desenvolvidamente danificada em tudo. Na verdade, talvez eu tenha começado a beber, porque eu “não fui desafiada suficientemente em sala de aula.” Aposto algo, que Laurie escreveu isto. Clicando sua idiota caneta.



Então, de qualquer maneira, em vez da minha programação normal nas salas de estudo de baixas expectativas, estou tendo Inglês de honra, História E.U.A de honra, Física de honra, Francês de honra, Análise a matemática de honra e Psicologia de honra, (sinto o cheiro de Laurie nisso também). Quando Giggles estava lendo a lista, eu tentei dizer: "Não, eu não quero isso", mas a minha garganta secou, e quando olhei para minha mãe, ela parecia uma estranha. Por um segundo, me esqueci e procurei por você, porque quando ia ao escritório da Giggles era sempre com você. Era sempre com você. Deus, J. você deveria estar lá, mas você não estava. Você nunca mais estará.

Eu tinha que sair de lá, então eu pedi para ir ao banheiro.

Eu estava realmente indo embora, mas no meio do corredor, percebi para onde estava indo.

Automaticamente estava indo para ele, seu armário.

Eu vi, J. você sabe o que eles fizeram com ele? Eles o cobriram com estrelas e glitter. Sobre as estrelas estão poemas ruins e pequenas mensagens para você. Com SAUDADES DE VOCÊ! AMAMOS VOCÊ! E, NÓS ESTAMOS PENSANDO EM VOCÊ!!! O abri — estava destrancado — e no interior era a mesma coisa. Todas as suas coisas se foram. O cartão que Kevin tinha dado para você, no aniversário de vocês de seis meses. As nossas fotos. A sua bolsa de maquiagens. O saco de plástico que ficava na parte de trás, o que você sempre mantinha cheios de pequenas garrafas de licor para mim e um par de pílulas para você. O casaco que você nunca usou com uma foto de sua mãe e você, onde ambas sorriam verdadeiramente, que você sempre mantinha oculta no bolso. Tudo se foi, substituído por estrelas e palavras falsas.

Eu queria cortar tudo. Você poderia. Você faria. Você sempre soube o que fazer, e o que dizer. Você sabia como fazer alguém sorrir ou calar a boca. Você pintou o seu cabelo de roxo com Kool-Aid² de sapatos, e fazia estranhos barulhos quando Giggles³ reclamava sobre nós estarmos atrasadas. Então agora eu estou aqui, na escola, me escondendo no banheiro dos professores, e eu não sei o que fazer. Não posso deixar, Julia. Estou presa aqui em pânico. Se eu fechar meus olhos, você vai vir para mim? Você não tem que fazer tudo certo. Você não tem de fazer nada, apenas estar aqui. Apenas por um segundo, por favor.

82 Dias.

J,

Eu de novo. Adivinha onde estou? Aula de História. Desculpe-me, história de honra. Mamãe me encontrou no banheiro dos professores. Eu queria perguntar como ela estava, mas não consegui. Eu não sabia como fazer.

- Você é uma menina muito inteligente, Amy,- ela disse, e foi estranho estar sentada dentro de um banheiro e ouvir isso. Foi estranho ouvir minha mãe dizer. "Você tem uma oportunidade para. . ." Depois ela parou, o que foi bom porque eu estava com medo que ela fosse dizer algo como "um novo começo" ou "uma segunda chance." Eu estava com medo que ela dissesse algo como eu não tenho nenhuma idéia de como

² <http://blogmeisterusa.mu.nu/archives/koolAidPacketGrape.gif>
<http://www.grooveeffect.com/images/kool-aid-reebok.jpg>

³ Ela faz um trocadinho com Giggles = risonho com o verdadeiro nome da orientadora que é Griggles.



conseguir não ser capaz, mesmo se fizesse. Eu estava com medo que ela dissesse algo que eu não merecesse ouvir.

Esta menina fica olhando para mim, ela me parece familiar. Ela tem uma aparência simples, cabelo loiro e totalmente adorável do modo que só meninas como ela podem ser. Você a imitaria, me faria rir e eu esqueceria que sou muito mais alta que ela, e nem um pouco adorável.

Há dois caras olhando pra mim também. Eu acho que fiquei com o primeiro ou algo parecido, porque ele desviava o olhar quando eu olhava para ele. Ele provavelmente tem uma namorada, e ela provavelmente está nesta classe também. Ótimo, o outro cara eu não sei. Há alguma coisa nele, mais quando eu o olhei, ele apenas olhou para mim. Não é isso que caras fazem quando eu olho para eles. Eles sorriem e olham para longe ou somente olham para longe. Eu não entendi. Essa menina ainda está olhando pra mim. Este vai ser um longo, longo dia.



QUATRO

Eu não fiquei com o cara que desviava o olhar. Na verdade, eu não fiz nada com ele. Quanto mais eu o olhava, mais eu tinha certeza de que eu nem o conhecia. Quer dizer, eu o tinha visto em algumas festas, mas festas são assim... Ou pelo menos as daqui são, você vê todo mundo e todo mundo te vê. Em inglês ele se sentou perto de mim, sorriu e disse:

- Oi, eu sou Mel.

- Olá, eu disse de volta, e todos notaram, me refiro as meninas que estavam observando. Foi fácil saber o porquê. Mel seria o garoto mais bonito de sempre, a não ser por duas coisas:

1. Ele mal chega nos meus ombros.
2. Ele não fica calado. (Foi quando eu tive a certeza que não tinha feito alguma coisa com ele. Eu nunca gostei de faladores.)

Estes alunos que tem aula de honra tem tudo tão fácil. Em Inglês, por exemplo, a nossa tarefa era se sentar em grupos e discutir as nossas idéias sobre um livro. Isso é uma aula?

Por favor. Era exatamente como sala de estudos, só que mais chato.

Enfim, Mel acabou ficando no meu grupo. A garota da aula de história também e Mel lhe chamou de “Caro.” E logo que ele disse, eu percebi que a conhecia. Julia e eu costumávamos ser amiga dela. Há algum tempo atrás na escola, saímos com Caro por um tempo. Ou, como J chamava, xarope de milho. Não me lembro de quando Julia apareceu com o apelido, mas combinava. E ainda combina.

Ela me olhou quando sentei mas, (obviamente) não falou comigo. A última pessoa no grupo era o outro cara, o que tinha me encarado na aula de história. Ele não disse nada para mim ou pra qualquer outra pessoa, apenas encarava sua mesa até que Mel disse:

- Patrick, o que você acha?

Patrick levantou os olhos, encolheu os ombros, e depois olhou para mim antes de encarar sua mesa novamente. Foi quando percebi que, enquanto não tinha ido com a cara de Mel eu definitivamente tinha ido com a de Patrick.

Ele olhou para mim, e todas essas coisas que eu achava que eu tinha esquecido voltaram com força total.

Eu passei o resto da aula olhando para a parede e pensando sobre como Júlia e eu costumávamos ir para Panquecas 24hrs depois das festas e comer panquecas com pedaços de chocolate e beber café até a garçonete aparecer e dizer, - Então, você vai pagar com cheque ou o quê?

Assim que a campainha tocou, eu fui até a enfermeira com falsas câibras. Ligaram pra mamãe, que ligou para o papai, que ligou de volta para escola e pediu para falar comigo. Ele disse, - Liguei para Laurie e ela disse que você realmente precisa de uma bengala.

Uma pausa, - Querida.

Sim, papai está tentando me chamar com apelidos carinhosos. Não está funcionando. É óbvio que ele está sempre dizendo para a mamãe e ele fazer isso com outra pessoa é estranho.

- Tudo bem - eu disse, e desliguei. Estúpida Laurie. Eu pensava que ela supostamente deveria me ajudar e não me torturar.



A enfermeira deveria ter me mandado de volta a aula em seguida, mas ela não mandou. O que da parte dela foi legal. Eu devia ter imaginado que algo de ruim iria acontecer.

Ela me disse para não mentir de novo e me trouxe um copo de água. Quando eu acabei, ela começou a falar sobre o seu filho mais velho e como ele também estava em Pinewood. Então ela disse: - Você sabe, eu lembro de ter visto você e Julia, - e antes que ela pudesse dizer outra palavra, eu lhe disse que estava me sentindo melhor e sai.

Eu só tinha mais uma aula. E era física, o que me deixava de novo com a turma de honra. E também era mais trabalho de grupo, desta vez, resolver algum problema envolvendo bolas de rolamento de metal através de alguma engenhoca e medindo coisas. Ninguém iria me deixar tocar em nada, o que estava bom pra mim. Eu me sentei e, em seguida uma menina disse: - Você tem certeza que deveria estar nessa aula?

Tentei fazer aquela coisa de "dar-um-gelo", era o que Julia faria quando estava zangada. Ela viraria e agiria como se quem estivesse falando não existisse. Ela fazia isso muito bem até com Kevin e das duas vezes que fez isso comigo, dez segundos depois me implorou para que falasse com ela.

Mas a minha tentativa? Não funcionou. Virei-me rápido demais e bati meu quadril na mesa. Eu agi como se não tivesse notado a minha falta de jeito (ou dor), ignorei todas as risadinhas na minha mesa, e olhei ao redor da sala. Na verdade reconheci várias pessoas que frequentavam as festas. Eles parecem diferentes quando não estão arrumados. Menos humanos.

Mel balançou a cabeça para mim quando eu o vi, ele disse algo ao Patrick, que moveu o lápis em sua mão e em seguida, olhou para a janela. Mel suspirou, me deu um meio sorriso, e depois voltou ao trabalho, Patrick ficou olhando pela janela, mesmo quando alguém da mesa ao lado disse algo, o meu nome e de alguns caras, certificando-se que saísse alto o suficiente para eu ouvir. Como se eu já não soubesse que eu tinha uma reputação. Por favor, eu trabalhei demais nisso.

Eu tenho essa teoria sobre sexo. Eu nunca falei sobre isso com Julia, por que. . . bem, porque eu só vim ter ela hoje, enquanto eu me sentava nessa estúpida aula. Mas eu acho que é muito boa, acho que Julia teria gostado.

Está é a minha teoria.

- Se você dormir com uma cara bem, quem se importa? Ninguém. E geralmente não tem tantas fofocas do que se você for virgem.

- Dois caras: Bom, ao menos que você faça com os dois na mesma noite e for suficientemente idiota para deixar alguém tirar fotos. (Stephanie Foster!)

- Uma vez que você passa de dois, o número de caras com quem você dorme fica mais complicado. Digamos que você dorme com três rapazes. Todo o mundo saberá que você dormiu com dez e falaram muita merda sobre você.

- Quatro rapazes: significa que as pessoas pensam que você dormiu com tantos que todo cara bêbado ou drogado (ou ambos) vai falar com você, porque, hey, você tira a roupa pra qualquer um.

- Mais de quatro? Você é patética, uma puta doente e todos sabem disso, os caras que você irá conseguir são os fracassados e mesmo assim eles nunca te ligaram e sempre usarão preservativos, porque bem, olhe onde você está.

- É por isso que cinco é o número perfeito. Você é deixado em paz e se você realmente tiver vontade de fazer algo, (que nem eu, conseguir ficar com cinco foi suficiente, obrigado) você pode encontrar alguém estúpido e esquecível e que não irá se transformar em drama. Ou num relacionamento. (Que é realmente a mesma coisa.)



Sinto por não ter contado isso a Julia antes. Ela teria adorado. Ela teria feito uma camisa que diria “puta patética” em lantejoulas. Ela teria usado, ela também riria e chutaria qualquer um que dissesse algo.

Estive com cinco garotos e meio, eu sempre disse a Julia apenas cinco. Eu não, eu não quis falar sobre o meio. Nem mesmo com ela.

Patrick era o meio. Aconteceu em uma festa em Millertown no final da Primavera passada, aquela em que Julia decidiu que deveríamos ir porque ela estava brigada com Kevin e pensava que ele estivesse lá. Ele não estava e ela tinha um pouco de ácido e depois ficou puta comigo porque eu não usaria, me balançou, mas quando lhe lembrei que o ácido sempre me assustava e que eu estava bem, afinal eu tinha a vodka que tínhamos pego anteriormente.

- Você não vai beber mesmo, ao menos que você comece à abrir a garrafa - ela disse. A sua voz suave mas as suas palavras afiadas, me cortando do modo que só ela faria.

- Você é uma chata controladora.

Eu fui para trás, magoada pela raiva em sua voz, e ela suspirou e jogou seus braços em volta de mim, e disse: - Deus, Amy, vamos lá, divirta-se. Vamos nos divertir um pouco! Viva!

E logo ela girou para longe, levada pela festa. E não olhou pra trás.

Tomei minha vodka, tentando encontrar coragem para procurá-la, mas não funcionou. O mundo estava turvo da maneira que eu gostava, mas eu não me sentia relaxada e segura. Me senti muito bêbada e estúpida, fora do lugar. Todos ao meu redor estavam se divertindo, mas eu não estava. Eu queria estar me divertindo, mas não estava, no fundo, eu nunca estaria. Não do jeito que Julia podia. Eu nunca poderia estar. Um droga, mas era como as coisas eram para mim. E mais, eu odiava saber que Julia estava com raiva de mim. Assim saí da festa e fui para fora esperar no carro dela.

Tropecei em alguém nos degraus da varanda, quando estava indo. Um rapaz, sentado com um copo cheio de cerveja ao seu lado. Ele estava olhando para longe, braços em volta das suas pernas. Ele parecia tão infeliz quanto eu estava.

- Desculpe,- eu disse automaticamente.

- Minha culpa. - Ele disse, - Você está bem?

- Estou bem, - eu disse, outra resposta automática, e ele disse, "Ok", e levantou-se. Quando o fazia, sua mão tocou a minha, e eu senti algo estranho, um abalo repentino dentro de mim.

Eu costumava ficar aborrecida sempre que Julia falava como ela sentia uma faísca quando Kevin a tocava, mas a verdade era que depois daquele dia eu sabia exatamente o que ela sentia. Só que eu nunca lhe disse. Ele deve ter sentido o abalo também porque ele calmamente disse, - Oh! - Quase assustado.

Acabamos no porão, deslizamos por uma porta de vidro e entramos. Estava escuro e inacabado, uma única lâmpada iluminava uma parte do flácido sofá, nós sentamos.

Nós não falamos muito. Seu nome era Patrick. Eu disse: - Eu sou Amy, - e esperei a porcaria habitual sobre como ele já tinha me visto antes. Ao contrário, ele olhou para o chão e disse, - você sai com aquela garota, Júlia, certo?

- Sim.



- Foi o que eu pensei. Eu não vou a muitas festas.

- É? Eu vou a muitas.

Ele acenou com a cabeça e depois olhou para mim. Havia algo em seus olhos, era quase medo. Foi estranho, mas. . . Eu não sei. Isso me fez realmente querer olhar para ele, não apenas como mais um cara aleatório, mas como uma pessoa.

- Está solitário, você não acha? - ele disse, gesticulando em volta da sala. Todas as paredes estavam vazias e as vigas expostas. Mesmo as teias de aranha nos cantos do teto estavam empoeiradas, como se tivesse sido abandonado. Um dos seus dedos roçaram meu braço e eu senti aquele tremor de novo. Era como se parte de mim estivesse dormindo até aquele momento. Como se de algum modo, eu estava esperando por algo que eu ainda não tivesse conhecido.

- Parece seguro, - eu disse, honesta como nunca tinha sido com nenhum cara antes, o que fez aquela faísca, e o medo nos seus olhos derretidos em algo mais, algo como compreensão. Se ele tivesse tentado me beijar, então nada de importante teria acontecido. Nós teríamos transado e teria sido ele. Mas ele não tentou me beijar. Ele simplesmente se inclinou e empurrou meu cabelo para trás com uma mão, colocando-o atrás das orelhas. Os caras faziam isto o tempo todo com Júlia porque ela tinha um bonito e longo cabelo cor de mel, o meu é curto e vermelhos são como as folhas antes de caírem.

- Por que você fez isso? - eu disse.

- Porque eu quis, - ele disse, e pareceu tão surpreso, como se fosse algo novo para ele, que o beijei.

Eu tinha beijado caras antes, e beijei caras depois e eram todos iguais. Eles não eram nada. Mas eu lembro daquele beijo, a estranha satisfação dele, o gosto da sua boca, surpreendentemente normal, sem o gosto de fumaça e álcool que costumava sentir. Ele me tocou como eu esperava, o que foi perfeito, as suas mãos desajeitadas longe das minhas roupas e a sua respiração presa quando eu levei minhas mãos até sua camisa e a puxei por cima da sua cabeça. Senti-me melhor do que o habitual, porém, tocar ele e ter ele me tocando, isso me fez sentir estranha. Ansiosa. Mas eu não me afastei. Essa maldita faísca, aquele puxão que sentia quando as nossas mãos se tocavam, me mantinha lá.

Eu sempre escolhia caras muito magros antes, caras que estavam todos só os ossos e ângulos. Caras que ficavam pequenos nos meus braços, caras que eu podia ver ao redor. Patrick era sólido, e em vez de costelas e omoplatas, senti o músculo ondulante sob sua pele. Devo ter achado estranho, mas isso não aconteceu. Eu não podia mesmo ver em torno dele, mas eu não me importei. Ele estava se esfregando contra mim, ainda com seu jeans, e era tão bom que eu não conseguia alcançar seu zíper e tirar suas coisas. Sentia minha pele muito quente e muito apertada de uma maneira que nunca tinha sentido antes, e eu cravava minhas unhas em seus ombros, incapaz de pensar, mas alguma coisa estava para acontecer. E foi então que aconteceu.

A única vez que isto aconteceu, apesar do que eu disse a Júlia quando ela ficou puta comigo, depois de que eu lhe disse que não havia nenhuma maneira dos orgasmos que ela tinha com Kevin, valerem a pena ela socar algumas garotas que davam em cima dele. Ela disse que eu nunca iria entender, e como eu poderia, já que eu só fiquei com caras que eram muito idiotas para saber que as meninas poderiam tê-los? Eu tive que mentir para ela, então, só assim eu poderia obter o meu ponto.

Eu gostaria de não ter agora. Eu gostaria de ter-lhe dito que ela tinha razão sobre os caras que eu escolhi. Eu poderia ter-lhe dito que tinha medo da droga fora de mim.

Eu empurrei e depois afastei Patrick até que eu estivesse livre, levantei e peguei a minha roupa e eu corri para fora pela porta que nós entramos. Olhei para trás apenas uma vez. Eu não sei por que fiz. Ele estava



sentado ali, olhando para mim, e vi o seu rosto perplexo, as pequena marcas que eu tinha deixado no seus ombros. O vi, e quis voltar.

Eu nunca quis isto, não alguma vez, não importa o quanto eu bebesse, e então eu corri. Corri o mais rápido que pude. Eu fui para o carro da Júlia, entrei e tranquei a porta. Me enrolando no banco de trás, na escuridão. J me encontrou mais tarde, como sempre fazia, e disse que estava arrependida por antes.

- O que você está fazendo? - perguntou, e eu menti para ela.

- Nada, eu disse. - Eu só estou aqui.

Eu sinto muito sobre isso agora. Eu só não acho que ela iria entender. Sexo sempre foi algo que Júlia esperava e levava a sério, para realmente estar com alguém.

Eu nunca quis esperar nada. Eu tinha sexo quando eu estava bêbada, porque era uma maneira de estar perto de alguém sem realmente estar perto de tudo. Eu sei o que as pessoas dizem sobre isso, a intimidade física e emocional do sexo, que seja menos de um minuto, coberto por látex dentro de mim não é íntimo. Nem mesmo é pele com pele se tocando.

Eu não sei por que eu estou pensando sobre isso. Sobre Patrick. Aconteceu há anos atrás, e isso não importa. Eu só me sinto tão mal sobre este estúpido dia e todas essas estúpidas aulas, e eu tenho que me levantar e fazer isso de novo amanhã e no dia seguinte e no dia seguinte e...

Liguei para a casa da Júlia. Eu tinha que ligar, e não disse nada quando a mãe dela respondeu. Eu não conseguia encontrar as palavras certas, não pude encontrar nenhuma palavra, mas acho que ela sabia que era eu. Ela me disse que esperava que eu estivesse orgulhosa de mim mesma.

Ela disse: - Qual é a sensação de saber que você tirou a vida de alguém? - Eu não sei se ela queria dizer a de si mesma ou de Júlia.. Talvez fosse ambas. Eu disse, - Sinto muito, - as palavras, finalmente começando a vir, mas já era tarde demais. Ela desligou e eu falei para o silêncio. Para ninguém.

88 Dias

J,
As coisas não estão voltando a ser como sempre eram em casa, e tipo, isto me assusta. Não assustada do tipo "Estou indo beber," embora eu suponho que se eu soubesse fazer drama direito, eu estaria fazendo exatamente isso. Mas eu nunca soube como fazer drama. Não é? Não importa como eu tinha ido embora, eu nunca enfrentei meus pais ou dancei em cima da mesa. Somente caía nos sofás ou cadeiras nas festas, acenava para as pessoas ou falava com você. Eu fiz sexo cinco vezes e três vezes no nono ano, e duas vezes ano passado. (Eu sei o que você está pensando, e sim, eu sei que você sabe agora sobre Patrick, porque eu aposto que você sabia tudo, e sim, eu deveria ter dito a você, mas eu não quero entrar nessa de novo. Okay?)

A primeira coisa que tive que fazer quando estava em Pinewood era ter que falar sobre as coisas que fiz enquanto estava "sob a influência", eu recebi estes olhares, "Esta é a sua história? Isso é tudo que você fez?"



Eles sumiram quando eu falei sobre você. O que eu fiz. O problema aqui em casa é que os meus pais continuam falando de mim e está tudo bem, é estranho. Eu não sei como falar com eles. Eu fico entre a vontade de gritar com eles, por não terem se importado o suficiente para fazer isso antes e quero lhes contar tudo.

Tudo ,J. Quero lhes dizer por que é tarde demais, e lhes dizer que se sentem perdidos. Lhes dizer que é assustador ter de ir para as aulas com os estranhos obcecados por maconha.

É uma merda você ter que morrer antes que eles percebam que talvez eles deveriam tentar falar com sua própria filha, de vez em quando. Vou mostrar como é estranho, esta foi à conversa que tive com minha mãe ontem depois que ela me levou da escola para casa:

Mãe: [no telefone] Amy. [longa pausa] Querida. (Aparentemente, ela está tentando pegar o jeito sobre ser carinhosa.) Onde você está? Talvez devêssemos falar sobre a sua... oh. Você está na cozinha.

Eu: Sim. Lembra, estávamos aqui há aproximadamente cinco minutos? Você me viu sentar e disse que estava indo guardar sua bolsa?

Mãe: Claro! Eu só achei que você poderia ter ido até seu quarto.

Eu: Oh, eu posso. Quero dizer, eu vou. Só vou pegar minhas coisas e...

Mãe: Não, não, fique. [Sentada] Como foi seu dia?

Eu: Hum. Agradável.

Mãe: Como estão suas aulas?

Eu: Legais.

Mãe: Você está fazendo o dever de casa?

Eu: Sim

Mãe: Como você está se saindo? Eu sei que pode parecer como um monte de dever. Não que eu ache que você não pode fazer o dever mas...

Eu: Esta tudo bem.

Mãe [visivelmente aliviada]: Ah, bom. Eu gostaria de um lanche.. Você quer um sanduíche de mortadela?

Eu vou fazer um. [em pé]

Eu: Eu sou vegetariana. Sou desde que tinha treze anos.

Mãe: Ah. . . Eu não. . . Eu vi você com um pedaço de pizza de pepperoni, mas eu não achei que isso significasse qualquer coisa, quero dizer, eu não sabia que você estava tão comprometida. Eu acho que isso é ótimo, realmente, e...

Eu: Obrigada. Eu só vou pegar minhas coisas e ir lá para cima.

E fiz. Mamãe parecia tão triste ficando lá, sozinha. Como ela... Eu não sei. Ela queria que eu ficasse lá com ela? Mas se isso fosse verdade, porque ela simplesmente não disse? Acho que ela sabe por que ela não o fez. Ela se sentiu mal pela bagunça que ela e o Papai fizeram. Não era realmente tudo sobre mim. Mas,



ainda assim, J. Aquele olhar. Fez-me sentir horrível. Me fez sentir algo mais, algo que deixou um gosto amargo na minha boca e minhas mãos fechadas em punhos.

Veja, agora tudo que faço vale a pena ser notado. Agora eu quero lhes dizer algo. Agora, quando o que fiz é tudo o que posso ver, quando me olho no espelho.

Depois há a escola. Enquanto eu evitar seu armário, tudo bem. Mais ou menos.

Ok, realmente não. É chato. Obviamente, eu não vou sair com as pessoas que nós usamos. Basta olhar para eles que me faz pensar em você e, bem, eu posso lidar com isso. Mais. . . J, me evitam. Eu não os culpo. Eu não falaria com qualquer um deles depois do que aconteceu, ou até mesmo em seu funeral.

Eu fui para Pinewood este verão, e não para festas. Eu estava lá quando você morreu. Eu sou a razão pela qual você morreu. Então, sem velhos amigos. E sem novos entre os meus colegas idiotas da classe de honra, que, francamente, está ótimo pra mim. Eu não estou tão interessada em sair com pessoas que manda empurrar pólos em cima das suas cabeças.

No entanto, e eu sei que você vai achar isso divertido, a xarope de milho Caro, falou comigo! Nós estávamos sentados em nossos grupos na aula de Inglês quando alguém do outro lado da sala mencionou o seu nome, e eu apenas...fique perplexa ou me apavorei. Eu acho. O meu cérebro tipo somente foi pzzzt, e a minha cara ficou toda quente, e parecia que não podia ouvir ou pensar ou algo. Eu estava vagamente consciente, olhava para Mel e depois para Patrick (que, como sempre estava olhando para a sua mesa, mas eu acho que ele poderia ter olhado para mim). Mas Caro disse qualquer coisa. Ela disse: - Amy, você está bem? Você precisa de um pouco de água ou... - mas, em seguida, Beth Emory zombou de mim e xarope de milho se calou. Ela não falou comigo desde então.

Você se lembra da Beth Emory, né? Outro pesadelo do ensino médio. Ela ainda é exatamente a mesma. Maravilhosa, Quer dizer, e capaz de dizer coisas que fazem seus amigos agirem como pequenas ovelhas assustadas. Baaaaa.. E é Claro, Caro ainda sai com ela.

Atualmente, há apenas uma pessoa que realmente fala comigo. É aquele cara, Mel. Na aula de Inglês, quando estamos presos no mesmo estúpido grupo, ele sempre está me fazendo perguntas. "Qual é a sua cor favorita?" ou "Como você deixou a psicologia e mudou para ciências?" Coisas assim. É esquisito, porque enquanto ele parece saber um monte de coisas sobre mim...como o meu horário por exemplo... e está sempre perguntando coisas, ele não parece tão interessado nas respostas. Eu não o entendo, mas desde que eu não me importe isto funciona muito bem.

Você sabe o que o meu maior problema na escola? Almoço. Eu não esperava isso. Em Pinewood nós tínhamos que fazer um monte de troca de papéis (eu sei!), E sempre fui muito bem com o "aprender por mim mesma". Mas na escola isto é diferente. Quem se senta, onde, com quem e por que, importa. Importa muito, e o fato de que eu não tenho ninguém para se sentar, er bem, você sabe o que me torna. Há várias outras pessoas que comem sozinhos, mas não sem vontade durante este momento muito especial, e mesmo se eu estivesse ainda não seria o bastante para me fazer sentar com a menina que precisa que digam para ela descolorir seu bigode ou o cara que sempre usa terno e gravata. Suponho que ele está fazendo uma verdadeira declaração de moda, mas isso é a escola. Você não deveria ser verdadeiro. Você deveria se parecer bastante como todos os outros, e esperar pelo mundo lá fora.



A escola começou bastante normal, aulas chatas, gente chata. O de costume. E então veio o almoço. Era o mesmo de sempre em primeiro lugar. Comprei batatas fritas e um refrigerante, e em seguida, peguei um lugar no fim da mesa dos calouros rejeitados. Enquanto os rejeitados (todos espinhentos e desesperados) olhavam para mim, ouvi um deles sussurrar "Julia", e pensei nela sentada em frente a minha casa com seu copo de café da loja de conveniências soprando a espuma do copo e esperando por mim.

Ela sempre o fazia "nevar" quando entrava no carro, e por um segundo era como isto costumava ser, eu colocando o cinto, bocejando, e ela rindo com pequenas espumas caindo sobre nós. Eu senti meus olhos procurarem os espinhentos e olhei para as minhas batatas fritas.

Então, alguém se sentou na minha frente. Eu tinha certeza que era aquela menina gorda de bigode, e eu sei que eu deveria ser legal com os meus colegas perdedores. Mas que se dane. Eu sei que eles olham para mim e vêem exatamente o que eu vejo quando eu olho para eles. Eles vêem alguém que não consegue encontrar uma pessoa para almoçar. Eles vêem uma perdedora. É isto o que eu sou. Isto é o que a menina de bigode também é, e bem, se há uma razão do porque ninguém quer sair comigo. . . não é difícil de entender por que ela também está sozinha, não é?

Não era ela, entretanto. Era a louca xarope de milho Caro, com uma bandeja cheia de alface e refrigerante diet e a sua bolsa bonitinha. Larguei a batata que eu estava segurando.

- Eu pensei talvez que você poderia querer revisar as notas de físicas de ontem, - ela disse. O rosto dela era vermelho luminoso e as suas mãos estavam tremendo. Eu dei uma olhada ao redor da lanchonete. Me levou um segundo para achar a mesa dela, que estava no outro lado, onde era permitido as pessoas que têm alguma posição social se sentar. Seus amigos estavam rindo e Beth estava comendo salada e olhando presunçosamente. Eu soube o que estava acontecendo imediatamente.

Antes de Júlia, Beth e sua turma de perdedores eram os meus "amigos", o que significava que Beth sempre estava com raiva de mim e me obrigando a fazer coisas para provar que eu estava arrependida ou pior, fazendo coisas para eu me arrepender por tudo o que eu tinha feito de errado. Na quarta série, ela me fez sentar sozinha enquanto íamos a uma visita para o aquário, enquanto ela e Caro e Anne Alice passavam porcarias no meu cabelo. Eu ainda me lembro de sentir Caro esfregar bolo na minha cabeça.

Hoje eu tenho de ser a porcaria no cabelo da Caro.

- Quanto tempo você tem que ficar, para Beth te perdoar? - Eu perguntei. O rosto de Caro ficou ainda mais vermelho.

- Eu não... - ela disse, e olhou para a mesa dela. Beth deu um sorriso apertado e, em seguida, se virou apenas o suficiente para mim e Caro poder vê-la dizer algo.

- Eu apenas pensei que talvez você queira alguma ajuda para se recuperar. - Na mesa de Beth, todo mundo riu de novo.

- Posso te perguntar uma coisa?

- Claro. - Ela tentou um sorriso, falhou, e torceu o garfo em volta da sua salada realmente difícil, espirando cenoura e alfaces muchos pelo ar. Seu rosto ficou ainda mais vermelho. Eu quase senti pena dela, mas depois lembrei que ela escolheu sair com alguém que a tratava como sujeira.

Então eu disse, - Você teve uma escolha? Como se fosse eu ou o cara do nariz escorrendo ou a menina de bigode, ou eu sou o castigo máximo? Fale com a garota cuja melhor amiga está morta e...



- Ninguém acha que a culpa é sua, - disse Caro rapidamente, muito rapidamente. Engasguei embora não houvesse nada na minha boca, minha garganta se fechando apertando em torno de suas palavras. A sala ficou embaçada a minha volta, minha vista turva, e eu empurrei a mesa para longe.

A questão é, eu sei que as pessoas sabem o que aconteceu. Sim. Eu sei que todo mundo olha para mim e vê morte rabiscada pela minha pele. Só foi um pouco estranho alguém ter finalmente dito isso. Doeu muito, mais do que eu pensei que fosse doer, esta torção estranha ,torcendo em meu peito, como se meu coração quisesse parar de bater, mas não podia.

Não vá. Eu olhei à menina de bigode. Ela estava me olhando, mas depressa olhou longe quando nossos olhos se encontraram. Claramente eu tinha superestimado minha posição social.

- Desculpe, - disse Caro ainda mais rapidamente. - Não vá. Por favor. Tenho de falar com você durante cinco minutos. - Eu sei o que Julia teria feito. Ela teria despejado na cabeça de Caro as batatas fritas e sairia. Mas eu olhei para ela, tão miserável e tão claramente desesperada para sua amiga (na verdade, uma amiga que é maldade pura, mas ainda assim) falar com ela novamente, e eu poderia fazer isso. Quer dizer, eu sempre odiava quando Julia estava com raiva de mim. Então eu voltei a me sentar.

Ela realmente falou sobre física. Eu pensei que nós nos sentaríamos em silêncio mas eu acho que Beth disse para Caro falar e imaginou que física seria bem mais fácil ou algo assim. A coisa engraçada é, ela estava realmente feliz falando sobre isso. Como, o rosto dela se iluminou e ela estava sorrindo e quando eu fiz as suas perguntas, ela realmente começou a falar. Caro era muito mais inteligente...pelo menos em física,ela deixou claro porque ela começou a falar sobre coisas que nós ainda nem demos nas aulas. No meio da sua explicação sobre medir a velocidade da luz, nós começamos a conversar sobre o tempo de viagem (eu sei como soa, mas é realmente bem interessante) e antes que eu me desse conta, o almoço tinha terminado.

Fiquei surpresa. Xarope de milho também. O sino tocou e os olhos dela ficaram enormes. Ela deu uma olhada para Beth e começou a correr pra fora. E então ela hesitou, só durante um segundo, como se nós fôssemos continuar falando. Ela fugiu, claro, mas fiquei surpresa por ela ter parado, mesmo por aquele instante.



Hoje era também o dia com Laurie...como se eu já não tivesse lidado com bastante porcaria, com a Caro e o almoço. Eu esperava ter que faltar à escola para ver Laurie, mas é claro, ela tinha tempo à tarde para seus pacientes "adolescentes".

Sorte, sorte a minha. Mamãe, graças a Deus, teve que fazer algumas compras e me deixou só. Eu não estava querendo discutir sobre “como vão as coisas?” com ela, enquanto eu estava presa na sala de espera. Eventualmente, eu acho que Laurie deveria saber de alguma maneira que eu tinha olhado todas as revistas por duas vezes, e eu estava pensando em fugir quando mandou me chamar.

Ela começou normalmente...para ela, de qualquer maneira, com o “Como você está se sentindo.” Essas perguntas e toda essa baboseira. Mas depois ela disse: “Hoje eu quero falar sobre a Julia”.

-- Esta bem, ela se foi faz noventa dias -- eu disse, porque dizer pra Laurie cala a boca não funciona. Eu já tentei.

-- Não -- disse ela. -- Quero dizer, me fale sobre ela.

-- Bem, o acidente...

-- Não, antes disso. Quando foi que você a conheceu?

-- Ela se mudou para cá, quando ela tinha doze anos.

Laurie ficou em silêncio. Ela faz isso às vezes. Eu nunca sei dizer se é porque eu disse algo de errado ou porque ela está pensando. De qualquer maneira, eu sempre acabo gaguejando. -- Eu tinha onze anos.-- Viu?

Gaguejei. Laurie realmente se preocupa quando eu conheci a Julia? Duvido muito.

-- O que Júlia pensava sobre você beber?-- E mais uma vez, eu estava certa. Ela foi diretamente para a bebida.. Tão previsível.

Olhei para ela, irritada. Ela olhou de volta.

Bem, se não tivesse sido para. . . se não tivesse sido durante aquela noite, para mim, ela nunca teria...

-- Não vamos falar sobre isso agora. -- disse Laurie.

-- Você bebeu antes do acidente, certo?

-- Sim.

-- Muito?

Eu dei de ombros. Não era como se nós já não tivéssemos falado sobre isto antes.

Mas ela ficou em silêncio novamente, então eu finalmente disse, -- Sim, muito.

-- Quando você bebia?

-- Antes das festas, nas festas. Finais de semana. Ano passado, embora, eu bebesse na escola às vezes.

-- Por que nas festas? Porque às vezes na escola?



Eu fiz uma careta pra ela, porque, realmente, quão idiota ela poderia ser? Até eu sabia que eu bebia porque me fazia sentir bem em ter o cabelo vermelho e estranho e ser tão alta. Também me deixava menos nervosa sobre como agir feito uma idiota na frente de outras pessoas, e as festas e escola foram momentos em que eu desesperadamente não queria parecer estúpida. Beber me fazia sentir muito melhor sobre...bem, tudo.

-- Amy, eu sei que nós conversamos sobre isso antes, mas acho que devemos falar sobre isso novamente. Deixe-me fazer outra pergunta -- disse Laurie, como se eu pudesse impedi-la. -- Que tipo de coisas você fez para impedir os seus pais de perceberem que você tomava o álcool deles?

-- Os meus pais não bebem.-- Eu sabia que ela tinha tudo isso no seu pequeno arquivo ou diagrama ou algo assim. A minha primeira semana em Pinewood falei e falei e falei sobre toda essa merda, e ela estava na sala quando o fiz. (E ela tinha a sua maldita caneta.)

Laurie não disse nada, no entanto, só lançou seu olhar de interessada. (Você acha que eles aprendem mais de uma expressão na escola.) Então eu suspirei e falei o que ambas já sabíamos.

-- A minha mãe tinha um primo que morreu com intoxicação por álcool quando ele tinha vinte e dois anos. A tia do meu pai era alcoólica. Por que você simplesmente não diz que você quer me perguntar sobre a morte dos meus parentes bêbados?

-- Agora, eu realmente gostaria de me concentrar em você. Como é que você bebia? Revirei os olhos e abri minha boca, fingindo está segurando uma garrafa.

Ela clicou sua caneta duas vezes. Eu odeio essa maldita coisa.

-- Julia devia furtar as coisas da sua mãe ou encontrávamos alguém que poderia comprar para nós.

-- Então ela bebia também?

-- Claro, se não havia mais nada por aí.

-- E se houvesse?

-- Se houvesse o quê?

-- Se houvesse alguma coisa por aí?

-- Então, ela faria isso.

-- Entendo, -- disse Laurie, e o minuto que ela fez, eu soube onde ela chegaria e estava me enchendo com essa porra.

-- Julia não gostava de quando eu bebia, você sabe.

Como, se eu vomitasse, ela dizia que eu deveria pensar em parar, e que era estúpido eu beber quando eu poderia fazer algo que não me deixaria totalmente mal como um pouco de ac...do. Enfim, ela tinha que desviar o olhar. E desviou. Mas eu não fazia um bom trabalho em desviar os olhos dela.

Ela concordou. -- Para a próxima vez, eu quero que você pense sobre o que falar sobre a Julia. Não é sobre o acidente. Apenas sobre ela. Como ela era. Como você a conheceu, que tipo de coisas vocês faziam juntas. Você poderia fazer isso?

-- Eu acho que sim.



Depois disso, nós falamos sobre as coisas de costume, quando Laurie dizia que nós estávamos "Resumindo," eu quero beber, o que eu faço quando eu quero beber, uma revisão das minhas "habilidades de enfrentamento", blá blá blá. Juro que poderia dizer a Laurie que eu somente matei alguém e ela ainda assim me faria rever o que eu "aprendi."

Aqui está a conversa sobre isso: quantas vezes eu quis beber, não parece ser um grande negócio para ela. Como poderia não ser? E olha o que eu fiz? O que a bebida me custou, minha... Como posso sequer pensar sobre isso tudo?

Mas eu penso.

Eu disse-lhe também um pouco sobre o almoço. Não sei por que, porque ela disse que achava que eu deveria tentar "puxar conversa" com o xarope de milho. Sim, ok, ótima ideia.

Laurie realmente não sabe como é trabalhoso a escola. Mas os adultos são assim. Eles pensam que a vida na escola é tão fácil, que não é grande coisa. Eu gostaria de vê-los voltarem para a escola. Laurie não duraria um dia.

99 Dias.

Okay, J, é sexta-feira à noite. Você está pronta para ouvir os meus planos emocionantes?

Meus pais pediram para me juntar a eles, enquanto eles assistem algum especial no History Channel. Então, eu estou aqui na sala, deitada no chão e fazendo dever de casa. Você sabe, eu realmente não faço dever de casa há anos. Você e eu tínhamos, o que no ano passado, duas aulas de estudo? Não me lembro de nunca ter aberto um livro em qualquer uma delas. Lembro-me de você e eu pintando nossas unhas. Lembro de falar sobre Kevin, sua mãe e sobre os meus pais. Lembro de fazer planos para depois da escola, para o fim de semana. Foi tão legal quando sua mãe lhe deu um carro (mesmo com a palestra sobre o quanto ela se sacrificou por você) e não tínhamos que pegar o ônibus para qualquer lugar. Se lembra quando nós decidimos que nós íamos fingir que tínhamos terminado o secundário? Nós cabulávamos o almoço para fumar no banheiro do terceiro andar, e eu bebi uma monte daquelas garrafinhas que você guardava em seu armário, porque mamãe e papai tinha realmente brigado naquela manhã e ficou um silêncio horrível até que mamãe começou a chorar. Então meu pai colocou os braços em volta dela e era como se eu nem estivesse lá mesmo, estávamos todos na cozinha e, pior do que a rara briga, era também-tudo-normal eles tão enrolados um no outro que eles se esqueceram que eu estava lá.

Nós decidimos que um dia depois de nos formarmos iríamos nos mudar para Millertown... fora de Lawrenceville, finalmente! - E arranjar um apartamento. Você ia ajudar Kevin com a banda e eu ia. . . whoa. Déjà Vu.

É. . . J, é tão forte que eu me sinto quase doente. Você alguma vez sentiu uma memória assim? É como se eu estivesse lá, com você sorrindo e acenando para mim, as unhas pintadas de rosa e vermelho e azul e verde. Eu poderia estar bêbada então, enquanto flutuava pela vida, mas era real. Eu era real. Você era real. Isto é uma merda...deitada no chão, este estúpido dever, tudo isto, como se não sentisse nada. Não sou nada.

Eu de novo.

Mamãe e papai, finalmente, me deixam sair de baixo dos seus olhos e ir pra cama. Era bastante óbvio que algo estava errado comigo, porque não podia suportar outro momento da sua demonstração estúpida sobre



algum cara estúpido que construiu igrejas, e levantei-me e.... bem, eu me levantei e então fiquei lá, balançando. Fiquei lá, porque eu queria uma bebida e me odiava por isso. Odiava-me por querer, porque ela me levava de volta para aquela noite, para a estrada tranquila, a maneira como eu estava tremendo na ambulância, o frio, embora eu não deveria estar, cercada por pessoas que pairavam sobre mim, mas sem a única pessoa que eu mais queria ver.

Meus pais falaram e falaram, disseram todas as coisas que eu suponho, Laurie e Pinewood lhes ensinaram a dizer. A verdade, J, a verdade, eu sei que você já sabe, é que, eles estarem falando, não me parou. Pinewood não é o que me impede de beber também. Nunca foi. A razão que eu não bebo é por causa do que aconteceu com você. Do que eu fiz.

Eu tentei uma vez, na manhã depois que você morreu. Eu rolei para fora da cama, descansado contra o chão até que eu me sentia forte o suficiente para ficar de pé. Encontrei uma garrafa no fundo da minha gaveta da cômoda. Fui buscá-la e vi seu rosto, ouvi você chorando e me prometendo que tudo ficaria bem. Eu abri a garrafa, e você me encarou, os olhos abertos e glitter salpicado pelo seu rosto.

Eu tomei um gole, e eu podia te ver pela janela da ambulância. Você estava deitada no chão, suas mãos abertas, segurando nada. Aquelas pessoas de pé em cima de você, olhando para você, e eu sabia que nunca iria vê-los.

Eu não conseguia engolir. Eu abri a janela do sótão, engasguei, em seguida, peguei a garrafa e a joguei tão longe quanto eu poderia. Naquela tarde, meus pais começaram a falar sobre Pinewood. Eles começaram a falar sobre isso mais quando eu disse: "Ótimo. Tanto faz. Eu não me importo.

Eu pensei em me matar no dia seguinte ao seu funeral. Eu estava no meu quarto, atrás da porta do sótão trancada, olhando para a foto em que tínhamos uma aula vaga na escola e fomos para a Adventure Park. Se lembra disso?

Você falou com aquele cara para nos deixar entrar de graça e fomos em todos os brinquedos e compramos uma foto da gente sorrindo com uma roupa de esquilo. Eu sabia que o papai mantinha um frasco de comprimidos para dormir no armário de remédios no banheiro que ele divide com a mamãe, para os tempos que ele está no exterior e tinha que dormir, porque ele tinha uma reunião cedo sobre qualquer fusão que a sua empresa estava trabalhando. Eles não notariam até fosse tarde demais.

Você sabe por que eu não fiz isso? Não foi porque eu não queria. Eu queria. Deus, eu queria. Eu não poderia viver com o que eu tinha feito para você, era o que eu merecia. Eu merecia estar sozinho.

Eu merecia a agitação e as dores de cabeça e o fato de que cada vez que eu respirava, sentia um aperto no meu peito, meu coração batendo, embora eu desejasse que não estivesse.

Eu mereço viver assim agora, com o que aconteceu hoje à noite comigo. Eu mereço lembrar o modo como as coisas eram e perceber que elas se foram. Que eu as destruí. Eu não beberei e me deixarei limpar isto por um pequeno tempo.

Quando mamãe e papai terminaram de falar sobre hoje à noite, eles me fizeram sentar entre eles no sofá. Papai brincava com o controle remoto e acariciava meu joelho. Mamãe colocou um braço em volta dos meus ombros, apertando suavemente de vez em quando. Nós assistimos a um filme, algo com loucos mal-entendidos e um fim, onde tudo acabou bem. Foi uma longa uma hora e vinte e sete minutos.

"Você conseguiu," mamãe disse, quando os créditos subiam. Papai disse: "Amy, nós estamos tão orgulhosos de você." Fiquei feliz ao ouvir eles dizerem isso, e eu não mereço isso também. Eu sempre quis essas coisas de família. É engraçado, não é?



Todos aqueles anos maravilhosos, quando eu era jovem, tentando entender o seu mundo, e não é que eu só precisava parar de me importar, me tornar uma bêbada, que arrastou sua melhor amiga em um carro e...

Eu não agüento isso, você ter ido. Me desculpe, J. Você não sabe como estou arrependida por aquilo que aconteceu. Por aquilo que eu fiz. Eu sei que são apenas palavras. Mas quero lhe dizer, eu juro.

Me desculpe.

Por favor, me perdoe por tudo.



Eu disse a Julia sobre esta noite, mas eu não, eu não contei a ela sobre a escola. Eu tentei, olhando para o papel, a caneta na minha mão, mas as palavras não vinham. Eu não quero.

Eu não quero que ela saiba o que eu vi hoje.

Eu estava no meu armário no final da escola, pegando minhas coisas. Todo mundo estava falando e planejamento seus fins de semana e discutindo o que todos nós deveríamos nos preocupar, quem fez o quê, com quem e por que.

Fechei meu armário, e Kevin estava ali. Rich, seu estúpido melhor amigo e O Ultimo Cara que dormi-número-cinco e o maior desperdício do meu tempo, porque na verdade ele tentou agir como meu namorado depois. Eu tive que lhe dizer para cair fora, estava a poucos metros de distância, agindo como se eu não estivesse lá. Isso não me surpreende.

Eu estava realmente surpresa que qualquer um deles chegasse perto de mim em tudo.

-- Oi -- Kevin disse.

Ele realmente disse isso. "Oi". Como se fosse apenas mais uma sexta-feira e não noventa e nove dias desde que Julia tinha andado pelo corredor e disse: "Deus, eu estou tão feliz de estar livre deste lugar até setembro!" Como não fossem noventa e nove dias desde que ela morreu.

Eu olhei para ele.

-- Eu quero lhe mostrar uma coisa, -- Kevin disse, e empurrou para cima a sua manga. Ele tinha uma tatuagem em espiral em torno do seu pulso. Nome de Júlia escrito sombrio e para sempre.

-- Ela adoraria, -- disse ele, e colocou a mão no meu braço. Ele parecia tão certo.

Eu queria tocar seu rosto com minhas mãos e puxar. Eu queria arrancar sua pele, rasgá-la em pedaços, e deixá-lo quebrado. O nome de Julia em seu pulso, como isto iria consertar o que aconteceu, como ele poderia consertar o que aconteceu: os olhos inchados e vermelhos de Julia, soluçando enquanto estávamos na casa de alguém, e ele olhando com cara de pau, nem mesmo chamou seu nome quando saímos.

Eu sei o que eu fiz para ela, e eu sei, sei que eu não tenho o direito de falar. Mas eu odeio ele. Deus, eu o odeio. -- Eu realmente a amava, você sabe, -- Kevin disse, como se eu tivesse comentado sobre sua tatuagem, como se eu tivesse falado. -- Eu a amava muito. E agora, -- A voz dele quebrou, com os olhos cheios de lágrimas, e eu vi as meninas caminhando olhando para ele, simpatia e luxúria em seus rostos, e talvez ele sinta falta de Julia, talvez agora ele a ama como ela sempre quis. Mas isso, a tatto que Julia nunca vai ver, as lágrimas e lamento que ela não conseguiu, até que fosse tarde demais, o erro que me deu vontade de gritar.

Empurrei a mão dele do meu braço. Ele me deu um olhar sombrio e esfregou-a com um sorriso. -- Eu te perdôo pelo que fez, você sabe.

Minha vista escureceu, embaçada. Eu passei por ele, resmungando seu previsível ("Que assim seja, vadia.") passando por mim, e fazendo a névoa vermelha que eu via bater como um segundo coração. Rich me disse algo também, como se importasse o que ele pensava de mim, como se ter transado com ele uma vez (por trinta e sete segundos) significasse algo. Tudo o que eu conseguia pensar era em Julia. Seu rosto desfigurado depois que ela viu Kevin com a outra menina. Minha mão em seu braço, guiando-a. Levando-a para o carro.



Queria fugir e não podia. Estava presa na escola, passei pela coisa que o armário dela tinha sido transformado. Eu lhe pagava para dizer que deveríamos deixar a festa. Eu sempre estava pagando. Esbarrei em alguém só então ouvir mel dizer, -- Hey, veja onde... Amy, voce está bem?

Eu pisquei, confusa, e vi Mel me olhando há poucos metros de distância. Eu não entendi. Como ele poderia estar lá, quando eu tinha esbarrado nele?

Não tinha. Tinha esbarrado em Patrick. Ele só não tinha dito nada. Eu olhei para ele e ele... ele estava olhando para mim. Ele olhou para mim como ninguém, nem mesmo Laurie, olhava.

Ele me olhou como se pudesse ver tudo, durante todo o tempo, nos lugares apodrecidos dentro de mim. Eu não gostava disso. Eu odiava isso. Eu o odiava. Eu odiava a todos, tudo. Eu queria despedaçar o mundo inteiro em pedaços de modo que não seria mais assim. Patrick piscou e algo passou por seus olhos, uma curiosa compreensão. Ele não disse uma palavra.

Passei por ele e fui para fora esperar por mamãe, mas ainda posso ver a tatuagem, ver o nome de Julia. Eu ainda podia ouvir Kevin dizendo o quanto ele amava Julia quando ela não estava por perto para ouvi-lo. Eu ainda podia ver Patrick olhando para mim, e eu sabia que nenhum deles se iria.

Eu sabia que ia lembrar de tudo.

104 dias

Hey J,

*É quarta-feira, mas isso não importa. Todos os meus dias são os mesmos.
:I*

Levantar, tomar o café da manhã com a mamãe. Ler a nota de incentivo deixado pelo papai, que tem que sair mais cedo todas as manhãs, porque sua empresa está em negociações com outra empresa no Reino Unido e ele está tendo todas essas teleconferências. Tomar Banho. Se vestir. Olhar no espelho. Ainda assustadoramente alta. Cabelo ainda avermelhado o que faz as pessoas (normalmente velhas) dizerem coisas como "Meu Deus, parece que alguém acendeu um fósforo na sua cabeça!" Sinto falta de você dizendo as pessoas para tomar cuidado ou elas iriam se queimar.

Mamãe gritou que estávamos atrasadas "está muito tarde," e me levou para a escola. Até agora, esta semana eu aprendi que mamãe:

- Ela detesta presidir o comitê de curriculum, porque as alterações propostas não irão atrair mais estudantes para as aulas de arte.

- Está "muito orgulhosa" por eu ser vegetariana e encomendou alguns livros de receitas culinárias "deliciosas." Eu disse que ela poderia me deixar provar para saber. Ela riu. Não me lembro da última vez que fiz alguém fazer isto.

A escola, o armário, aulas, sem tempo para ir no armário, aulas, pressa para ir até o armário, mas algumas aulas — você pode ter uma idéia. Claro que também tem o almoço. Nos últimos dias eu peguei a xarope de milho olhando para mim algumas vezes. Para alguém autorizado para aquecer-se na incandescência de



Beth. (Há!), xarope de milho parece bastante miserável. Provavelmente Beth ficou zangada com ela por ter pontas duplas ou algo assim.

Depois da escola eu consigo uma carona para casa com papai ou mamãe. Porque como a coisa Britânica está indo muito bem, Papai foi capaz de fazê-lo assim, ele trabalha em casa pela parte da tarde semana sim, semana não. Esta semana ele está em casa, então ele me pega.

Coisa sobre o que papai gosta de falar:

-Tênis.

-Como meu dia foi .

-Tênis.

Estou começando a entender a razão pela quais meus pais são assim no amor, é que ambos percebem que são tão entediados que ninguém mais poderia ser como eles.

Em casa, eu continuo com a emoção dos trabalhos de casa, minhas notas são boas até agora, mas eu não tenho certeza se chego ao ponto da coisa toda estudando. Inglês, por exemplo. Estamos lendo *The Scarlet Letter* e todas as conversas sobre qualquer um na sala de aula são qual-era-o-nome-dela e seu grande A vermelho.

Fico imaginando o que Pérola vai ser quando crescer.

Oh, e entenda isto — mamãe e papai me tiraram o computador. E assim eu posso “concentrar-me nos estudos”, mas oie?! Eu era a única em Pinewood, e fui a todas as palestras sobre “os perigos” de “Voltar a cair com velhos amigos e hábitos.” De qualquer maneira, agora eu tenho que escrever meus trabalhos e fazer minhas próprias pesquisas, que (é claro) é onde qualquer pessoa em minha casa tem acampado. Pensei em dizer a mamãe e ao papai que a única pessoa que eu já conversei on-line foi com você, mas o computador para o estudo seria legal.

O meu sempre parecia que era alimentado por uma hamster correndo em uma daquelas pequenas rodas.

Depois que estudo, é a hora do jantar. Mamãe e Papai cozinham juntos, e você pensaria que eu então iria esperar, mas não.

Eu "Ajudo" mexendo as coisas. Houve um momento estranho no outro dia quando eu estava comendo cenouras e esperando que o meu braço não fosse cair por mexer um pouco do prato de arroz e mamãe disse: "Você sabe, eu nunca consegui fazer você tocar em uma cenoura quando era mais jovem."

Eu disse, "Bem, acho que as coisas mudaram quando os meus dentes nasceram ou alguma coisa assim", e pareceu chocada por um segundo, e então ela logo ficou um pouco chateada. Como fosse minha culpa se ela nunca percebeu o que eu comia antes? Ela foi ralar queijo, e ela bateu o bloco no balcão, dizendo: "Eu estava simplesmente tentando falar com você. Não há qualquer necessidade de..."

“Que? Indique o óbvio? Até você não sabia que eu era vegetariana.”

O rosto dela caiu, e ela pegou o queijo de novo, olhando para ele e piscando forte. Papai tocou o braço de mamãe e disse, "Grace", delicadamente, a partilhou um olhar com ela antes dele se virar para mim e disse: "Então, como o arroz está ficando?"

“Uma espécie de papa.” Eu disse.



Ele sorriu, e então ela também, mas eu poderia dizer que mamãe se tocou, ela percebeu que não só sabia que sua filha estava de volta ou que ela esteve bebendo, mas que ela nem sabia que eu comi cenouras. E que eu sabia que ela não sabia nada sobre mim.

Eu gostei disso.

Eu gostei dela ter visto isto, J. E eu gosto que cada dia traz um monte de tempo com os meus pais. Eu sei como soa, ok? Mas eu gosto que não é apenas eles e depois eu.

Eu gosto que eles finalmente têm que encarar o fato de que estou aqui ...



Na aula de inglês de hoje (109 dias sem Julia — Eu só posso medir o tempo assim, por quanto tempo ela se foi), fiquei presa em mais um grupo com Mel, Caro e Patrick. Ainda estávamos discutindo *The Scarlet Letter*, e eu via xarope de milho enrolar uma mecha do seu cabelo em volta do seu dedo e discutindo com Mel. Até agora, eles discutiram sobre o que o A realmente significava, (Eu não tinha percebido o que era para debater) e, em seguida, o simbolismo da cor vermelha. Eu tinha desenhado quadrados no meu caderno. Patrick estava brincando com o seu livro, logo escolheu as suas unhas, em seguida, brincou com o seu livro mais um pouco.

Então — aqui é onde as coisas começaram a ficar estranhas. Mel olhou para Patrick e pigarreou. Patrick parou escolhendo suas unhas e olhou para ele.

Vê-los fazer isso me fez lembrar de como Julia e eu costumávamos falar sem palavras. Comecei a pensar sobre ela e em seguida Mel suspirou, virou-se para mim e disse:

-- O que você vai fazer Sexta-feira à noite?

-- O que? -- Eu disse, completamente deslocada e certa que eu não o tinha ouvido direito.

Eu tinha, porém, porque Caro parou de enrolar o seu cabelo em seu dedo tão rápido que ficou preso e teve que puxa-lo para libertá-lo. E Patrick estava bem, ele estava brincando com seu livro novamente.

-- Talvez nós poderíamos ir ao cinema, -- Mel continuou. -- Eu estava pensando que você e eu e talvez. ...-- Ele limpou a garganta novamente e então, eu juro, se encolheu como se alguém o tivesse chutado ou algo assim.

Ele olhou para Patrick e, em seguida, olhou para mim. -- Você quer ir?

-- Hmm, -- eu disse, e percebi que:

1. Aos dezesseis, estava finalmente sendo chamada para sair em um encontro honesto-com-Deus.
2. Perguntaram-me sobre o referido encontro por alguém que, tanto quanto eu poderia dizer, não estava mesmo interessado em mim. Mel nunca olhou para meu peito (reconhecidamente pequeno), tentou me apalpar, nem parecia interessado em minhas respostas para as perguntas que ele estava sempre a fazer.
3. Eu estava claramente demorando muito para responder por que Caro estava olhando para mim e Mel como se nós dois tivéssemos duas cabeças.

Mel estava piscando muito e tinha virado um vermelho brilhante, e Patrick tinha realmente parado de folhear o livro e olhava para todos nós.

Sabia que tinha de dizer alguma coisa, mas eu não tinha idéia do que. Tentava pensar na coisa certa, mas nada me veio à cabeça e entrei em pânico. Entrei em pânico, e disse que a pior coisa possível.

-- Quando?

-- Sexta-feira, -- Caro vociferou. -- Ele disse sexta-feira.

-- Caro, -- Mel disse, olhando para ela. Ele parecia chateado.

-- O que? -- Caro disse, sua voz cheia de desafios e de mágoa, e ela olhou cerca de dez vezes mais magoada depois que Mel falou.



Mel abriu a boca, em seguida, a fechou. Seu rosto vermelho ainda era brilhante. Eu não entendi o que estava acontecendo, mas estava claro que eu precisava dizer algo mais.

-- Ok, -- eu disse. Eu quis dizer como: "Ok, eu entendo que você quer dizer sexta-feira, agora você vai explicar o que diabos está acontecendo?" Mas, Mel deve ter entendido o meu "ok" como um "sim" porque ele acenou para mim.

-- Ótimo, eu te vejo depois, -- ele disse, e depois olhou para Caro e lhe disse que não concordava com o que ela disse sobre o reverendo.

Após um momento muito estranho de silêncio Caro disse: -- Claro que você ia dizer isso, porque você não leu o livro direito, -- e então eles começaram a discutir novamente.

Passei o resto da aula tentando descobrir por que diabos eu estava indo a um encontro com Mel, era bonito, mas baixo e claramente um pouco estranho. Patrick folheou o livro e escolheu as unhas. Nenhuma surpresa lá. Caro e Mel continuavam discutindo.

Nenhuma surpresa também.

Quando a campainha tocou, eu decidi que eu provavelmente tinha alucinado tudo por puro tédio, mas, em seguida, Mel disse: -- Eu vou buscá-la em torno das sete, Ok? -- E, em seguida, "Ai", Patrick acidentalmente deu uma acotovelada na cabeça dele em sua pressa de sair da mesa.

Concordei em direção a Mel apenas para que eu pudesse sair de lá e depois passei toda a minha próxima aula totalmente chateada comigo mesmo por ser assim. . . bem, eu. Mas então percebi que Mel não sabe onde eu moro, então, talvez o encontro não vai dar certo, afinal.



Hoje eu e Laurie deveríamos falar sobre Julia. Ela disse que seria a última vez. Eu sei o que ela disse. Eu a ouvi. E Laurie... Eu realmente a odeio.

As coisas começaram bem...

-- Como começo? -- eu disse, depois que tínhamos feito as besteiras introdutórias. Eu não sabia como descrever Julia em palavras. Ela era muito mais que isso.

-- Como você queira. -- Laurie disse. Tão útil, como sempre.

Eu comecei do início. -- Eu conheci Julia, quando eu tinha 12 anos. Eu estava no início da sexta série. Mamãe e papai tinham passado o verão na Alemanha. Mamãe estava trabalhando em seu segundo livro e fazendo pesquisas para ele, e meu pai estava tentando fazer reuniões com um grupo de empresas com quem a empresa dele queria trabalhar. Eles me mandaram para o acampamento de teatro, acampamento de arte, e o acampamento de aventura ao ar livre.

-- Você passou o verão longe de seus pais?

-- Obvio. -- 111 dias, e aqui era onde eu estava. Eu mereci, eu sei, mas ainda. Laurie era um grande peso maldito para suportar

-- E você sentiu a falta deles?

Eu dei de ombros. Foi mais fácil do que dizer que era mais complicado do que isso, que a falta de alguém significa que eles têm que realmente estar lá, realmente lá, para que você possa senti-las.

-- Eles enviaram postais e outras coisas, e quando eles vieram me pegar dois dias antes do início das aulas, eles disseram que eu tinha crescido muito e me mostraram as fotos. O lugar onde mamãe trabalhava. O prédio onde o papai trabalhava. A casa que tinham alugado. O ponto de vista da janela da cozinha. Eles disseram que eles amaram tanto a Alemanha que eles não tinham certeza que alguma vez quisessem voltar para casa e riram. Eu não.

-- Por que não?

Ela sabia muito bem por que eu não, qualquer pessoa com qualquer pinga de senso saberia o porquê e por isso eu a ignorei e continuei falando.

-- Mostrei os quadros que tinha pintado e dei o vídeo do jogo no qual eu tinha estado e bem, eu não tinha nada para mostrar do acampamento aventura ao ar livre, além da certeza de que eu realmente não gostava de rafting, escalada de cordas ou as marchas forçadas que eram chamadas de "caminhadas". Eles disseram que as fotos eram legais e assistiram ao vídeo, enquanto mamãe trabalhava em programas de estudo e papai lia através dos contratos. Ambos prometeram que eu não teria que ir para o acampamento de aventura novamente.

Eles nunca disseram que sentiram minha falta, mas não iria dizer sobre isso a Laurie.

Quando eu olhei para ela, embora, eu poderia dizer que ela já sabia.

-- E Júlia? -- Foi tudo o que ela disse, no entanto.



-- Eu comecei a escola, e era o mesmo de sempre. Eu... Eu nunca disse as coisas certas suficientemente rápidas ou usava roupa legais. Eu nunca fazia as coisas muito bem.

Laurie assentiu com a cabeça entendendo. -- Então você sentia como se não se encaixasse?

-- Não, -- eu disse, ainda, que me sentisse assim. Eu só odeio quando a Laurie fala como se me conhecesse. - Eu tinha amigos, Caro, Beth e Ana Alice, mas nós... Bem, nós brigávamos, como os amigos fazem, e eu era sempre a primeira a ser falada, a rirem ou ser ignorada. Era como se não importasse o quão duro eu tentasse, provavelmente era isto. Era muito difícil tentar. Nada é pior do que alguém que quer muito algo, você sabe?

-- Por quê?

-- Por que você acha? -- eu disse, e ela clicou a caneta maldita. Eu queria que Julia estivesse lá, porque ela teria apenas se levantado, pegado a caneta de Laurie, e a jogado fora por uma janela ou algo assim.

-- Então, como você conheceu Julia? -- disse.

-- Ela se mudou para Lawrenceville em outubro, e seu primeiro dia na escola foi antes do Halloween. Ela teve que ficar de pé na frente de toda a classe e falar sobre si mesma, e você poderia dizer que ela não estava nervosa, que ela não tinha medo de nada nem de ninguém. Essa foi a primeira coisa que notei sobre ela.

-- O que ela disse?

-- Eu não me lembro. -- mas eu lembrei. Ela disse que tinha doze anos e que tinha repetido um ano. Disse que como isso não era uma grande coisa, como ser ter repetido fosse algo que tivéssemos perdido. E então, durante o intervalo, sentada sozinha, banida do grupo da Beth, Caro, e Ana Alice porque Beth disse que eu tinha usado o meu cabelo errado, ela veio até mim. Ela disse, "Eu sou Julia. Você quer ir pedir doces ou travessuras comigo no Halloween?" E eu aceitei. Como eu não poderia? Ela foi tão legal, tão destemida, e ela quis sair comigo? Foi a melhor coisa que jamais tinha acontecido comigo.

-- Mas vocês se tornaram amigas?

Concordei. -- Todo mundo queria ser sua amiga, mas eu era sua melhor amiga.-- Eu ainda me lembro da primeira vez que ela disse isso. Beth tinha acabado de dizer, "Julia, você totalmente é a minha melhor amiga", e Julia deu de ombros e disse: "Amy é a minha."

O olhar no rosto de Beth foi a melhor coisa de sempre. Eu ainda me lembro dele.

-- Assim que vocês se conheceram, tornaram-se amigas.-- Verdade, a habilidade de Laurie de reafirmar o que eu disse era apenas um dom raro. E um aborrecimento maldito.

-- Certo. -- Eu disse. -- Como eu tinha dito.

-- O que vocês duas faziam?

-- Passava muito tempo na casa dela. O quarto dela era. . . era grande. -- A verdade era, era tudo que eu queria que o meu fosse. Ela tinha uma cama de dossel e cartazes em toda a sua parede. Nunca consegui que os meus cartazes parecessem certos — eles sempre eram curvados, ou se frisados nas pontas, portanto eu sempre os derrubava.

Julia nunca nem reparava nessas coisas. Se ela queria algo em sua parede ela só colocava lá em cima, e a primeira vez que fui para a casa dela ela colocou um CD e ficou barulhento, cantou e dançou junto com a



música. Ela não me disse que eu estava fazendo nada de errado quando eu entrei. Ela apenas disse: "Isso não é divertido?"

Foi quando eu soube que seríamos amigas para sempre.

-- E sua mãe?-- e lá estava Laurie em voltas, esperando por tudo o que ela esperava durante as nossas sessões. Ela sabia que a mãe de Julia me odiava. Foi uma das primeiras coisas que eu disse a ela. Ela me perguntou se alguma coisa me faz feliz, e eu disse, "A mãe de Julia me odeia pelo que aconteceu. Isso me faz feliz, porque ela deveria."

-- Na verdade, a mãe dela gostava de mim, -- disse a Laurie agora.

-- Difícil de acreditar, né? Mas ela gostava. No primeiro ano que Julia e eu ficamos amigas, acho que ela esperava que eu alguma vez fizesse de J algum tipo de perdedora, eu era antes de nos conhecermos. Acho que Julia tinha ficado com problemas na sua antiga escola ou algo assim. Eu realmente nunca soube. Sua mãe nunca disse, e eu e Julia nunca conversamos sobre nada que aconteceu antes dela se mudar para a cidade. Era como se antes de Lawrenceville ela não existe.

-- Você nunca perguntou a ela sobre isso?

-- Não, -- eu disse. Por que eu deveria? O que quer que tenha acontecido, trazer Julia para a minha vida, foi uma coisa boa. Uma coisa incrível.

-- Você gostava da mãe de Julia?

Que pergunta estranha. Mas então, vindo de Laurie.

-- Claro.

-- Mas Julia brigava com ela.

-- Yeah.-- Eu não adicionei o "E?", Mas Laurie deve ter percebido isso porque ela apenas disse: -- Você não briga com seus próprios pais, certo?

Oh, por favor. -- Eu não queria que a mãe de Julia fosse a minha mãe. Só nos tornamos ao longo de pouco tempo.

-- Então o que aconteceu?

-- Julia não começou a agir perfeitamente.

Laurie assentiu. -- O que você fazia quando estava na sua casa?

-- Coisas de sempre. Como, logo depois da Ação de Graças naquele ano, ela fez uma festa do pijama, e todo mundo que foi convidado veio. Esse era o jeito da Julia. As pessoas simplesmente queriam estar em volta dela. Todos ficaram conversando durante horas, mas depois, quando todos tinham adormecido, Julia acordou Caro.

Fomos para o corredor, e Julia lhe disse todas as coisas que ela e Beth e Ana Alice tinha feito para mim. Ela fez Caro chorar e eu meio que me senti mal por Caro, mas não realmente, porque, finalmente, eu não era a única chorando.

-- Esta é a mesma Caro que você mencionou antes?



Assenti com a cabeça, e Laurie rabiscou alguma coisa, que eu pensei sobre o que aconteceria depois disso. Caro tinha fugido para o banheiro e nós fomos para baixo e rimos. Eu me senti tão bem. Tão livre.

Nós assistimos televisão por um tempo, e depois Julia abriu o armário onde sua mãe mantinha licor e disse: "O que você acha?"

Ainda me lembro das garrafas. Marrom, verde, claras. Desafiamos uma a outra para tentar algo. Julia tinha o rum. Eu tinha vodka. Gosto terrível, sentia a minha boca e garganta como se estivessem em chamas. Mas depois de um tempo meu estômago estava quente, e então eu me senti mais quente e tudo e todos pareciam mais brilhante. Melhor.

Acabamos lendo as melhores partes dos romances escondidos da sua mãe em voz alta uma para a outra, risos. Isto foi muito divertido. Logo antes de finalmente adormecer Julia me fez jurar que, que já que nós seríamos as melhores amigas para sempre e sempre, nós sempre iríamos contar tudo uma para a outra. Foi uma promessa fácil de fazer. Eu não poderia imaginar, não lhe contando tudo.

-- Quando vocês começaram a beberem juntas? -- Laurie disse, e eu a olhei bem nos olhos e disse: -- Eu não me lembro.

Eu sabia o que ela faria com aquela memória, como ela torceria tudo isto em voltas.

-- Tudo bem, -- Laurie disse, e eu poderia dizer que ela sabia que eu estava mentindo.

--Vocês bebiam muito juntas?

-- Um poucos as vezes, nos fins de semana, quando eu ia dormir em sua casa e sua mãe estava fora tentando encontrar Mr. Right. Eu tinha parado de sair com Caro e Ana Alice e Beth, e me sentia muito bem, mas por enquanto eu me preocupava que talvez Julia iria decidir que ela não queria ser mais minha amiga.

Eu soube logo depois do que eu tinha dito, que estraguei tudo, porque a expressão interessada de Laurie era real. Mas ela não disse nada, exceto, -- Por que você bebia? --que era o tal território familiar que me admirei, por que ela não o revisava novamente.

-- Quando eu bebia, eu me divertia. Me sentia divertida. Quando eu bebia, não pensava nos meus pais que me assinavam um cartão dizendo "bom trabalho" antes de sair para outro jantar romântico.

O que eu não disse Laurie, era que quando eu bebia tudo mudava pra mim.

O segundo semestre de oitava série, Julia foi chamada para sair por um garoto da nona série. Ele a chamou para uma festa, e ela disse que iria se eu fosse. Ela sempre fez coisas assim para mim. Ela sempre fez questão que eu estivesse junto.

Eu estava realmente nervosa sobre ir, e quando chegamos lá eu não sabia o que fazer. Me senti totalmente fora do lugar. Eu era a pessoa mais alta de lá, e mesmo com meu cabelo preso em um rabo de cavalo eu ainda me sentia como se chamasse atenção. Além disso, havia muitas pessoas e a música era tão alta. Era totalmente ensurdecedora.

Segui Julia até o cara com quem ela estava e ela me disse para me perder. Comecei a correr para fora, sentindo-me tão pequena e estúpida como Beth fazia eu me sentir, mas, em seguida, Julia disse: "Amy, espera", e disse ao rapaz para ir pro inferno.

Eu não podia acreditar. Ele era um aluno de nono! Mas ela o mandou. Nós entramos no banheiro, depois disso, e ela puxou uma garrafa de aguardente de pêssego para fora da sua bolsa. Ela tinha alguns, eu tinha



algumas, e depois de um tempo nós voltamos para a festa. E foi divertido! Tipo, eu mesma conversei com algumas pessoas.

J conseguiu seu primeiro chupão.

E então, surpreendentemente, nós... não apenas Júlia, mas nós duas, fomos convidadas para outra festa. Naquela época, eu bebi antes de sairmos e não estava nervosa.

-- Então, era divertido beber? -- Disse Laurie.

-- Eu pensei que nós estávamos falando sobre Julia, -- eu disse, e eu sabia que eu parecia chateada, mas deveríamos estar falando sobre ela.

-- E você sabe o quê? Julia era divertida. Ela odiava ser entediante. Antes de ela ter sua carteira, nós pegávamos o ônibus em toda lugar. E quero dizer em todo lugar. Até o momento dela ter o seu carro, já sabíamos de tudo remotamente interessante em Lawrenceville e Millertown. E quando Júlia começou a sair sério com rapazes, ela nunca me deixou só para ficar todo o tempo com eles. Assim, muitas meninas fazer isso, você sabe? Elas ficar com alguém algumas vezes e largam tudo porque elas pensam que estão apaixonadas. Julia era assim, na verdade, sempre pensando que ela estava apaixonada, mas não importa o quê, ela nunca me trocou para sair com alguém.

-- Mesmo com Kevin?

Laurie ferrando. -- Mesmo com ele.

-- Você acha...?

Eu lhe cortei antes que ela pudesse concluir qualquer coisa estúpida que ela fosse dizer. -- Quando eu acabei no hospital, seis semanas antes de ela. . . antes de morrer, Julia foi a primeira pessoa que eu vi quando abri meus olhos. Ela ficou comigo o tempo todo, disse a todos que ela era minha irmã.

E quando eu acordei, e ela me disse, ela descansou a cabeça no meu ombro e disse: "E realmente, você é, você sabe.

-- Você não disse sempre, -- Laurie pigarreou.

-- Sobre seus pais? Eles estavam lá?

-- Por mais que eles estivessem sempre em qualquer lugar, -- disse eu. -- Mas Julia totalmente cuidava deles. Eles todos estavam: -- O que aconteceu? -- e quando eu lhes lembrei que poderiam tomar três segundos para ir falar com o médico, ela disse: "Sr. e Sra. Richards, deixe-me dizer o que realmente aconteceu", e foi quando ela contou a sua história para minha mãe, que estava conversando sobre algumas festas no campus que tinha ouvido falar, onde esta menina que bebia muito, mais que ela pensava era ponche, mas era realmente vodka, e teve que fazer uma lavagem estomacal.

-- Ela disse alguma coisa?

-- Ela me disse que estava feliz por eu não ter ficado tão doente como essa menina e para ser mais cuidadosa sobre beber bebidas de estranhos. E só assim você não vai perguntar, papai concordou, juntamente com mamãe tudo o que disse e me pediu para prometer que eu seria mais consciente.

Laurie rabiscou alguma coisa, e eu pensei sobre como Julia tinha sorrido para mim depois que eles nos deixaram, andando para fora de mãos dadas como sempre para tomar um café enquanto esperavam por mim para ter a lavagem, e disse: "Você sabe, eles estavam realmente preocupados. "



Quando eu rolei meus olhos ela se sentou ao meu lado e disse, "realmente", e então nós rimos sobre a história que ela contou.

Ela disse: "Deus, eles são muito mais fáceis do que a minha mãe!" E ela estava certa. A mãe de Julia teria começado a chorar e gritar no segundo em que J teria acordado. Ela não confiava em Julia nem um pouco, sempre queria saber onde estava indo e com quem ela estaria. Ela lhe perguntava mais e mais até que Julia gritava: "Ótimo, tanto faz, eu vou sair."

-- O que aconteceu depois disso? -- Disse Laurie.

-- Julia disse ao médico que ela não estava indo a lugar algum, quando ele entrou para me buscar e perguntou por que ela ainda estava lá. Ela pediu algumas revistas antigas e lia os artigos com vozes engraçadas. Ela me comprou uma barra de doce, quando eu disse que queria algo para comer e eu perguntei a enfermeira que disse, "Querida, você simplesmente vai botar para fora." A enfermeira estava certa, mas isso não importava. Julia pelo menos me ouviu. Ninguém o fez. E quando eu fui capaz de sair, ela andou comigo para fora do carro dos meus pais, me deu um abraço e sussurrou: "Eu vou ligar para Kevin e lhe dizer que nunca mais vamos sair com aquele cara de novo. Eu realmente pensei que ele fosse ótimo, com as suas garrafas, mas quando você ficou mal, eu fiquei assustada."

Meus pais estavam lá, com certeza. Mas Julia realmente estava lá. Ela sempre esteve.

E depois de tudo isso, depois que eu disse Laurie sobre como Julia e eu nos conhecemos e como ela foi surpreendente, isso é o que ela dizia. Isto era o que ela queria saber.

-- Como é que você acabou no hospital?

Olhei para ela. Ela disse que íamos falar de Júlia, o que eu tinha feito. E o que era que ela tinha a dizer? Isso? Se não tivesse ouvido uma palavra que eu disse, não tinha chegado a conclusão de como era Julia incrível?

Droga ela é tão baixa.

-- Como é que você acabou no hospital? -- Ela perguntou novamente. Eu suspirei.

-- Bebi demais. Se lembra, sobre a primeira coisa que costumamos falar?

-- Eu sei, -- ela disse, e clicou sua caneta duas vezes. -- Você disse que Julia disse aos seus pais o que aconteceu, que quando ela contou a história dela eles estavam aliviados, você estava bem. O que ela disse?

-- Que eu pensei que eu estava bebendo refrigerante, mas que alguém tinha colocado uma grande quantidade de bebidas alcoólicas nele.

-- E eles acreditaram nisso?

Eu ri. -- Dãã. São meus pais. Claro que sim.

Estalou a caneta novamente. -- O que realmente aconteceu?

-- Eu apenas lhe disse. Você não estava ouvindo?

-- Eu gostaria que se você explicasse um pouco mais. Você bebeu muito, Amy, mas esta foi a primeira e única vez que você foi parar no hospital por causa dela, né?



Eu dei de ombros.

Laurie disse: -- Eu realmente gostaria de saber o que aconteceu, -- disse em voz baixa, como se eu não estivesse falando porque eu não queria ou não podia. Era tão chato.

-- Ótimo Julia e eu estava saindo com Kevin e esse cara, ok? E quando fui ao banheiro, o cara derramou álcool de grãos na minha vodka.

-- Por quê?

-- Uhn, porque ele era um imbecil.

Estalou a caneta.

-- Eu realmente não sei por que, eu não lhe pedi, você sabe, mas era provavelmente porque ele estava todo chateado quando ele tentou me levar para o quarto com ele e eu disse "de jeito nenhum".

-- E então...

-- Então eu voltei do banheiro e bebi. Eu não percebi o que tinha feito até que...bem. Eu desmaiei, e quando Julia me acordou, comecei a vomitar e não conseguia parar. Então ela me levou para o pronto-socorro.

-- Entendo. Julia estava com os meninos quando você foi ao banheiro?

-- Caras. Eles não tinham onze. Deus. E sim, ela estava. Mas ela estava, você sabe, ocupada com Kevin e não percebeu. Se ela tivesse percebido...

-- Se ela tivesse notado, então o quê?

-- Ela teria dito alguma coisa.

-- E se ela notou?

-- O que?

-- É possível que ela tenha percebido?

-- O-que-voce... -- Eu não conseguia nem falar, eu estava tão irritada.

E o que Laurie fez? Ficou clicando a caneta loucamente. -- Lamento que você esteja chateada, mas eu gostaria que você pensasse sobre essa noite. O que você disse antes de ir ao banheiro?

-- Eu não me lembro, -- eu disse com os dentes cerrados.

Mas eu lembrei. Eu estava entediada e não estava bêbada, eu não tinha ficado porque sabia como o cara estava afim de mim. Ele era alguém conhecido de Kevin, o que significava absolutamente nada para mim, porque eu pensava que Kevin era um idiota. Além disso, ele tinha um olhar desprezível.

Depois de lhe dizer pela quarta vez que não, eu realmente não queria sair atrás de um dos quartos com ele, eu disse a Julia que eu queria ir para casa. Ela revirou os olhos, mas sorriu e disse: "Ok, tudo bem, tome uma outra bebida e nós iremos".

"Tudo bem," eu disse, e fiz o meu melhor para ignorar os olhares dele quando eu bebia um gole e outro. E



depois um pouco mais. Depois de um tempo, ele colocou a mão na minha coxa. Empurrei-o e disse que eu estava indo para o banheiro, batendo no ombro de Julia e fui para o corredor, esperando que ela entendesse a dica. Quando voltei, Olhos desprezíveis tinha ido embora e Julia disse, "me livrei dele para você. Portanto, mais dez minutos agora não é problema, certo?"

Antes que eu pudesse responder, ela tinha voltado a ficar com Kevin. Voltei a beber, e depois de um tempo eu lembro de olhar para a garrafa e então para minhas mãos e me perguntava por que eu mal conseguia movê-las já que eu não tinha bebido muito. Eu disse a Julia que me sentia mal, e depois estava tudo branco.

-- Você tem certeza que você não se lembra? -- Disse Laurie.

-- Não, -- eu disse, e sai. Eu não me importava se o tempo tinha acabado ou não. Eu só queria ir.

Eu encontrei mamãe na sala de espera e disse-lhe que poderíamos ir. A recepcionista perguntou se eu queria agendar o meu próximo horário.

Eu a ignorei e disse: "Vamos, vamos embora", quando mamãe tentava ir até ela.

-- Amy? -- Mamãe disse, olhando surpresa, e eu disse: -- Eu não posso vir mais aqui. Eu tenho que ver outra pessoa.

Mamãe franziu a testa, e então perguntou a recepcionista se ela poderia falar com Laurie. Foi até o seu escritório. Ela tinha ido embora há muito tempo.

Quando voltou a sua boca estava tremula do jeito como ela fazia quando está muito chateada.

-- Viu? -- Eu disse, e ela disse: -- Nós não somos terapeutas de comutação, Amy.

Eu acho que ela espera que eu dissesse alguma coisa, mas eu não disse, não disse uma palavra o caminho de casa inteiro, e quando chegamos lá, fui direto para o meu quarto. Tinha de ficar sozinha.

Eu tive que deixar o silêncio limpar Laurie e suas perguntas estúpidas.

Eu odeio que ela tenha dito essas coisas estúpidas. Eu odeio seu escritório estúpido e sua caneta clicando estúpida. Eu odeio como ela se senta na cadeira e os diplomas estúpido em sua parede, e eu realmente odeio as perguntas estúpidas. Não posso acreditar que ela me pediu para falar sobre Julia e não ouviu uma palavra que eu disse.



DEZ

Bem, tive o meu primeiro encontro, previsivelmente, um desastre total.

Além disso, não era um encontro.

Eu consegui impedir a coisa toda com Mel — Quero dizer, ele nem sabia onde eu morava, por isso, quando a campainha tocou hoje à noite e meu pai respondeu, gritando: "Amy?" Com uma voz estranha, bem eu pensei — pensei que talvez fosse a mãe da Julia.

Corri para o corredor. A mãe de Julia não estava lá, mas sim Mel. E também Patrick. Olhei para eles. Mel acenou e disse: "Ei, pronto para ir ao cinema?" Patrick olhou para o chão.

-- Você vai sair?-- Papai disse, sua voz ainda mais estranha, e então mamãe veio por trás de mim e disse: -- Amy? O que está acontecendo?

Então eu tive que pedir aos meus pais se eu poderia ir num encontro. Na frente do meu encontro.

-- Mas você não nos disse sobre isso antes, -- mamãe disse ao mesmo tempo em que papai disse: -- Por que você não mencionou isto antes?

-- Bem, veja. . . -- "Eu não sei como dizer," Bem, a coisa é que eu não queria dizer sim, mas aparentemente eu disse. Então eu percebi que como o cara não sabia onde eu morava não havia nenhuma maneira dele aparecer, então eu estava pronta para mais uma noite de sexta-feira em casa. O que é meio óbvio já que estou vestindo jeans e uma camiseta manchada de ketchup."

-- Eu quero dizer.-- Eu finalmente disse. -- Eu simplesmente esqueci.

-- Então agora você quer sair. . . -- Meu pai olhou para Mel, que amavelmente falou seu nome novamente. -- Junto com o. . . -- Ele olhou para Patrick, que murmurou o nome dele e se encostou na porta como se fosse a única coisa segurando ele.

-- Oh, certo, -- Mel disse alegremente. -- Você está querendo saber sobre eu ter-trazido-outro-cara, não é?

Parecia que meu pai estava tendo um derrame, Mel parecia não perceber, porque ele não parava de falar. -- Patrick precisava de uma carona. No carro, você sabe, e por isso eu pensei, hey, eu posso pegar algum dinheiro para o gás. -- Ele riu. Ninguém mais riu, e agora parecia que Patrick estava tentando se empurrar para dentro da porta e esconder-se.

Meus pais realmente não pareciam impressionados com nada disso, e por um (muito esperançoso), segundo eu pensei que eles iriam dizer: "Não mesmo", mas então eles compartilharam um olhar, e embora eu pensasse que um pouco dele era provavelmente relacionado a alguns conselhos que eles tiveram dos folhetos de Pinewood ou conversas com Laurie, a maior parte era sobre eles perceberem que se eu sáísse, eles teriam a casa só para eles, por um tempo.

Então eles me disseram que eu poderia ir. Papai me puxou de lado antes de eu sair, no entanto. Ele disse, -- esteja em casa lá pelas onze, -- que não se preocupavam porque, confiavam em mim, não era um problema e, em seguida, -- Chame-nos se você precisar de alguma coisa. "Qualquer coisa", -- eu me importei sobre isso, porque parecia que ele realmente queria dizer isso, e ele nunca disse nada parecido com isso para mim antes.

Eu estava pensando em como tinha saído de casa. Porque Mel estava distante? Ele não deveria está comigo ou em pé junto ao seu carro jogando as chaves de um lado para o outro e estranhamente orgulhoso de si



mesmo? O que Patrick estava fazendo aqui? Por que eu pelo menos não penteei o cabelo, ou melhor ainda, mudei a minha camisa?

Eu estava tão ocupado tentando descobrir o que estava acontecendo que eu claramente, andei até Patrick.

O que havia nele que me faz fazer coisas como essa?

Desta vez, porém, andando com ele não foi minha culpa realmente. Ele estava em pé no meio da calçada, como se estivesse preso lá, mas ainda assim, isso foi embaraçoso.

"Desculpe," nós dois murmuramos ao mesmo tempo, e então eu esqueci todas aquelas perguntas que eu estava me fazendo. Por quê? Porque a mão de Patrick roçou na minha e algo dentro de mim se contorceu, agitando-se, acordando. Olhei para ele e ele olhou para mim e, de repente meu coração disparou e senti minha pele quente e corada. Eu não gostei disso.

-- O banco da frente do Seat está abarrotado.-- Mel disse, e eu juro, a voz dele realmente me assustou. Por um segundo eu tinha esquecido que ele estava lá. Eu tipo ... bem, eu meio que esqueci de tudo. Patrick parecia muito assustado também, e nós dois olhamos para longe um do outro. Ele olhou para o chão. Olhei para carro de Mel. O banco da frente tinha uma caixa enorme repousada no banco do passageiro. -- Sim, a caixa, -- disse Mel. -- Minha mãe me disse para deixá-la para alguma coisa de caridade que ela está fazendo, mas eu meio que esqueci. Você se importaria em sentar no banco de trás com Pat... -- Ele Interrompeu e pigarreou. Olhei para ele. Ele estava olhando para Patrick. Eles pareciam estar tendo algum tipo de discussão silenciosa. Isso me fez pensar em Julia, e lembrar de como eles falavam que nem ela e eu, com tanta facilidade na sua própria língua silenciosa, fez meus olhos formigarem.

-- Eu sento no banco de trás, e você pode colocar a caixa ao meu lado, -- eu disse, porque eu sabia que Mel estava querendo dizer e não havia nenhuma maneira de eu estar indo me sentar ao lado do Patrick por todo o caminho, para onde quer que nós o estávamos levando.

Assim, todos nós entramos no carro, e lá estava eu, no banco de trás com uma caixa. Reconheço, eu tenho pouca experiência em encontros (como em nenhum), mas isso apenas não parecia ser um encontro normal. Não mesmo.

E então, assim que Mel deixou a minha casa, ele começou a falar. Primeiro, ele perguntou como eu estava.

-- Tudo bem, -- eu disse.

-- Bom, -- Mel disse, e limpou a garganta novamente. Patrick olhou pela janela.

-- E você, Patrick? -- Mel disse, e Patrick murmurou algo muito baixo para mim ouvir.

-- Bem, cara, então talvez eu faça você me pagar o dinheiro do gás, -- Mel disse, e depois suspirou.

Eu sabia então que não havia nenhuma maneira que eu pudesse fazer para que isto não fosse acontecer, e eu comecei a pensar em fingir uma dor de barriga, assim que Patrick saísse.

Exceto que nós não deixamos Patrick.

Em vez disso, todos nós fomos ao cinema. Eu, Mel e Patrick. Então definitivamente isso não era um encontro.

E então as coisas pioraram, pois quando chegamos lá, todos os estranhos das minhas aulas de honras estavam lá também. Alguém chamou o nome de Mel e nos acenou, depois que saímos do carro.



Foi uma tortura. Mel foi até a bilheteria com a maioria das pessoas, Patrick desviou o olhar para cartazes de filmes programados como se fossem a coisa mais interessante que ele já tinha visto, e eu tive que ficar lá com Beth e seus seguidores, incluindo xarope de milho.

Beth olhou para mim, disse algo sobre "retardados sociais" apenas alto o suficiente para eu ouvir e, em seguida acrescentou: -- Mel é simplesmente muito bom.

Eu fingi que era surda — Eu queria ser então, com certeza — e, em seguida, Beth arrastou todos para uma discussão sobre cuja bunda era a maior. ("Ah, a minha é, totalmente". "Não, a minha é!" "De jeito nenhum, totalmente é minha!")

Mel voltou com bilhetes, finalmente, e disse: -- Ei, você me deve dez para os seus, ok? Quando nós entramos na fila para entrar no cinema.

Cavei em volta no meu bolso, sentia que eu já eu sabia que o dinheiro não estava lá e prometi nunca mais aceitar nada de Mel de novo, enquanto Patrick estava ao lado de Mel do outro lado, mãos enfiadas nos bolsos e olhando para o chão. Beth, estava logo atrás de mim, bufou algo e murmurou para o xarope de milho. Eu não acho que Mel a ouviu, mas ele deve ter ouvido porque ele murmurou algo para Patrick e então me disse: -- Não importa o dinheiro, eu já tenho.

Quando finalmente entramos na sala Mel e eu nem sequer sentamos ao lado um do outro. Acabei no assento ao lado do corredor, xarope de milho de um lado e Patrick do outro lado. Patrick e eu compartilhamos de um braço, mas nenhum de nós estava usando-o. Eu estava sentada com os braços sobre o meu peito, a sensação era que eu estava de volta à escola apenas à espera de Beth, Ana Alice, e Caro decidirem que estavam com raiva de mim, para fazer algo, e Patrick olhava em volta da sua cadeira, olhando para o corredor para a porta como se tivesse esquecido de alguma maneira onde estava, se não havia algum problema.

Mel sentou-se ao lado de Caro, e eles, naturalmente, começaram a discutir sobre o seu braço. -- Eu coloquei meu braço sobre ele primeiro, -- Caro disse.

-- Não, você não colocou, e além disso, tocar no braço, não significa que é seu, -- disse Mel. Eles acabaram apenas nisso, como ele fizeram na aula de Inglês, e os observei, ficou bastante claro que seus argumentos eram um tipo estranho de flerte. Estavam fazendo isso de não-suportar-um-ao-outro quando Beth, que estava no outro lado de Mel, sussurrou algo em seu ouvido. Caro imediatamente jogou o seu cabelo e fingiu estar entediada com Mel. Realmente, não funcionou. Ela pareceu infeliz.

Beth se recostou, batendo seu braço no de Mel de uma maneira que era mais uma carícia, e em seguida sussurrou algo para ele. Ele riu, e me perguntei por que Mel não saia com ela, mas depois começaram os trailers e quando Caro saltou durante o trailer de um filme de terror completamente com medo, vi Mel chegar uma mão em direção a ela, e depois parar.

Agora, como Beth tão gentilmente apontou, eu posso ser uma retardada social, mas mesmo assim eu pude adivinhar que Mel gostava de xarope de milho com esse tipo de pista. Então como é que ele não pediu a Caro para ir ao cinema? Ele não me parece tímido nem nada.

E, mais importante, por que ele me trouxe aqui? Quando o filme começou, me senti muito mal, exausta, triste e estranha, e então algo supostamente hilariante aconteceu na tela, um velho tropeçando, caindo nas coisas como se ele tivesse um ataque cardíaco, ao descansar as mãos, segurou os seios da menina bonita é certo que ele morreu e todo mundo riu. E havia algo que o riso, que o ruído — talvez tenha sido todas aquelas vozes no escuro, ou talvez fosse apenas isso, pedaços de todos os risos soou como Julia, eu quase podia ouvi-la. Fosse o que fosse, o teatro inteiro de repente parecia que não era real, e eu tive medo, se eu me movesse tudo ao meu redor iria cair e eu estaria perdida.



Senti-me insegura e estranha, tonta — não como tudo estivesse girando, mas como se estivesse girando, e eu sabia que era errado para mim estar lá. Eu não deveria estar no cinema, mesmo que fosse no meio de uma situação bizarra e como eu estava, com um monte de gente que eu não gostava. Eu tinha que sair. Eu tinha que ir embora e — Beber.

Eu queria uma bebida. Eu queria uma bem ruim.

De alguma maneira eu consegui sair do teatro, e quando eu estava limpando minhas mãos suadas no meu jeans e indo para o hall de entrada, eu percebi que não tinha tido saído sozinha. Patrick tinha saído também. Eu pensei que era estranho, mas, em seguida, Patrick era estranho, e então eu não podia pensar em tudo, porque a instabilidade voltou, o lobby e as multidões de pessoas em pé à espera de seu filme começaram a se transformar em um borrão de cores e rostos. Eu tinha que sair de lá. Ainda mais que eu queria uma bebida, eu queria ir para casa.

Pensei em voltar e dizer a Mel que eu estava saindo, mas eu percebi que ele não teria sequer notado que eu tinha ido embora e eu estava começando a me sentir como se eu estivesse indo desmaiar ou pior. Eu consegui encontrar um telefone público — provar pra mamãe e papai que estou "pronta" para ter um celular novo, o que é estúpido porque pra quem eu ia ligar se eu tivesse um? — e liguei pra casa. Papai disse que iria me buscar de imediato e tão logo que eu desliguei me sentei no chão bem ao lado do telefone, sem me importar se as pessoas estavam olhando.

Isso não durou muito tempo. Eu sempre odiei quando as pessoas olham pra mim, porque eu sei que eles estão vendo como eu sou muito alta e tenho uma cor de cabelo estranha, e sendo a única pessoa sentada em um enorme deslocamento de pessoas, significava que todos pisavam em meus pés ou iam pisar neles, olhando para mim, a menina no chão. Levantei e encostei ao longo da parede de uma saída.

Lá fora, me senti melhor. Tudo não parece tão brilhante, tão fechado, e agora eu esfregava o meu suor, ainda apertando as mãos pelos meus braços. Um casal passou por mim, batendo em mim como se eu não estivesse lá. Talvez eu não estava.

Eu senti como se eu não estivesse. Eu andei às cegas pela calçada, cabeça inclinada para eu não ter de ver nada, e esperava que papai viesse logo.

-- A calçada termina aqui, -- alguém disse. Era Patrick. Ele estava sentado, encostado na parede do cinema, quase escondido das enormes luzes que estavam brilhando sobre tudo, inclusive o estacionamento.

-- Desculpe, -- eu murmurei. Minha voz soou estranha, longe. Olhei para o lobby. Parecia ainda mais brilhante e mais lotados do que antes, falsificação de desenho animado. De jeito nenhum eu poderia voltar.

Eu queria estar em algum lugar, em qualquer outro lugar. Eu queria me sentir melhor. Eu queria beber novamente. Eu me odiava por isso, mas eu queria.

-- Você devia se sentar, -- ele disse. Olhei para ele. Ele não estava olhando para mim. Ele estava olhando para a frente com os braços cruzados fortemente em torno de seus joelhos dobrados. Tudo ficou embaçado em seguida, e quando minha visão clareou, como se o mundo tivesse transformado em nada, mas com as bordas afiadas à espera de me corta.

Sentei-me. Eu tive ou eu tinha medo de cair. Eu sabia que estava tendo um ataque de pânico. Eu os tive depois. . . depois do que aconteceu. Depois que Julia morreu, e durante toda a minha primeira semana em Pinewood. Eu não tinha tido um há bom tempo, embora, e eu tinha esquecido de como eles faziam parecer que tudo iria desmoronar.. .Como eles me lembravam como se eu estivesse presa.



Eu tentei olhar para frente como Patrick, mas o mundo ainda parecia estranho. Errado. Olhei para o chão e tentei falar para mim mesma o que Laurie me ensinou. Eu me disse que era apenas o pânico, que eu estava chateada, nervosa e que iria passar.

Não funcionou. Eu me senti pior, menos conectada a mim, de tudo. Minhas mãos tremiam, e eu podia sentir meu coração batendo muito rápido, correndo e saltando as batidas, e eu não podia fechar meus olhos, porque quando eu fazia tudo o que vi era Julia encostada a mim, chorando, enquanto caminhávamos na direção de um carro que esperava.

-- Esta é a primeira vez que voce saiu desde que J se foi?

-- Sim, -- eu disse, e comecei a me levantar. Eu não queria me mover, não queria voltar para o lobby, mas eu não queria falar sobre mim e Julia.

-- Eu sinto muito sobre isso, -- disse Patrick. -- Mostrando-se com Mel e tudo, eu quero dizer. Foi ... você sabe.

Eu não sabia, mas acenei com a cabeça de qualquer maneira.

-- Houve um carnaval, -- disse Patrick. -- Dois anos atrás. -- Sua voz soava engraçada, fina e esticada. Eu imaginei que ele era alto. Estranhamente, isso me fez sentir melhor.

Caras altos eram fáceis de lidar.

-- Claro, eu me lembro, -- eu disse, embora eu não o lembrava

Patrick me olhou.

--Não, você não lembra, -- ele disse, e ele não falou alto. Eu podia ver em seus olhos, brilhantes e claros na dor, e de repente eu me lembrava do carnaval. Lembrei-me de vir para a cidade, o cenário no estacionamento de uma loja de desconto fechado. Lembrei-me do que aconteceu lá.

Não admirava porque Patrick havia deixado o filme.

-- Como está seu pai?

Patrick deu de ombros. -- O mesmo. -- Dois anos atrás, quando Patrick tinha acabado de se mudar para a cidade e era uma estrela nova na escola, super inteligente e um atleta melhor que todos os atletas, mesmo os mais velhos estavam falando, o seu pai teve um derrame no carnaval. Ele quase morreu. Eu tinha esquecido tudo sobre ele.

-- As pessoas esquecem coisas assim, -- disse Patrick, e em seus olhos eu podia ver que ele sabia exatamente o que estava falando. Que eu só lembrava. -- Coisas assim. . . algo acontece que muda sua vida inteira, e as pessoas lhe dizem como desculpa que são e tudo isso, mas então, depois de um tempo, é como se você fosse o único que se lembrasse. Isso vai acontecer com você também. As pessoas vão esquecer o que aconteceu com a Julia. Eles vão esquecê-la.

-- Eu não vou.

-- Não, -- ele disse. -- Você não vai. Mesmo se você quiser esquecer, você vai se lembrar. Eu ainda posso ver o rosto do meu pai. Ele estava chateado sobre quanto pediu para eu entrar, continuou a falar sobre isso. As pessoas estavam olhando. Eu não estava escutando, queria ir encontrar meus amigos, e então ele mais ou menos. . . Ele só me deu este olhar. Este olhar estranho, como se ele não me conhece, como se ele já não soubesse de nada, e então ele estava no chão...



Patrick parou de falar. Ele parecia que estava lá, como ele estivesse preso em um momento horrível. Eu sabia como ele se sentia.

-- O filme te fez pensar nisso, não é? -- Ele riu, e estava triste eu não disse nada porque o seu riso não soou como um riso realmente. Parecia dor.

-- Tudo me faz pensar sobre isso. Eu sei que não deveria. Ele não morreu. Ele ainda está vivo, ele está indo bem, aprendendo a andar de novo e outras coisas, por isso realmente, eu sou muito sortudo. Eu não deveria estar assim. . . Eu não deveria estar aqui fora, me escondendo. Eu deveria estar bem.

-- Eu não disse...

-- Você não precisa. É a verdade. -- Ele passou os braços em torno de suas pernas novamente. -- Você sente falta da pessoa que você era antes dela morrer?

-- Eu. . . Não. -- Eu falei, no entanto. Eu sentia. Eu pensei que as coisas eram difíceis antes, mas não eram. Eu nunca soube a sorte que tive até que fosse tarde demais

Ele olhou para mim novamente. Ele não disse nada, mas seus olhos eram fáceis de ler. Neles, eu vi que ele estava me chamando de mentirosa, sem nunca dizer uma palavra.

Laurie iria amá-lo.

-- Não importa se sentisse, -- disse agudamente. -- Não é como se eu pudesse voltar atrás.

-- Se você pudesse, embora? Se você pudesse voltar atrás e mudar as coisas um pouco, fazer com que Julia estivesse viva, faria...?

-- Você não pode dizer coisas assim. Você não deveria. . . você não pode pensar assim. Levantei-me, tremendo. -- Eu não penso assim.

-- Amy?

Era papai. Olhei para trás e vi-o parado a poucos metros de distância, na parte iluminada da calçada. Ele parecia preocupado.

Forcei-me a sorrir. Sua expressão relaxou um pouco, e eu sabia que Patrick estava certo sobre uma coisa.

Todo mundo precisava de mim para estar tudo bem.

-- Você está certa, -- disse Patrick quando eu sai. Ele estava falando baixinho mas o ouvi. -- Você não pode voltar atrás. Não importa o quanto você queira, você nunca poderá.

Eu não lhe respondi. Eu não olhei para trás. Fui até meu pai e segui para o carro. Quando entrei no carro, comecei a brincar com o rádio para que eu pudesse ter algo a ver. Para que eu pudesse me recompor. Eu disse a meu pai que Patrick não era ninguém quando ele perguntou, disse que ele era apenas um cara de uma das minhas classes que tinha perguntado sobre a lição de casa enquanto eu estava esperando meu pai para me buscar. Eu disse: "Não, eu estou bem, eu só não estou pronta para sair ainda," quando meu pai me perguntou se eu estava bem. Eu disse: "Eu prometo, eu te diria, se algo estivesse me incomodando", quando ele perguntou novamente.

Eu podia ver Patrick no espelho lateral quando nós dirigimos para longe. Ele estava olhando para mim. Ele era apenas uma sombra escura, contra o escuro, mas eu o vi.



Julia, você ...

Você soube.

São 4:00 am, e eu estou sentada no chão do banheiro. Levei uma eternidade para adormecer, porque tudo o que Patrick me disse ainda estava rolando na minha cabeça, mas eu tentei. Adormeci e acordei tremendo de um sonho que não era um sonho, era a partir da memória dos seus olhos abertos olhando sem me ver.

Desculpe-me pelo que fiz, e você sabe disso, certo? Você tem que saber isso. Mas J, você sabia...

Você sabia, não é?

Naquela noite, aquela que você não quis deixar Kevin naquela festa, você sabia o que esse cara tinha feito. Eu sei o que você disse no hospital, realmente significou agora, J. Por que você não diz nada naquela noite? Por quê?

Não.

Você não sabia.

Você não tinha como saber. Você estava agarrada com Kevin, desesperada para ficar com ele, mas você ia me levar para casa. Você disse que iria.

Você se livrou desse cara para mim. Você podia ter visto algo, mas não foi suficiente para ter certeza de nada, e se você tivesse, teria dito algo.

Certo?

Eu odeio Laurie por isso. Eu quero a minha memória de acordar e vê-la no hospital inalterada. Eu não quero pensar que havia uma sombra em seus olhos.

Eu não quero pensar que quando você me abraçou antes de eu ir para casa e disse que estava com medo, você queria dizer outra coisa. Eu não quero pensar que você queria dizer que estava arrependida.

Mas, Julia, eu sei como você é, e "Desculpe" era uma palavra que nunca foi capaz de dizer.

Você... era o que você estava tentando dizer?

Eu não quero pensar sobre isso.

Você não sabia.



Eu nem consegui agüentar a escola hoje. Bem eu consegui, mas só por um tempinho.

Eu estava muito cansada quando eu cheguei lá esta manhã. Eu não estive dormindo muito bem, desde... bem, não depois que eu escrevi à Julia na sexta a noite.

Eu sei que Julia não sabia exatamente o que aquele cara tinha feito, mas é só que... estava lá, na minha cabeça, e não ia embora.

Na escola eu esqueci de pegar o caminho mais longo para o meu armário, e acabei passando pelo dela. Eu tentei não reparar nele, mas claro que eu reparei. Eu odiei que eles fizeram com ele tanta coisa.

Mel ia passando enquanto eu abria o meu armário. Eu fingi que não tinha visto ele, mas ele parou e disse “Ei Amy.” Ele estava com Patrick, que (como sempre) encarava o chão. Quando eu olhei de volta pra eles Mel acenou e cutucou Patrick, que parou sua inspeção do chão tempo o suficiente para brevemente encontrar meus olhos.

Quando ele fez, eu pensei em todas as coisas que ele disse no cinema, eu pensei no que eu percebi depois daquilo.

Meu coração começou a bater mais rápido, tão forte que eu podia senti-lo.

Meu armário parecia que estava realmente longe, mesmo que eu tivesse com uma mão descansando sob ele, e eu soube que eu tinha que deixar a escola. Eu não estava pronta pra isso. Eu tinha que fugir, ir pra algum lugar e só... desligar o meu cérebro ou alguma coisa assim. Eu poderia ir pra casa, deitar na cama com os cobertores cobrindo a minha cabeça.

Eu poderia ir pra casa e roubar algum dinheiro, então sair e arranjar alguma coisa pra beber. Eu conhecia todos os lugares que Julia ia pra conseguir as coisas pra mim. Eu podia fazer isso por mim mesma.

Afinal, eu não tinha feito tudo isso, então era como as coisas tinham que ser?

Eu fechei o meu armário, mantendo ele fechado com um pulso e com a cabeça em direção a saída no final do corredor. Giggles estava parado lá, com a boca enrugada como se ela tivesse dois limões enfiados dentro, assentindo para alguma coisa que um professor estava dizendo e ameaçando qualquer um que tentasse chegar perto da porta. Eu virei as costas e fui em direção ao banheiro, imaginando que Giggles iria vacilar quando o sinal batesse. Quando o sinal batesse eu poderia sair.

Quando o sinal batesse eu tinha que sair.

Eu passei de novo por Mel no caminho para o banheiro. Ele disse alguma coisa pra mim. Eu acenei como se eu tivesse escutado. Eu não escutei. A única coisa que eu queria escutar era o sinal.

O banheiro estava vazio, Giggles deve ter passado por aqui mais cedo e expulsado todo mundo. Eu bati meu punho... eu não conseguia parar de bater os meus dedos contra a dispensa de toalha de papel e esperar que o sinal batesse logo.

A porta se abriu e Caro entrou. Ela parecia como se estivesse tentando parecer entediada, mas ao invés ela só parecia chateada.

-- Mel me pediu pra entrar para ver se você estava bem.

Eu a ignorei.



-- Tudo bem, estou indo. Tenho certeza que ele vai estar aqui em trinta segundos de qualquer jeito. E só pra você saber, ignorar ele pedindo desculpas por sexta a noite pra fazê-lo se sentir mal não vai fazê-lo gostar de você ou alguma coisa assim. Ele só esta sendo legal por que ele é, bem, Mel. Todo mundo sabe exatamente quem... e o que ... você é.

Eu olhei pra ela. Ela deveria parecer com raiva. O que ela disse com certeza foi raivoso. E ela parecia um pouco irritada. Mas na maioria ela parecia ansiosa.

Ela olhava em volta como se Beth estivesse à espreita, esperando ficar brava porque o que ela me disse não tinha sido pré-aprovado. Isso era tão estúpido. Ela era tão estúpida. Ela estava com medo de ficar com raiva sem a aprovação de Beth.

Eu andei até ela e a assisti olhar em volta ansiosamente de novo. Que ovelha estúpida.

-- Ele não gosta de mim, sua imbecil. Ele gosta de você, e se você tirar a sua cabeça da sua bunda por 5 segundos você vai perceber isso, e então vocês dois poderiam parar de agir como se estivessem em uma merda de comédia romântica em que vocês tem que discutir antes de ficar juntos e fazer já isso.

A boca dela caiu aberta e os olhos ficaram marejados, mas ela não disse nada. Eu passei por ela, a droga do sinal finalmente tocando enquanto eu colocava a cabeça no corredor e então fora da escola.

Eu não conseguia acreditar no que eu disse. Eu nunca dizia coisas assim. Julia dizia, e eu desejava dizer também. Isso não era tão legal quanto eu pensava que seria, mas pelo menos eu não teria que lidar com ninguém por um tempo. Um tempo acabou como dois minutos mais ou menos. Eu nem mesmo sai do terreno da escola. Eu nem mesmo cheguei às estúpidas plantas antes do estacionamento antes de Caro agarrar o meu braço com força e me virar para encará-la.

-- Eu te odeio de verdade -- ela disse, ou eu pensei que ela disse.

É difícil dizer por que ela estava chorando.

Eu me desvencilhei dela e continuei andando, atravessando o estacionamento e finalmente deixando a escola. Os sentimentos de xarope de milho estavam feridos? Boo-hoo, eu estava indo para casa, achar algum dinheiro e então achar uma bebida. Ou muitas bebidas.

Eu continuava a ouvi-la chorar. Mesmo que não eu estava cortando pela vizinhança que é cheia de pessoas velhas e pequenos cachorros, eu ainda podia ouvi-la chorar.

Eu virei depois de passar por um velho que quase bateu em mim com o seu carro de bunda grande, e ela estava andando atrás de mim, ainda chorando. Eu parei de andar. Ela também. A gente só meio que se encarou, e eu acho que o olhar no meu rosto devia ter alguma coisa porque ela parou de chorar tempo suficiente para dizer:

-- Olha, eu não sei o que eu estou fazendo aqui, ok? -- ela parecia tão miserável, tão perdida, que tudo aquilo sobre Julia e tudo mais que estava agarrado dentro de mim, arranhando e me fazendo desesperada por uma bebida... ainda faz. Por que o que ela disse e o como ela disse... é como eu me sinto também. Como eu sempre me sinto.

Eu também não sei por que eu estou aqui, exceto que isso é o que eu mereço e isso ... eu sei, esta certo, mas eu estou tão perdida sem Julia. Tão solitaria.

Eu acho que isso é meio do porque eu acabei indo para a casa de Caro. Ela não me convidou exatamente, só disse -- Estou indo pra casa, se você quiser...



Nós andamos em silêncio. Eu me lembrava dela morando no final da cidade mas aparentemente ela tinha se mudado e agora vivia há 10 blocos da escola. Eu não sabia disso, mas eu nunca tinha pensando em Caro depois que eu e Julia ficamos amigas, a não ser no flashback da escola média quando eu estava nervosa, e neles, Caro era sempre a sombra de Beth, o seu pequeno filhotinho.

Eu pensei que as coisas não haviam mudado muito, mas Caro é diferente agora. Um pouco. Por um instante tudo o... o que foi na escola.

E então, quando nós chegamos na casa dela, eu descobri que ela também é vegetariana.

-- Você quer alguma coisa pra comer? -- ela disse quando nós entramos. -- eu não como carne, mas meus pais comem se você quiser um sanduíche ou alguma coisa.

-- Oh! -- eu disse -- eu não... eu também não como carne.

-- Queijo?

-- O que? -- eu disse e ela sorriu, só um pouco.

-- Você quer queijo?

Eu assenti e nós acabamos fazendo sanduíches de queijo grelhado e os comendo enquanto assistíamos TV.

Era para ter sido estranho, todo o negócio do sanduíche (e o estar-na-sua-casa) mas não foi. Não foi normal, mas foi ok. E com certeza foi bem melhor do que estar na escola.

Eu tinha quase acabado o meu sanduíche quando ela clareou a garganta e disse -- Você sabe, eu queria ser alta como você.

Eu forcei um sorriso enquanto eu comia minha última mordida e relembrava dela, Beth e Anne Alice me chamando de "arranhacéu" na quarta série, mas ela disse:

-- Não Amy, sério. Eu iria amar.

-- É, é só alegria tentar achar jeans.

-- Mas você completamente se sobressaia. Mesmo quando nós éramos crianças. Todo mundo sempre falava como alta você era, como uma modelo, como lindo o seu cabelo era e como...

-- Eu não lembro disso.

-- Qual é, lembra quando nós fomos para o Aquário e todo mundo que víamos diziam que você tinha um cabelo lindo?

-- Tudo o que eu me lembro é da viagem de volta... coisas como bolo no meu cabelo, Giggles enchendo as minhas orelhas. Foi tão difícil não chorar, mas eu não chorei. Eu só sentei lá e esperei que isso acabasse logo.

Eu tinha certeza que ela ia rebater "o que você quer dizer?" mas ela murmurou -- Yeah -- e então disse -- você simplesmente se sentou lá. Se você tivesse simplesmente se virado e falado alguma coisa, talvez...

-- Beth teria falado para todo mundo colocar mais lixo no meu cabelo?



-- Não, eu iria... tudo bem então. Ela teria dito isso, e a gente teria feito isso. Beth era ... ela é ...

-- Uma vadia?

-- Yeah -- Caro disse, e depois pareceu horrorizada. -- Eu quero dizer ... ela não é, não de verdade. Ela é minha melhor amiga e...

Ela suspirou, -- quem eu estou tentando enganar? Ela é uma completa vadia. Ela sabe que eu gosto do Mel -- como, eu não sei, porque eu não disse pra ela. Mas isso não interessa. Ela decidiu que ela gosta dele, e Beth sempre consegue o que ela quer.

-- Não sempre. -- Eu disse mas eu estava mentindo. Garotas como Beth sempre conseguem o que elas querem. É como uma lei não escrita ou alguma coisa assim. E eu podia dizer pelo modo como Caro estava olhando pra mim que ela também sabia que eu estava mentindo.

-- Eu só espero que ela fique entediada e vá atrás de outra pessoa -- ela disse -- sair com Mel significa sair com Patrick, e ela realmente não gosta dele. Ele é tão... bem, ele é tão quieto, é meio que estranho.

-- Por que ele é calado?

-- Ele não é simplesmente calado, sabe? Ele é sempre calado. Você não viu ele desaparecer no cinema na sexta? Ou talvez você já tivesse saído antes dele?

Quando eu não respondi ela suspirou, -- de qualquer jeito, depois do ataque do seu pai ele teve que ajudar porque os pais dele são bem velhos, e ele acabou perdendo muita escola. Ele compensou tudo, ou o que seja, mas eu acho que o que aconteceu com o pai dele mexeu com ele, porque quando ele voltou ele não... ele não era o mesmo.

-- Como? eu não consegui evitar. Eu tinha que saber.

-- Ele não falava mais com os amigos. Ele não fala com ninguém, e eu acho que se Mel não achasse que se ele falasse, Patrick ia ter que responder, ele poderia nunca falar com ninguém de novo. É difícil pra ele, e não porque é a escola e a gente esta cansada disso. Eu acho que é porque estar em volta de muita gente ... ou qualquer uma ... incomoda ele. Estranho huh?

-- O pai dele teve um derrame no carnaval lembra? Muita gente em volta.

-- Certo, eu esqueci. Faz sentido. Eu acho que explica porque ele deixou o cinema também. Teve aquela coisa no começo, com o velho...

-- Eu lembro -- eu disse, e pensei sobre Patrick sentado do lado de fora. Onde ele estava sentado. Como ele estava sentado. Como ele sabia exatamente como era ser uma pessoa completamente diferente mesmo quando você parece exatamente igual.

-- É horrível, sabe? -- Caro disse. -- o que aconteceu com ele, quero dizer. Ele era completamente uma pessoa antes. Ele fazia coisas. Mas agora ele não faz nada. Eu não conseguia acreditar que ele estava no cinema. Mel deve tê-lo arrastado até lá.

-- Talvez -- eu disse, apesar de ter bastante certeza de que ele o fez.

-- Eu vi Patrick em duas festas, talvez, nos últimos dois anos, e ele sempre sai antes de 10 minutos e vai esperar por Mel para levá-lo para casa. É só que é tão triste quando algumas pessoas ficam perdidas quando alguém -- ela parou de repente -- não que você... quero dizer todo mundo acaba se perdendo.



Eu concordei e tentei me lembrar se tinha alguma parada de ônibus perto. Xarope de milho tentando ser profunda? Eu com certeza não precisava disso.

-- Quer dizer, olhe para mim. -- Ela continuou -- eu tenho medo de falar com o cara que eu realmente gosto porque minha melhor amiga, que eu odeio a ponto de imaginá-la sendo atingida por um carro pelo menos duas vezes ao dia, pode querê-lo.

-- Bem, você poderia... -- esquece eu comecei. Com Parada de ônibus ou sem parada de ônibus eu estava fora de lá. A última coisa que eu precisava era afirmar o óbvio.

-- O que?

Eu suspirei, porque sinceramente, para uma supostamente pessoa inteligente, ela com certeza era burra. -- Beth te trata feito lixo, certo?

Caro concordou

-- Então pare de andar com ela.

-- Oh certo. Ótima idéia, porque ensino médio é completamente o melhor lugar para fazer algo que com certeza vai me fazer ter absolutamente nenhum amigo.

Eu não sabia que Caro podia lidar com sarcasmo. Eu sentei de novo.

-- Sabe, é fácil pra você afundar Beth, porque você tinha Julia. Eu nunca tive alguém como isso, que iria me defender não importa o que acontecesse. Você tinha tanta sorte, Amy.

Tinha. Passado, eu levantei -- Olha, eu tenho...

-- Eu o odiava, sabe. Desde aquela festa na sexta série.

-- Yeah, desculpe por você ter sido pega.

-- Como se eu fosse a única que fizesse coisas pra você, -- Caro disse quietamente --mas não era. Você basicamente parou de falar comigo depois que conheceu ela. Você simplesmente...você agia como se nós nunca tivéssemos sido amigas.

-- Nós nunca fomos amigas, você, Beth e Anne Alice eram amigas.

-- Beth e Anne Alice eram amigas. Você sabe quão horrível minha vida ia ser se Anne Alice não tivesse mudado para LA dois anos atrás? Elas me tratavam exatamente como você, Amy. Só que eu tive que lidar com aquilo por um inferno maior de tempo. Você não se lembra o que elas fizeram comigo no meu aniversário de 10 anos? Ou como na quarta série você, Anne Alice e Beth formaram um clube secreto quando eu estava fora com doença do frango?

-- Nope -- eu não me lembrava mesmo, até ela dizer isso. Então eu lembrei. Lembrei de Beth e Anne Alice aparecendo com casacos combinantes no aniversário da Caro e como tinha sido legal elas dormirem juntas enquanto Caro abria os presentes.

Eu me lembrei daquele estúpido clube e de como eu tinha ficado excitada por estar nele. Eu completamente ignorei todos os recados que Caro mandou quando ela voltou, pedindo por uma dica sobre o nome do clube, e o como eu ri com elas sobre o quanto ela queria entrar.



-- Claro que você não lembra, quero dizer. Por que você se importaria que a última conversa que eu tive com uma amiga de verdade foi sobre Chester, e como ele estava realmente doente e eu estava com medo dele morrer? O seu casaco está naquela cadeira, e o ponto de ônibus é dois blocos pra baixo.

Eu parei de andar pelo quarto. -- O que você quer que eu diga Caro? Me desculpe por eu não te ajudar quando nós conversamos sobre o seu cachorro doente. Eu tinha 11. Eu não tinha uma especialização em auto ajuda.

-- Deus, você é tão estúpida! Não é pelo o que você disse, Amy. É pelo fato de que a última vez que eu falei com alguém que eu podia realmente chamar de amiga foi quando eu tinha 11 anos.

-- Oh.

Caro rolou seus olhos pra mim e se levantou, agarrou meu casaco e o segurou pra mim

-- Aqui.

-- Olhe. Eu ... só... -- eu olhei para Caro que estava olhando para mim, sua boca em uma fina linha de raiva.

--

- Você nunca disse nada para mim.

-- Oh, Me desculpe. Eu acho que depois de você e Julia me dizerem para eu cair fora eu deveria aparecer de novo e dizer 'Hey Amy, eu completamente sinto falta de sair com você' por favor. Você e Julia iriam me fazer chorar de novo, e amar isso.

-- Nós não iríamos... -- eu parei. Nós íamos sim. -- Você só... você sempre pareceu feliz. Você ainda aparece, na maioria do tempo.

Caro enrolou um pedaço de cabelo ao redor do dedo e sorriu, um enorme e feliz sorriso. Até os seus olhos parecia brilhantes. A voz, no entanto, era uma história diferente. Isso era um plano.

-- Eu tenho muita prática, Amy. Vejo você por ai.

Eu estava feliz por sair dali, mas enquanto eu andava para a parada de ônibus eu continuava pensando no que ela tinha falado. A última vez que ela sentiu que realmente falava com alguém foi quando ela falou comigo sobre Chester?

O último amigo de verdade dela tinha sido eu?

Foi por isso que ela veio atrás de mim hoje de manhã?

Ela... hoje foi ela tentando ser minha amiga?

Eu ri alto porque, qual é, sério. E então eu tentei imaginar. Caro dizendo qualquer coisa que ela me disse para Beth. Eu não consegui. O máximo que eu já ouvi ela dizendo para Beth foi "você esta completamente linda" ou "você esta totalmente certa!"

Eu voltei para a casa da Caro, seus olhos estavam vermelhos quando ela atendeu a porta -- Oh -- ela disse, e então -- O que foi?

-- Então, o que aconteceu?

-- O que?



-- Com Chester?

-- Ele morreu.

-- Oh, meus pêsames. Ele era um cachorro legal. -- Deus, eu soava como uma idiota. Uma idiota que deveria simplesmente sair e voltar para o ponto de ônibus. Agora.

-- Ele era um cachorro legal -- Caro disse quando eu virei para descer os degraus da entrada dela -- Jane tirou uma foto dele uma noite antes dele morrer. Ela guardou aquilo para sempre, e ano passado ela fez esse mosaico com ela, como milhares de pequenas fotos formando uma grande, e ganhou primeiro lugar em uma competição de fotografia.

Eu virei de volta -- Jane é uma fotógrafa? Jane?

A irmã de Caro nunca foi capaz de tirar fotos. Quando eu e Caro tínhamos oito, nós fomos para o Millertown Festival com a família dela, e Jane foi encarregada de tirar todas as fotos. Todas e cada uma delas ficaram borradas, ou eram como o final do joelho de alguém, ou o topo da cabeça de alguém, e muitas nuvens.

-- Eu sei -- Caro riu. -- Você deveria ter visto papai quando ela disse que iria trocar o seu último ano de Negócios para artes visuais. Mas ela é muito boa. Ela tirou uma foto maravilhosa de mamãe no final do verão. Você quer ver?

Então eu entrei de novo e vi a foto, na verdade era boa mesmo e Caro acabou falando. Não sobre a escola, ou Beth, mas sobre outras coisas. Eu descobri que a mãe dela teve uma veia bloqueada no cérebro na última primavera passada e teve que ter uma cirurgia de emergência.

Na foto que Jane tirou, a mãe de Caro estava lá fora, sentada no sol e sorrindo para a câmera, o topo da cabeça dela estava careca. Caro me disse que toda a vez que sua mãe tem uma dor de cabeça ela pensa que alguma coisa ruim vai acontecer.

-- Estúpido não? -- ela disse.

-- Não -- eu disse, e acabei contando sobre Pinewood.

Eu não sei porque eu fiz. Eu só senti, eu acho. Eu nem mesmo me senti estranha. Bem, talvez um pouco. Mas ela não -- ela não reagiu como eu achei que ela faria. Ela não disse nada estúpido, e ela não tentou ser toda positiva ou simpática ou nada. Ela só disse

-- Como é?

-- Eu não sei -- eu disse -- como todos esses lugares são, eu acho. Muito de conversar e tudo. Oh e todo dia eu tenho que participar de um movimento ativo.

-- Como dançar?

-- Não, é só um nome bonito para aula no ginásio -- eu disse e ela sorriu.

-- Então ginásio e conversar?

-- E comida ruim, -- eu disse -- quero dizer, como saladas e essas coisas, tente 60 dias sem junk food. Não é normal!

-- Sem junk food MESMO?



-- Nenhuma.

-- Ugh! Ela disse, e entrou na cozinha, voltou com aquelas barras de chocolate cobertas de sorvete super caras?

-- Eu as estava guardando para quando eu fosse estudar para o teste de física, mas você esta completamente precisando delas.

Eu comi uma e wow, eu tinha esquecido o quanto sorvete era bom. Eu nunca pensei em comer isso de novo, porque é uma das coisas que Julia e eu fazíamos juntas, mas parecia tão bom. E Caro não ... ela não é como eu me lembrava. Ela é humana, para começo de conversa.

Ela também é meio que engraçada. Eu não sabia que alguém além de Julia podia ser engraçada.

116 dias

J,

Esqueça o que eu disse antes... você sabe, sobre o que aconteceu. Prometa que irá esquecer ta? Por que eu estou... as coisas estão estranhas ultimamente. Como hoje, por exemplo. Hoje eu acabei passando o dia com Xarope de milho (não fique com raiva ok?) e perdi a escola.

Eu também cheguei em casa tarde (você se lembra o quão ruim o sistema de ônibus é). De fato, cheguei em casa tão tarde que mamãe e papai perceberam. Eu nem tive a chance de abri a porta da frente porque eles marcharam direto para fora assim que eu cheguei a casa.

Foi como alguma coisa saída de um programa de TV, o jeito que eles jogaram perguntas para mim. -- Você esta bem? Por que você perdeu a escola? Você esteve bebendo?

-- Sim... não sei... não.

-- Onde você estava? O que você estava pensando?

-- Nenhum lugar especial. E eu só... eu não sei.

-- Nenhum lugar especial? E você não sabia o que você estava pensando quando você fugiu da escola? Nada vem à mente mesmo?-- este era Papai, a voz aumentando a cada palavra.

-- Amy, essas não são respostas.-- Essa era mamãe, ela estava segurando a mão de papai. Eu poderia ver os dedos deles brancos contra os do outro.

Eu não queria falar sobre Xarope de milho. Meus pais pensariam que Caro e eu íamos começar a ser amigas, e eu não estava disposta a explicar como o ensino médio realmente funcionava. Você sabe como... mas bem, você não esta aqui.

-- Olhe. -- eu disse a eles -- Eu só andei por ai, eu precisava pensar.



Minha mãe começou a dizer alguma coisa então parou, parecendo perdida e chateada. Papai passou a mão por seu cabelo, que é uma sombra pálida do meu. Ele parecia com raiva e perdido também.

-- Eu não sei o que dizer pra você. -- Ele finalmente disse, sua voz quebrando, e ele e mamãe simplesmente ficaram lá, me olhando. Foi tão. Foi tão fantástico vê-los daquele jeito, com olhos selvagens e tristes por minha causa (minha!) mas ao mesmo tempo me fez pensar sobre você e sua mãe. Me fez pensar sobre aquela noite, sobre estar no hospital encarando os policiais falando comigo.

Os rostos deles vinham até mim em pedaços. Testa, nariz, vozes. Suas vozes pareciam tão distantes.

Então eu escutei a sua mãe. Tudo o que ela dizia era o seu nome. Julia Julia Julia Julia JULIA!

Eu queria outra bebida, eu queria esquecer esse dia hoje, eu queria esquecer os últimos meses, quem eu sou agora. Eu não quero isso, todos nós de pé por ai, atuando as cenas de uma peça em que nós não sabemos as falas.

Eu disse a eles tudo, J. todas as palavras. A coisa da peça, o que fez a voz da sua mãe se erguer violentamente e seu rosto ficar vermelho. Eu sei porque você faz isso com um pequeno sorriso no seu rosto. Você a ganha quando ela esta assim. Você era tudo o que ela conseguia ver.

Eu passei por eles como se eles não estivessem lá, como todos esses anos em que eles passavam por mim para se observarem e entrei. Eles me seguiram e quando eu olhei sobre o meu ombro eu os vi me observando. Eu os assisti procurar por meu rosto como se ele tivesse todas as respostas.

Finalmente eu tinha o que eu queria deles. Finalmente eles estavam realmente olhando para mim. Mas o que me custou conseguir...

Eu virei de costas e subi as escadas.

A coisa é – e você sabe – meus pais nunca serviram para ser pais. Quero dizer, eles não são os tipos de pais que você pensa quando você fala alguma coisa assim, pessoas com especialização em roupas pretas e tapas pesados, criando crianças que sabem que o único jeito delas estarem seguras era nunca terem nascido. Meus pais simplesmente não planejaram terem filhos. Eu sei que não é um problema tão sério. Então eles não queriam filhos. Eu não sou o primeiro erro a nascer. E olha, eu sei, eu tenho sorte. Eu vivo em uma casa legal, em uma vizinhança legal. Eu moro com dois pais que ainda estão casados. Que ainda se amam. Eu nunca fui espancada, nunca fui chamada por nomes ou insultada. Eles nunca nem sequer gritaram comigo. E é só isso. Eu nunca nem vali o esforço de se aumentar a voz. Eu sei que é doentio, porque meus pais nunca gritaram comigo.

Oh pobre de mim, sendo capaz de fazer qualquer coisa que eu quisesse. Você sempre dizia que eu tinha tudo feito, meus pais são legais. Você gostava deles. Você gostava do jeito que eles sempre diziam "Oh,hello, Julia" quando você vinha e nunca perguntavam onde nós íamos ou que hora íamos voltar. Você dizia que era bem melhor que a sua mãe sempre te perguntando sobre as suas roupas ou o seu cabelo, e os seus amigos. Perguntas sem fim.

Eu te invejava.

Oh, meus pais fizeram um quarto pra mim. Eles me davam festas de aniversário quando eu era jovem o bastante para querê-las, viam para as minhas peças de escola e algumas vezes me levavam com eles para as viagens. Eu sempre tinha permissão e ótimos presentes nos feriados e no meu aniversário. Eu ganhava abraços se eu pedisse por eles e um beijo de boa noite. Mas era isso. Eu estava lá. Eles sabiam. Fim.

Eles encheram seus corações com eles próprios e não precisavam de nada mais. Eles não precisavam de ninguém mais. E quando eu parei de tentar agradá-los sendo o mais perfeita que eu conseguia ser, quando



eu parei de tirar 10 em tudo e parei de fazer as atividades extra curriculares eu estava dentro, eles diziam que entendiam que certo, eu poderia mudar para o sótão quando eu pedisse. Eles disseram tchau, se divirta quando eu gritei que ia sair contigo. Eles disseram ei, tudo bem, nem todo mundo é cortado da aula avançada quando as minhas notas foram terríveis ou apenas baixas. Eles disseram que sabiam que ser adolescente é difícil.

Eles nunca perguntaram como eu estava.



Eu retiro tudo o que eu disse sobre os meus pais antes. Eu tive sorte então, quando eles me deixaram sozinha. Quando Julia estava por perto.

Mamãe e papai subiram depois do jantar, já que eu me recusei a descer, não só porque não queria lidar com eles, mas porque eu também queria pensar sobre essa coisa-de-ter-saído-com-Caro. Eles sentaram na minha cama e disseram (previsivelmente, ao mesmo tempo). -- Nós gostaríamos de conversar com você sobre Julia.

Os ignorei e olhei para a minha colcha. --Nós não vamos sair, -- papai disse, e a forma como ele disse, deveria ter me dito o que estava por vir.

-- Sua mãe e eu sentimos que o seu comportamento hoje e não apenas hoje, mas todo o seu comportamento ultimamente tem sido sobre o que aconteceu com a Julia, e nós queremos que você nos diga sobre a noite que ela...

-- Você estava no hospital, lembra? Você me viu entrar. Você provavelmente viu traze-la... seu corpo, e eu não sei o que mais há a dizer.

-- Nós gostaríamos que você falasse para nós, -- disse mamãe. --Diga-nos exatamente o que aconteceu. Como te fez sentir. Nós. . . querida nós queremos que você saiba que pode sempre falar com a gente.

-- Eu posso falar com vocês, -- eu disse, repetindo-os, e ambos concordaram.

Agora eu podia falar e eles escutariam. Agora eles queriam. Agora. Isto fez uma difícil reviravolta dentro de mim, porque eu sempre quis que eles realmente falassem comigo, realmente me escutassem, mas se eu soubesse o que iria fazer isso acontecer, Deus... se eu apenas soubesse. . .

-- Por favor, Amy, -- papai disse. -- Sua mãe e eu achamos que isso seria útil para todos nós. Não estamos pressionando, mas acho que você precisa falar sobre isso. Nos ajudaria a ajuda-lá.

Algo amargo passou através de mim. Então, eles queriam me ajudar agora, quando já era tarde demais, quando nada poderia ser feito. Olhei para os seus rostos, tão ansioso para ser "os pais", quando antes só queria ser "Colin&Grace, que tiveram uma filha".

-- Eu a matei.

Silêncio. Não um silêncio confortável. Um silêncio chocado. Há uma diferença. O silêncio chocado paira pesado, pressiona você para baixo.

-- Mas você não estava... você não estava dirigindo o carro, -- mamãe disse, inclinando-se e colocando a mão no meu joelho. -- Julia estava dirigindo.

Afastei-me. -- Eu disse a ela que deveríamos sair, eu caminhava para o carro, eu disse a ela para entrar. Eu disse a ela para colocar seu cinto de segurança. Eu lhe disse para dirigir.

-- Amy, -- papai disse. -- Isso não quer dizer...

-- Quer. -- Eu disse, -- eu estava certa que ela queria ir embora. Eu queria... Eu queria que nós fôssemos, e nós fomos, e então ela...

E então eu matei Julia.



Eu disse a eles como eu o fiz. Eu disse a eles, porque eu podia ver que eles não acreditaram em mim.

Eu sabia, uma vez que eu lhes dissesse o que eles queriam.

-- Nós fomos a uma festa, -- eu disse. -- O namorado de Julia, Kevin, deveria estar lá. Eu fui primeiro, porque Julia queria que eu tivesse certeza que ele estava lá, e eu o vi levando uma garota para cima.

Se soubesse o que iria acontecer, eu sabia como Kevin era. Eu sabia que Julia o amava, mas ele. . . ele ficava brincando com outras meninas, e ela ficava louca e gritava e dizia que ela nunca mais iria vê-lo novamente.

Mas ela sempre o amou. Por quê? Eu ainda não entendo. Ela disse que o amava, mas, realmente, quão ótimo é o amor?

Que isso faz? Julia amou Kevin, e ele a machucou, e eu queria que ela visse isso. Eu queria que ela entendesse que ela poderia fazer melhor.

Mamãe e papai estava me olhando. Não confusos exatamente, mais como. . . mais como se eles achavam que estavam seguros.

Eles estavam errados.

-- Eu quis ter a certeza que Kevin teria tempo de fazer o que eu sabia que ele iria fazer.-- Eu disse, ter certeza que eu falava devagar mesmo como o as palavras na minha boca coçando, meu coração coalhando. -
- Eu fui e encontrei Julia. Lhe disse que ele não estava lá, mas que eu ouvi dizer que ele estaria. Então esperamos.

Esperamos, eu bebendo no carro enquanto Julia batia os dedos contra o volante e cantava junto à uma canção de amor, sacudindo a cabeça quando eu lhe ofereci a garrafa.

Depois que eu fiquei bêbada -- ,eu disse, -- eu disse a ela que deveríamos entrar. E quando nós entramos, e ela não conseguia encontrar Kevin, eu disse que tinha ouvido algumas meninas falando sobre ele está lá em cima.

Ele estava lá em cima, e ele estava com outra garota, assim como eu sabia que ele estaria, e eu esperei por Julia finalmente estar com ele. Para perceber que ele não ia mudar, falar algumas palavras que não iria mudar nada, bater a porta e seguir em frente.

Mas não foi isso que aconteceu. Ela viu tudo e começou a chorar. Eu não queria que ela chorasse. Eu queria ajudá-la. Eu queria que ela estivesse livre do Kevin, livre do que chamava de amor. Pensei que, deixaria ela se sentir melhor. -- Então, você disse a ela que seu namorado estava lá em cima, e você sabia que ele estava?
-- mamãe disse.

-- Amy...

-- Eu sabia que ele ia foder alguém, -- eu disse a ela, e questionei se o olhar na minha cara era tão horrível como a maneira que eu sabia que meu coração estava, em ruínas, amargo e errado. -- Eu sabia que Júlia iria subir e vê-lo. E foi isso que aconteceu. Eu fiz isso. Eu fiz isso acontecer. E quando ela ficou chateada como eu sabia que ela iria, eu disse a ela que deveríamos ir.

Vamos lá, tudo ficará bem, a escola finalmente acabou, e agora é verão. Deixe Kevin Screw e Skank pra lá, você pode fazer melhor, e você fará. Vai ficar tudo bem. Nós apenas precisamos sair daqui.

Eu só queria que ela parasse de chorar. Eu queria que ela fosse feliz. Eu não. . . Eu não queria pensar sobre o fato de que eu tinha a certeza que ela tinha visto seu namorado lhe traindo novamente.



Eu não queria pensar em como eu a machuquei. Eu não sabia que eu ia machucá-la ainda mais.

-- Então você? -- Papai disse, e sua voz falhou um pouco.

-- Sim, disse eu. -- Essa foi a razão pela qual deixamos a festa. Eu fiz isso, tinha que fazer. E quando saímos, eu tive que dizer a ela para entrar no carro duas vezes, porque ela estava chorando muito. Eu disse a ela para colocar no seu cinto de segurança, e então eu afivelei para ela. Eu mesma tive que dizer a ela para ligar o carro.

Eu poderia dizer que mamãe estava se preparando para dizer alguma coisa, e assim eu continuei falando. -- Eu disse a Julia para dirigir. Ela fez e eu não me importava para onde estávamos indo, só que tínhamos começado a sair de lá. Nós estávamos indo rápido, tão rápido era como voar.

Senti minha garganta pegajosa e se apertar. Eu olhei para mamãe e papai. Eles ainda estavam olhando para mim.

Eu poderia mudar isso.

-- Então o carro... Nós fomos para um esquina e giramos para fora, -- eu disse.

-- Aconteceu tão rápido. Havia muito barulho, este estranho grito, e então foi como se estivéssemos voando de verdade. Eu podia sentir. Tudo estava tão tranquilo e o carro estava dando voltas e voltas. Eu podia ver o céu. Eu ainda me lembro de ver todas as estrelas no céu. Então, minha cabeça bateu na janela e eu desmaiei. E Julia... -- Minha voz sumiu, quebrando-se.

-- Amy, -- papai disse. Ele estava segurando minha mão. Eu ainda não tinha percebido que ele estava. Eu afastei para eu não ter de senti-lo soltar. -- Quando acordei, tudo parecia tão estranho. O chão estava no céu, e a estrada estava onde as estrelas deveriam estar. Eu tentei olhar em volta e um ramo bateu no meu rosto. Fomos. . . O carro tinha capotado, fomos atirado para cima, e nós ficamos em meio há um grupo de árvores. Elas fizeram enormes buracos no pára-brisa, nos lugares onde tinha quebrado quando empurram os ramos e eu. . . Eu a vi. Eu vi o que eu tinha feito para ela.

Mamãe começou a chorar. Eu queria parar de falar, em seguida, mas não conseguia.

Continuava falando.

-- Olhei para Julia, -- eu disse. -- Ela, ela estava tão quieta. Eu disse o nome dela, mas ela não respondeu. Ela estava... -- Eu queria fechar meus olhos, mas eu sabia o que ia ver se eu fizesse.

-- Ela estava olhando para mim. Havia... ela tinha colocado essas coisas com glitter no rosto e tinha borrado, manchado ao redor dos olhos. Eu disse a ela, porque eu sabia que ela iria querer corrigir e ela não fez, ela não se moveu. Ela só ficou olhando para mim. Seus olhos estavam, eles estavam totalmente abertos, mas ela não me via.

Mamãe começou a chorar mais. Papai estava chorando muito. Eu parei de falar. Nós sentamos lá e eles choraram. Eu os assisti. Meus olhos estavam totalmente secos.

-- Todos esses anos prestando atenção em mim estão valendo a pena, hein? -- Eu disse, e empurrei as mãos dela. Ela olhou como se eu tivesse batido nela. Ela começou a chorar novamente. Depois de um tempo parou. Deslizei e olhei para a parede até que ela e o papai se levantaram.

-- É bom ficar triste, você sabe, -- disse ela. -- Estás triste?



Deslizei mais. Ela estava de pé na minha porta, papai segurando sua mão direita ao seu lado. A verdade é que me sinto triste. Sinto-me vazia. Entorpecida. Quando eu bebia, sempre era assim que eu queria me sentir.



TREZE

Eu deveria ter matado aula num dia melhor. Como hoje. Depois de ontem, com a estranheza de sair com Caro, de todas as pessoas, e então aquela conversa horrível com mamãe e papai, eu poderia ter tirado esse dia de folga.

Mas é claro que eu não tirei. Pior ainda, eu tive que enfrentar Giggles com mamãe e papai junto. Aparentemente, fomos todos convocados para uma reunião.

A ida para a escola com eles foi tranquila. Também silenciosa. Ninguém disse nada sobre o porquê de todos irmos até a escola. Ninguém disse nada sobre a noite passada.

Eu esperei tanto. Eu sei o que eu fiz e eu me odeio por isso, então por que eles deveriam ser diferentes?

Silêncio, eu... eu sei o que fiz, mas eu pensei que talvez mamãe e papai iriam... não entender, não isso. Mas eu pensei que poderia haver mais do que o silêncio infinito.

Quando chegamos à escola, sentamos no escritório de orientação e esperamos. Não é como se eu já não tivesse feito isso antes, exceto que, era eu e Julia, e desta vez era só comigo. E mamãe e papai.

Eu poderia muito bem, estar sozinha, embora, enquanto esperávamos meu pai usou um dos seis milhões de aparelhos que sua empresa lhe deu para verificar seu e-mail. Mamãe andou a deriva durante um tempo, depois voltou e folheou alguns folhetos sobre faculdade, murmurando coisas como "A ênfase nas artes? Desde quando?" Nenhum deles me disse nada.

Eu pensei sobre a última vez que Julia e eu estivemos aqui. Chegamos atrasadas em Maio passado, e Giggles tinha nos agarrado logo que chegamos, em voz alta apontando que foram três minutos de atraso e depois arrastou-nos ao seu escritório para seu usual "Você tem detenção e não acho que eu não estarei vendo você" palestra.

Julia estava usando o vestido que ela tinha feito de um deslizamento à moda antiga que tínhamos pegado na loja thrift da Igreja Metodista, a réplica de Lawrenceville para vintage.

Giggles apareceu após o primeiro período ter começado. Enquanto ela se arrastava para a sala, ela alegou estar "ocupada em outros lugares", e então disse: "Você sabe, nós sentimos que é importante manter contato com nossos alunos, pois promove o melhor ambiente para a educação". Ha! Suponho que espreitava nos corredores tentando encontrar alguém para ralar sobre a criação da atmosfera.

Seu escritório era o mesmo, como sempre, estocado com seu diploma de merda U e todos os seus certificados. (Aparentemente, eles lhe deram algo chamado de "Processamento de Texto II." Patético.)

Em seguida, ela "se desculpou" por "ter que trazido uma questão preocupante ontem", e disse: -- Eu acho que deveríamos olhar novamente para a situação da Amy. Como você sabe, seu registro aqui é irregular e na melhor das hipóteses, pode ser que uma escola alternativa, como Pinewood's... Programa de tecnologia possa ser...

-- Como estão suas notas? -- papai perguntou.

-- Bem, suas notas não são realmente o problema. O que aconteceu ontem é por isso que estamos aqui, e eu gostaria de...

-- A senhora mencionou a necessidade de ter um outro olhar para a situação da Amy, -- papai disse, sua voz gelada, e agora eu sei o porquê que sempre alguém de seu trabalho ligava, eles sempre pareciam nervosos.



-- Desde que você mencionou uma escola alternativa, isto deve significar que as qualidades de Amy são um problema. Grace e eu não ouvimos nada do tipo de qualquer um dos seus professores, ou, por falar nisso, se você souber de algum problema acadêmico, certamente eu espero que você compartilhe com a gente agora. Giggles parecia que alguém tinha enfiado um saco de limões inteiro em sua boca. -- Não tenho conhecimento de quaisquer problemas acadêmicos no momento.

-- Entendo. Então só precisamos lidar com a ausência de Amy ontem. Um incidente isolado. Correto?

-- Matar aula é uma questão muito séria.

-- Concordo plenamente com você, -- mamãe disse, colocando uma mão no braço do papai. -- Na verdade, enquanto estávamos à espera para ver você, eu conversei brevemente com uma mulher muito bonita. A Mrs.Howard? Halder? Eu estou receosa porque sou terrível com nomes. Eu sempre tenho meus alunos sentados em ordem alfabética por causa disso. Amy, você sabe quem eu estou falando? Ela disse, Ela trabalha com o diretor.

-- Mrs. Harris? "Há muitas coisas que você poderia chamar Mrs. Harris, mas agradável, não é um deles. Sua palavra favorita é "Não" e, embora o Sr. Waters é tecnicamente o diretor da escola, todo mundo sabe Mrs. Harris faz tudo e Mr. Waters passa seu tempo contando os dias até que ele possa se aposentar.

-- Certo, disse mamãe.-- de qualquer forma, Sra. Griggles, a Sra. Harris me disse que vinte e cinco alunos da escola fugiram ontem. Ela também me disse que nós éramos os únicos pais há ser chamados para uma reunião por causa disso.

-- Bem, veja...

-- E outra coisa realmente engraçada, -- mamãe continuou, -- é que ela também me disse que Amy perdeu doze dias de escola no ano passado. Você sabe quantos telefonemas Colin e eu recebemos sobre isso de você?

Giggles parecia realmente cheia de limões agora. -- Bem, no ano passado não fomos tão inteiramente pessoal quanto gostaríamos e...

-- Claro. Mas acho que, no futuro, poderia ser melhor se concentrarem menos na Amy do passado e muito mais sobre sua situação atual. E agora, bem, certamente você precisa entrar em contato com aquelas outras vinte e quatro famílias, e nós não queremos lhe tirar mais do seu tempo. Muito obrigado por nos ver. -- E então ela e meu pai se levantaram.

Giggles não se levantou. Ela ficou ali sentada, totalmente silenciosa, pela primeira vez. Eu teria rido, mas eu realmente não poderia falar de mim.

Meus pais tinham falado e Giggles ficou atordoada. Eu nunca tinha visto nada parecido. Mesmo Julia que só tinha sido capaz de sair chamando- a de Sra. Giggles e, em seguida, dizendo: "Opa, Desculpe, Sra. Griggles".

Eles se levantaram por mim. Depois do que eu disse a eles, depois do que eles sabiam que eu tinha feito para Julia, eles se levantaram por mim. Eu não podia acreditar.

Eles agiram como se nada tivesse acontecido, embora. Quando estávamos fora do gabinete de orientação mamãe apenas acariciou meu braço rapidamente e disse: -- Até hoje à tarde. Papai fez a mesma coisa, só que ele disse: --Vejo vocês esta noite.

Então eles saíram.



Então era isso. Parecia que não tinha de ser algo mais. Eu queria que houvesse algo mais. Eu queria correr atrás deles e abraçá-los. Eu queria dizer obrigado.

Eu queria correr atrás deles e depois dizer que eu perdi dez dias de escola no ano passado e eu levei uma carta para eles. Eles tiveram que assinar e disseram que eles sabiam quantas vezes eu tinha faltado. Eu dava a eles após o jantar, depois deles falaram sobre seus dias de um para o outro e eu separar a carne da minha lasanha.

Eles estavam colocando os pratos, o que realmente significava que eles fizeram quando carregavam a máquina de lavar louça. (Há algumas coisas que ninguém precisa ver. Pais fazendo é uma delas.)

Depois eu limpava minha garganta, mamãe afastava-se longe do papai tempo suficiente para assiná-la. Ela não lia a carta. Ela só assinava e entregava ao papai, que dava de volta para mim. Ele não lia também.

Eu não corri atrás deles. Eu não disse nada a eles. Só os vi ir. Estava silencioso o corredor, e eu pensei que podia ouvir o clique da porta fechando, quando eles saíram.

Eu realmente não queria ir para a aula depois de tudo isso, mas não era como se eu tivesse uma escolha, especialmente porque Giggles veio para o corredor e olhou para mim até que eu saí.

Eu andei através do refeitório e, em seguida, atravessei o centro de recursos de aluno até chegar ao pátio que levava à minha primeira aula. Quem "projetou" a escola de Lawrenceville alta não era um bom arquiteto. Colocar o refeitório, o centro de recursos, e um auditório no meio, e depois a ramificação de corredores para fora, é como ir à escola dentro de uma roda de carroça.

O centro de recursos dos alunos estava deserto como sempre, pilhas de panfletos amontoados à espera de ser lido (que nunca irá acontecer), e a Sra. Mullins numa das suas seis milhões de pausas para fumar. Enquanto eu abria a porta que dava para o corredor, eu vi alguém encostado na parede oposta, quase escondido por um dos seis milhões de troféus espalhados ao redor da escola.

Era Patrick. Ele estava encostado na parede, apenas não tanto inclinado parecendo como se ele queria forçar totalmente e sair dali, fugir. Por alguma razão, pensei em perguntar-lhe se ele estava bem, e quase que dei um passo em direção a ele, mas antes que pudesse, ele olhou para mim, a expressão me dizia para ir embora tão rápido quanto eu poderia.

Ele parecia relativamente calmo, sua boca comprimida em uma fina linha, mas seus olhos... ainda posso ver a expressão neles agora. Eles pareciam o que eu sinto. Pareciam tristes, como se tivessem perdido alguma coisa que nunca poderia voltar.

Parecia...ele parecia muito irritado também.

Na aula, apesar de chegar tarde, expliquei que eu tinha ficado presa no escritório da Giggles's. Eu também recebi meu último teste. Eu tive um A. Escrito logo abaixo, estava: "A única da classe! Ótimo trabalho!"

A última vez que um professor escreveu algo sobre mim, que terminava com um! e era positivo, eu estava no fundamental. Depois de tudo isso, achava que o meu dia não poderia ficar pior. Ou mais estranho.

Eu estava totalmente errada.

Mel e Beth estão juntos. Na verdade, fazendo esse tipo de coisas como namorado e namorada, juntos. Eu descobri em Inglês, quando eles entraram de mãos dadas na aula. Xarope de milho veio logo depois que eles entrarem. Ela parecia bem.



Nós dividimos o nosso grupo e ela discutiu com Mel e me ignorou totalmente. Ela teria ignorado Patrick também, se ele estivesse lá, mas ele não estava.

Era como se ontem as coisas que ela tinha dito nunca tivessem acontecido. Foi tudo uma atuação? Ou... espera... talvez, tenha sido algum tipo de plano para... Oh, esquece. Não tenho amigos, vida, nada. Beth não perderia seu tempo tentando me pegar. Eu não valho nada. Xarope de milho certamente não iria fazer nada com ela própria. Ontem foi...

Ontem, ela estava, provavelmente, apenas estranha por causa de algum produto para cabelo ou algo assim.

Caro parece realmente muito bem sobre a coisa toda de Mel e Beth. Mel estava agindo meio estranho. Ele me ignorou, exceto para perguntar se eu sabia onde Patrick estava (como se eu fosse seu guarda) e passou toda a aula discutindo com Caro e dando-lhe esses olhares, como se ele estivesse tentando lhe fazer uma pergunta sem dizer nada. Beth andou até Caro como se parecesse que ia dizer algo a ele, e correu os dedos ao longo da parte de trás do seu pescoço. Mel imediatamente fez aquela estúpida expressão de caras vidrados quando pensam que estão conseguindo algo.

Olhei Caro, e ela estava sorrindo ausente, sorrindo para Mel e Beth como se eles fossem adoráveis e não enjoativos. Suponho que se eles começaram a ir, ela teria oferecido até sua mesa para eles usarem.

Beth disse para xarope de milho, obviamente, e não a mim. -- Então, o que aconteceu sexta-feira? Você queria perguntar sobre Joe?

-- Ainda não, mas tem sido, como, tudo que eu venho pensando desde que você me disse, -- Caro disse, e o seu sorriso tinha começado a se quebrar. Ela virou-se para Mel. -- Você pode descobrir se o Joe vai na festa da Tammy's?

-- Joe Regent? -- Mel parecia chocado. Joe era um cara de honra que de alguma forma conseguiu fazer parte do time de futebol. Ele era um grande negócio para eles, mas para mim ele seria sempre o cara que disse a Julia seus olhos são, "como veludo" e depois ficou com os olhos marejados quando ela riu para ele.

Caro assentiu. -- Ele é bonito e eu quero saber se ele está indo porque...você sabe.

Mel franziu a testa, e quando a campainha tocou, ele fugiu para o corredor. Beth estava tão chateada que eu ri em voz alta. Ela nem sequer olhou para mim, é claro, mas Caro olhou. Seus olhos estavam estreitos e pareciam infelizes.

-- Ele provavelmente foi procurar Patrick. -- disse Beth. Seus olhos estavam arregalados e felizes novamente.

-- Sim, eu sei, Caro. Eu não sei porque Mel ainda sai com ele. O que você vai usar na festa?

-- Eu não sei. Absolutamente, preciso da sua ajuda. -- Ela sorriu, enfiando seu livro em sua bolsa, jogou o cabelo para trás, e saiu com Beth. Ainda a seguidora perfeita, exceto pela sua mão esquerda, pendurado ao seu lado, estava enrolada, apertado, um punho de raiva em silêncio. Eu andei atrás dela e Beth todo o caminho pelo corredor, e mão de Caro nunca afrouxou.

Foi quando eu soube o que aconteceu ontem.

Ontem, quando Caro me seguiu, quando sai, Mel e Beth já estavam juntos. Eles devem ter ficado depois do filme, e eu aposto qualquer coisa que ontem de manhã foi quando Caro descobriu. Estava apenas esperando Beth contar a ela na escola. Para dizer: "Oh, eu pensei que eu te contei! Quero dizer, toda a gente já sabe totalmente", e depois dar-lhe todos os detalhes para que ela pudesse ver o rosto de Caro. Assim, todos poderiam ver o rosto de Caro. Caro veio atrás de mim para fugir. É por isso que ela ficou tão chateada. Não



foi por causa do que eu disse e depois, nós saímos...não era sobre mim. Era sobre ela querer fingir que ela não estava indo junto comigo e agir como se tudo estivesse bem. Eu estava segura para conversar, para desabafar com segurança. Era a escola fundamental tudo de novo, só que desta vez ela não tinha que se preocupar de que Beth poderia descobrir. O fato é... O fato é, que eu pensei que talvez Caro quisesse ser minha amiga. Não saímos como amigas da escola ou algo assim, mas só... Eu não sei. Que talvez pudéssemos conversar algum dia ou algo assim. Eu pensei, eu pensei que quando falávamos ontem. Eu pensei que nos falamos pra valer.

Eu sou tão estúpida.

124 Dias.

J.

Juro, hoje foi realmente três dias. Todos os dias têm sido assim ultimamente.

As coisas com os meus pais estão horríveis. Nós conversamos sobre eu faltar às aulas (Como está indo agora? Você acha que você já sabe por que você faltou?) tanto que eu quase queria lhes dizer sobre a xarope de milho para conseguir que eles calassem a boca. Mas eu não queria a sua pena, J. Eu quero que eles simplesmente parem de tentar. Eles continuam a olhar para mim, estes sorrisos frágeis, sorriem com medo, e eu não aguento. Eu quero que eles parem de agir como... Eu quero que eles parem de agir como se quisessem estar a minha volta. Quero lhes dizer que eu não esqueci o que eu disse a eles sobre o que eu fiz para você e eu sei que eles também não esqueceram. Quero lhes perguntar por que eles não mencionam isso. Eu quero gritar com eles para me chamarem do que eu sei que eu sou e acabar logo com isso. Eu liguei para sua casa. Uma voz feminina respondeu falsamente, a empresa de telefone educadamente me dizendo, desculpe, o número que eu estava tentando ligar tinha sido mudado. O novo número não foi dado. Antes, quando eu ligava, pelo menos eu sabia que o telefone seria atendido, você sabe? Eu ouviria a voz de sua mãe. Eu poderia fingir. Agora eu nem mesmo tenho isso.

Eu quero descer e ficar na frente dos meus pais como eles, sentados juntos aninhados no sofá. Por que não podem ser como pais normais e sozinhos através de um quarto sem perceber que a outra pessoa está lá? Por que eles sempre têm que estar tão juntos? Porque é que quando eles olham para mim, eu quero gritar até que minha voz suma?

*Eu quero força-los a abrir a boca, e fazê-los dizer a palavra **assassina**.*

Por que eles não dizem isso? Por que não podem, mandar pra fora? Fico pensando sobre isso. O porquê. Por que eles não dizem o que todos nós sabemos que é verdade. Porque eu fiz o que fiz. Porque eu pensei que se você começasse a ver que o Kevin mentia para você era uma boa idéia. Porque, quando você ficou tão chateada, eu pensei que entrando em seu carro e sair era uma boa idéia. Porque eu segurei a sua mão e sorri para você, disse que tudo ficaria bem. Porque é que eu fiz isso? Por quê?

Eu não sei, J. Não sei. Tudo o que sei é o seguinte: Você nunca deveria ter sido minha amiga.



QUATORZE

Hoje o dia começou bem, mesmo sendo um dia de escola, mesmo sendo 125 dias sem Julia, mas em inglês as coisas começaram a não prestar porque Beth entrou para o nosso grupo. Ela deve ter contado ao professor alguma história ridícula... Não estava ouvindo, mas quando eu olhei para cima da minha cópia de Huckleberry Finn (embora seja menos chato que The Scarlet Letter), ela estava lá, sorrindo para Mel e dizendo: "Caro, você poderia chegar um pouco mais pra lá na mesa, pra mim?"

É melhor não ser uma coisa permanente, porque a seguir foi pura tortura. Beth sorriu. Jogou seu cabelo. Ela sussurrou para mel. Murmurou para Caro. "Temos alguns gestos de mãos misteriosas que nos fazem rir." Algo assim.

Ela tem um cérebro na cabeça podre dela... Sempre que Mrs. Gladwell chegava perto para verificar a nossa discussão, Beth dizia algo sobre o livro que era muito inteligente. Está é a melhor coisa que posso dizer sobre ela. Ela é má, mas não é estúpida.

Beth deve ter algumas características redentoras. Pelo menos uma, de qualquer maneira, porque teoricamente ela é humana. Mas não há uma única coisa boa nela. Se é que há alguma coisa, ela é mais ainda um troll do que eu lembrava. Por exemplo, toda vez que Mel dizia algo a Caro, ela dava um olhar a Caro, um do tipo "Eu posso arruiná-la em trinta segundos se eu quiser ou se estiver entediada." Sorriso. Então, naturalmente Caro nunca fazia mais do que balbuciar: "Eu não sei" ou "Eu realmente não pensei sobre essa parte do livro ainda."

Depois de um tempo, Mel desistiu e tentou falar comigo e Patrick. Eu disse que não tinha feito a leitura, embora eu havia (de jeito nenhum eu queria ser puxada para uma conversa com Beth). Claro que não funcionou porque Beth disse, "Amy, você não conseguiu fazer a leitura?" Realmente alto, para Gladwell ouvir e me fazer um "Fique depois da aula, por favor." Patrick apenas riu quando Mel lhe perguntou, eu queria que essa tivesse sido a minha resposta.

Ouvir Patrick rir era estranho. Além de que a noite no porão, eu nunca vi nada parecido com tenso ou irritado. É como estivesse sempre no limite.

E sorrindo? Parecia...bem, soou como se tivesse esquecido de como sorrir.

Naturalmente, então ela fez um careta pra ele, então ela e Caro sussurraram ente si, o que significava que Beth olhou para mim e Patrick e disse: "Aberração" alto o suficiente para todos nós ouvirmos. Xarope de milho corou, mas acenou com a cabeça, parecendo um fantoche estúpido.

Eu desejava que o chão se abrisse e engolisse as duas, e olhei para Mel.

Ele estava dando um olhar a Patrick. Um tipo de olhar como de Julia, na verdade, O "Amy, não comece com este Cara X, por que estou saindo com alguém que eu gosto e você está sempre de TPM sobre o amor de qualquer maneira" Olhar. (Exceto, obviamente, caras não tem TPM sobre o amor, e por falar nisso, nem eu. Julia era quem tinha, ela ficava puta quando tentava explicar que amor não é algo que alguém deva querer.) De qualquer jeito, mesmo achando que Mel era um idiota por estar com Beth, não podia deixar de sorrir. Esse olhar me lembrava tanto Julia. Além disso, era bom saber que ele não era completamente indiferente a troll da própria Beth.

Após a aula, Gladwell "falou" comigo sobre "manter o rumo" e "trabalhar para o meu potencial." É como se cada professor tivesse algum tipo de "manual" para usar quando falasse comigo. Ele terminou com: "Você tem tantas coisas pela frente", que era a coisa mais estúpida que alguém, até mesmo Laurie, já disse para mim. Eu sabia que era um sinal de que esse dia só iria piorar.



Naturalmente, piorou. Primeiro, a palestra Gladwell não tomou tanto tempo, e eu ainda tive que lidar com uma parte do meu almoço. Fui ao bar, peguei um pacote vegetariano, e esperei na fila para pagar, embora o meu lugar habitual, na mesa da rejeição já tinha sido ocupado pela menina de bigode. Sua cadeira tinha sido tomada pelo menino de terno, que tinha perdido o seu lugar a um transbordamento das meninas da nona série, que tinham sido convidadas para a mesa dos atletas e estavam sendo cobiçadas pelos veteranos. Carne fresca para o abate. Eu quase senti pena deles.

Por que as pessoas pensam que estar com alguém é a resposta para tudo? Julia odiava quando eu dizia coisas assim, mas eu não podia concordar. Pensar em apenas uma pessoa vai transformá-lo em meus pais, e tudo o que você tem a fazer é olhar para eles para ver que o amor não lhes deu uma vida perfeita. No seu caso, eles tiveram a mim.

Paguei pela minha “comida”, e mesmo que eu quisesse que a menina de bigode de repente percebesse que ela tinha essa coisa sobre a boca e depois corresse para tirar, ela não percebia, e então eu tive de vagar tentando encontrar um lugar. Passei pela mesa de Beth, já que estava fazendo meu caminho para o que parecia ser uma cadeira vaga na final da mesa do coro. Sim, isto é a que estou reduzida esses dias. A espera que o pessoal esquisito do coro não me diga, “desculpe, você não pode se sentar aqui.” Sei que é o que mereço, mas é...é difícil.

Beth estava falando remotamente sobre seu assunto favorito... Ela mesma...e é claro todos estavam fazendo adequadamente animados gestos de alegria. Exceto Xarope de Milho, Ela realmente...não estava. Quero dizer que ela estava tentando, mas ela claramente não estava. Ela parecia cansada. Triste.

Eu sorri para ela. Foi estúpido e eu não sei por que fiz isso. Acho que talvez eu estava pensando sobre as coisas que ela disse quando sai, e quão terrível tinha sido a aula de Inglês de hoje. Como Beth agia quando Mel tentava falar com ela na aula, ameaças encobertas por um sorriso. Como Caro soou derrotada, quando ela tinha falado sobre ela.

Como ela disse que a última conversa real que ela teve foi anos atrás. Comigo.

Caro começou a sorrir de volta, mas depois, bem, ela percebeu o que ela estava prestes a fazer, e um flash de terror brilhou em seu rosto. Era como se eu fosse uma criança novamente, estando lá, como ela se virou, virou-se para Beth. Eu não podia acreditar que eu esqueci, por um segundo, que ela ainda é a idiota que ela sempre foi.

Me movi, então, andei para fora. Disse-me que não era como se esperava algo diferente, mas porque acho que parte de mim sentiu que tinha. . . Senti como eu costumava me sentir anos atrás, antes de Julia chegar. Ela nunca teria feito nada assim parecido comigo. Ela...e beberíamos...me deixaria brilhante, mais forte. Julia estava sempre lá por mim.

Então eu soube, de repente, o que eu tinha que fazer.

Larguei minha bandeja e sai da lanchonete. Eu ouvia pessoas dizendo coisas, lá vai ela, sussurros, mas desta vez eu não me importei. Eu sabia como me livrar do veneno que Laurie tinha colocado dentro de mim com suas perguntas sobre Júlia. Eu sabia como me lembrar do que era real. Eu sabia como ver a forma em que eu e J éramos verdadeiramente de novo. Eu finalmente pensei em algo para trazer um pedacinho dela de volta.

Fui para o que costumava ser o armário dela e o fiz ser dela novamente.

Foi tão bom quando eu comecei, que gostaria de ter feito isso antes. Pensei que não poderia antes. Eu estava com medo. Mas não foi nada até poder derrubar todas aquelas estrelas estúpidas e mensagens. Foi fácil.

-- Você quer alguma ajuda?



Era Patrick. Eu estava olhando em volta o mais rápido possível, verificando se não havia ninguém no corredor, então eu deveria tê-lo visto chegando. Quero dizer, ele é um cara grande, forte como os atletas que empurram e se empurram através da escola certificando-se de que todos saibam que eles estão ao redor. Ele não era assim, porém. Ele movia-se como se não quisesse ser visto. Fez-me lembrar daquela noite, aquela em que eu não o vi até que eu tropecei em cima dele e em seguida chegou-se cada vez mais perto, aproximando-se mais do que eu tive com qualquer um.

Ele não estava super perto nem nada, mas eu queria ele mais longe. Eu queria bloqueá-lo para fora. Bloquear as memórias. Sua pele. Sua respiração deslizando pelo ouvido, minha garganta. Sua pergunta para mim no dia do cinema, sobre quem eu costumava ser, e se sentia falta dela, de quem eu costumava ser.

-- Estou bem, -- disse, e minha voz...tremeu. Rachando.

Por fora sou alta, mas por dentro sou tão pequena. Tão fraca.

-- Ela não era realmente um tipo de pessoa de mensagens em estrelas, ela era? -- ele disse, e apontou para a avalanche de estrelas falsas e palavras espalhadas ao redor dos meus pés.

-- Não, -- eu disse, amassando com meu sapato um coração vibrante com o nome de Beth. (Nenhuma mensagem, é claro. Só o nome dela... BETH... em letras brilhantes.) E então, quando eu percebi o que ele disse, -- Você conhecia ela? -- Ele puxou uma estrela para fora do armário. -- Não realmente. Mas ela...ela se destacou. E nós nos falamos uma vez. "Ela nunca me disse."

Entregou-me a estrela. Esperei que ele dissesse alguma coisa, mas ele não disse, apenas, a porta descascada e emperrada, travou depois de eu ter puxado-a abrindo-a. Cheirava a Julia por apenas um segundo, uma pitada do seu cheiro sob a cola e tinta das mensagens que ela nunca iria ver, e eu senti tonta com o quanto eu sentia falta dela.

Coloquei uma mão dentro para me equilibrar e encontrei alguma coisa. Na prateleira de cima, encravado num canto, eu encontrei um gloss, um que Julia comprou quando fomos para a loja da fonte da beleza com o cartão de crédito de sua mãe no dia de Ação de Graças do ano passado, o que ela amou na loja, mas odiou quando chegamos lá fora, porque em vez de vermelho escuro era um laranja acastanhado escuro, um que ninguém poderia usar.

Lembro-me quando ela colocou as coisas em seu armário. "Para me lembrar", disse ela, "que todo mundo comete erros. Até eu." Então, ela sorriu, tão ampla, e tirou duas garrafas de licor.

Acenou-os para mim, provocando, e então nós sorratamente fomos até o banheiro. Ela riu quando queria o segundo, enquanto eu ainda estava bebendo o primeiro, e eu ri demais porque eu sabia que ela ia me dar, sabia que Julia ia... -- Amy?

Eu estava segurando o gloss de Julia tão forte que eu tinha rachado, e havia manchas da cor através de minha palma como uma doença na minha pele. Olhei para ela, mas ela não iria embora. Eu queria Julia, que Julia viesse e sorrisse, me fizesse pegar minha manga e esfregasse a pele limpa. Eu queria que Julia pegasse o gloss e jogasse-o por cima do ombro, não se importando se ele cairia em uma lata de lixo ou no chão. Eu queria que ela estivesse aqui.

Eu queria saber por que Julia nunca disse nada sobre a minha bebida. Eu menti para Laurie. Sempre que eu vomitava ou caía Julia nunca dizia uma única palavra. Ela poderia me ajudar a voltar. Ela poderia me pegar água. Ela poderia me passar toalhas ou lenços ou uma camisola velha da parte de trás do seu carro. Ela podia fazer tudo isso, mas ela nunca disse uma única palavra.

-- É dela, -- disse. Eu disse isso de novo, mais alto, mas não havia ninguém por perto para ouvir. Ele já tinha ido e eu apenas estava ali, o gloss de Julia derretendo em minha pele. Giggles me encontrou, de pé ainda ali,



após o sino tocar. Ela me fez ir até seu escritório. Fez-me lavar as mãos. Ela não iria devolver o gloss de volta. Quando ela terminou de falar comigo e disse que eu tinha que ir ver o Sr. Waters, eu a vi joga-lo para baixo de sua mesa e em sua lata de lixo. Senti algo dentro de mim torcer quando ela fez aquilo. Porque é que um pequeno pedaço de Julia tinha que ir? Minha visão nublada amarelada e preta, e eu queria gritar, "me devolva. ME DEVOLVA! "

Eu não gritei. Eu gostaria de ter gritado. Eu consertei o armário de Júlia, mas isso não era nada. Nada.

Mr. Waters disse que meus pais tinham sido chamados e depois me disse que queria uma redação de 2.500 palavras sobre respeitar os outros.

-- Devido ao sua, uh, situação,-- ele disse,olhando para Mrs. Harris para se certificar de que ele estava dizendo a coisa certa: -- Eu acho que isso seria mais útil para você. E nós queremos ajudá-la, você sabe.

Ele não perguntou por que eu fiz. Ninguém o fez. Ninguém perguntou, e ninguém viu que eu só queria trazer de volta uma parte de Julia.



Parece como nada e pra sempre ao mesmo tempo. Eu perguntei a Laurie sobre isso, mas não há nenhuma razão.

Gostaria de não precisar vê-la toda semana. Gostaria que eu não precisasse vê-la nunca. Eu acho que a mamãe ou o papai (provavelmente ambos) a ligaram e disseram a ela sobre eu faltar às aulas e sobre o armário porque as primeiras palavras que saíram de sua boca, logo que me sentei foram: "Por que você não me diz o que está acontecendo na escola?"

Sim, como eu precisava ouvir a caneta clicando. Eu a ignorei e peguei minha mochila em vez disso. Eu gostaria de ter pego uma das revistas de sala de espera, porque eu poderia lê-las na frente dela. Tudo que eu tinha comigo era dever de casa... que eu não estava suficientemente desesperada para fazer.. E o diário que eu escrevia para Julia. O puxei para fora e cliquei minha caneta algumas vezes.

-- Podemos falar de outra coisa, se você quiser, -- ela disse, e sorriu para mim. Eu conhecia o trabalho de clicar a caneta.

-- Nada.-- Tentei fazer a minha voz mais entediada quanto possível, de modo que ela não iria continuar perguntando sobre isso.

Ela olhou para mim. Eu olhei para trás. Clicou a caneta (argh!) E disse: -- Tudo bem, vamos seguir em frente. Eu pedi que você pensasse sobre Júlia e sua amizade com ela, e nós discutimos certos eventos.

A intenção... Ela queria dizer aquilo que tínhamos falado antes, e eu não iria fazer isso. De jeito nenhum. Enfiei o diário de volta na minha mochila e desejei que fosse a sua cabeça grande e estúpida.

-- Você parece chateada.-- Ela disse.

-- Estou ótima.-- Disse, e olhei o relógio, faltava uma eternidade para ir.

Eu queria apenas que Laurie calasse a boca e me desse às drogas. Eu tomaria qualquer coisa para evitar estar com ela toda semana. Eles tentaram na primeira vez que estive em Pinewood, na verdade. Deram-me anti-depressivos.

O primeiro realmente acabou comigo... Passei dois dias no banheiro no que era chamado de "distúrbio gastrointestinal grave." (Apenas médicos dariam um nome extravagante para isso.) Então eu comecei tomar outro remédio, só que me deixava tão enjoada que eu não podia comer. Ou melhor, eu podia, mas então eu vomitava tudo. Recusei a tomar qualquer coisa depois disso, mas os médicos chamaram meus pais (chamaram de "consulta", é claro, isso poderia custar mais) e sugeriu algumas coisas que eu nunca tinha ouvido falar.

Bem, quando eles fizeram isso, minha mãe, que nunca encontrou um sujeito que não poderia investigar à morte, disse que queria pensar nisso, e ligou de volta mais tarde naquele dia a dizer, desculpe, ela não queria sua filha em antipsicóticos*, obrigada. Eu definitivamente não estava louca a ponto de tomar algo assim (há!) Mas no dia seguinte eu tive a minha primeira sessão com Laurie, e no final dele eu estava disposta a tomar qualquer coisa para ficar longe dela e de suas perguntas.

• [pt. wikipedia.org/wiki/Antipsic%C3%B3tico](http://pt.wikipedia.org/wiki/Antipsic%C3%B3tico)

-- Hmmmm,-- ela disse, estalando a porra da caneta, e isso foi o fim de tudo. Nenhuma droga para mim, apenas muita conversa. Se eu soubesse que as coisas acabariam assim, eu preferia os comprimidos de vômitos.



-- Será que alguma dessas coisas que lhe aconteceu na escola tem a ver com a Julia?

Ela sabia que eles faziam. *Ela sabia*. Eu praticamente podia ouvi-la coçando-se para fazer mais perguntas e clicar sua estúpida caneta.

-- Não, -- eu disse, e nós nos sentamos em silêncio depois disso. Eu queria poder tirar meu diário e escrever para Julia, mas eu sabia que ela estaria em cima disto e eu não queria que ela o arruinasse com suas perguntas.

Quando quarenta e sete do nosso cinqüenta minutos passaram, ela disse, -- Sobre o caderno que você carrega. É um diário?

Eu a ignorei, porque eu sabia que era melhor do que dizer: "Não, são cartas à Julia." A quantidade de cliques na caneta que produziria, fazia minha cabeça doer só de pensar nisso.

-- Amy, antes de ir, vamos falar sobre escolhas apenas por um segundo.

Pena que eu sabia que ela não ia me perguntar se queria escolher parar de vê-la.

-- Você já foi ao túmulo de Júlia desde o funeral? -- ela disse em uma voz totalmente suave, como estivesse perguntando sobre o tempo ou algo assim. Olhei para ela depois, e eu... Não conseguia dizer nada. Eu não poderia ter dito mesmo que eu quisesse. A única coisa que teria saído poderia ter sido um grito.

-- Talvez você deveria pensar em ir em algum momento, ou considerar porque você não tem ido, -- ela disse, e então me disse que ia me ver na próxima semana.

Como ela sabe que eu não tenho ido? Como?

130 Dias.

J,

Laurie quer que eu vá ver você, mas eu... nem no funeral pude olhar para você. Todos os outros foram, em fila por uma linha torta, a igreja ruidosa com lágrimas e passos. Eu não poderia fazê-lo. Eu não conseguia ficar de pé, não podia juntar-me à fila. Você estava deitada em uma caixa de madeira brilhante, e era tão errado você está lá que eu não podia me mover. Fiquei lá, olhando. Eu desejava que não pudesse respirar.

Mas fui, e eu fiquei em silêncio no banco de trás do carro dos meus pais na ida ao cemitério. Eu tive que sair quando colocaram o caixão no chão. Eu fui e sentei na parte de trás do carro. Olhei para o sol até que meus olhos doessem, até que tudo era um brilhante e doloroso borrão.

Sua mãe partiu antes que o serviço tivesse acabado. Sei por que ainda podia ouvir a voz do padre distante. Longe de onde você estava. Sua mãe estava chorando, encostada a uma mulher que eu conhecia, era sua tia



Ellen (ela parecia como você descreveu, até a verruga no pescoço). Quando ela me viu, ela parou de chorar.

Ela parou de chorar e olhou para mim. Ela não me disse que eu não deveria ter vindo. Ela não precisou. Ela não me disse que foi tudo culpa minha. Ela não teve que fazer isso também. Ela só olhou para mim. Eu gostaria que ela tivesse feito alguma coisa, dito alguma coisa, qualquer coisa. Mas ela não fez. Ela apenas me olhou, e então ela se afastou.

Eu não fui vê-la porque não posso. Eu simplesmente não posso, mas...

Mas Laurei sabia, J. Ela sabe como sou fraca.



DEZESSEIS

Eu fechei meu notebook e ignorei as olhadas que minha mãe dava para ele. Eu sabia que ela perguntaria o que eu estava escrevendo.

Ela não perguntou. Em vez disso, durante todo o caminho para casa eu tive que responder perguntas sobre a escola. Desde que consertei o armário de Julia, tanto ela como meu pai, me perguntavam o tempo inteiro. Então eu conversei.

Eu disse "Sim, as aulas são legais". Eu disse "Sim, estou tentando fazer amigos" (Não sei como. Eu deveria ter tentado em Pinewood, talvez. Mas não consegui. Não merecia. Além disso, sem Julia, sem o álcool, eu estava sem chão, silenciosa, voltei a ser aquela criança que sabe que as palavras certas nunca chegariam.

Voltando para casa, fiquei respondendo perguntas atrás de perguntas e sabia que quando minha mãe e eu entrássemos em casa ela ficaria desconfiada de mim fazendo meu dever e colocando meu prato na pia depois do jantar. Talvez ganhasse um ou dois abraços. Tudo isso eu já quis um dia.

Agora, tudo que mais queria era que eles parassem com isso, que mamãe e papai voltassem a ser o que eram antes, felizes e apaixonados comigo em órbita em torno deles.

Eles ainda não disseram uma palavra sobre o que contei sobre Julia na outra noite. Eles ainda não vão dizer o que eu fiz. O que eu sou.

-- Eu quero... eu preciso ir ao cemitério. -- Eu disse para mamãe enquanto ela estacionava em frente de casa. Ela me olhou e soube que tinha que falar mais.

-- Laurie disse que eu deveria. -- Pensei que isso seria o suficiente, as palavras mágicas, mas ela continuou me olhando em silêncio.

-- Você pode perguntá-la se quiser. -- Adicionei e pensei em como eu costumava a sonhar com minha mãe me olhando da maneira que fazia agora, me ouvindo. Querendo ouvir mais. Querendo me ouvir. Mas não dessa maneira.

Mamãe moveu os lábios. -- Você quer ir?

-- Eu nunca fui vê-la. Eu... Eu nunca vi seu túmulo. No dia do funeral eu não pude...

-- Amy, -- minha mãe disse tão gentilmente como se aquelas três letras fossem frágeis, amáveis. Eu encarei minhas mãos. Elas estavam fechadas em punhos no meu colo e soube que se me movesse, elas também se moveriam. Teve vezes que eu desistiria de tudo.. e quando eu digo tudo inclui até mesmo as noites de festas com Julia.. pra ouvi-la falar dessa jeito comigo.

-- Você não precisa fazer isso consigo mesma. -- Ela disse.

Eu sabia que se me movesse, algo ia acontecer. Podia sentir isso dentro de mim, em meus punhos ainda fechados no meu colo. Eu tive que afastar a onda amarga arranhando minha garganta e queimando meus olhos.

-- Laurie realmente disse que eu deveria.

-- Eu acredito em você e tenho certeza de que ela tem seus motivos. Mas, Laurie não estava no funeral. Ela não viu... ela não viu seu rosto. Ela não te viu no carro, na igreja. Quando seu pai e eu voltamos para o carro,



eu pensei... eu pensei: "É assim que os fantasmas se parecem". Você estava tão... -- Ela parou de repente, tremendo ao respirar.

Eu olhei para ela que estava olhando para frente piscando forte e rápido. As bordas de seus olhos estavam vermelhas.

-- Por favor, me leve lá. -- eu disse, adorando e odiando o quão transtornada ela estava. Amando e odiando que eu era a causa disso.

Ela me levou.

Quando chegamos lá, mamãe concordou em me deixar sozinha mas não me deixaria voltar para casa sem ela.

-- Eu sei que não é muito longe mas eu vou esperar você. Não vou te deixar.

Eu não queria essas palavras vindas dela, não desse jeito, não naquele lugar, mas, ao mesmo tempo, eu as queria tanto que se pudesse agarrá-las no ar, engoli-las e deixá-las nadar dentro de mim, eu faria.

Eu saí do carro e caminhei diretamente para Julia.

Eu era a única ali, os meus passos era o único som que podia se ouvir. Então, eu estava lá, eu vi onde Julia estava. Está.

Era tão... simples. Apenas o chão e a lápide, e havia outras por perto, por todo o lugar. Aonde quer que eu olhasse, só podia ver grama e lápides e eu...

Eu não pude olhar. Não podia suportar ver o pedaço de chão que era dela, a lápide com seu nome. Eu virei e caminhei pelo cemitério, fingindo que não podia ver todas aquelas lápides e a limpa e podada grama. Eu cheguei ao estacionamento por uma outra saída. Não podia ver o carro da mamãe.

Eu queria chorar mas a lágrimas não vinham. Eu podia senti-las queimando meus olhos de novo, mas havia algo... memórias daquela última noite, a última noite de Julia, estavam me sufocando, me deixando ali em pé, paralisada.

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas depois de um tempo um carro estacionou. Amarelo vibrante, dirigido por um velho. Quando ele saiu, ele olhou em volta, hesitante, como se esperasse algo. Esperançoso por algo. Quando percebeu que eu estava olhando, ele entrou no cemitério.

Outro carro estacionou, mas eu não olhei, fiquei observando o homem. Seus ombros caídos, a cabeça curvada enquanto caminhava por entre os túmulos. Parecia que ele pertencia à eles.

-- Amy?

Eu me virei. A mãe de Julia estava ali, me encarando como se eu fosse um pesadelo. Era um dia da semana, quase noite, ela deveria estar no trabalho com o cabelo certinho cheio de laquê e o crachá de Assistente do Gerente grudado na blusa. Eu conhecia do seu horário da mesma maneira que conhecia o da Julia. A farmácia CostRite pertencia à ela agora, ela não deveria estar parada há alguns metros de mim.

Mas ela estava, apoiada com uma mão em seu carro como se este fosse a única que a sustentasse em pé. Tinha várias flores amarelas de plástico na sua outra mão. Elas tinham que ser pra Julia, mas eram tão erradas.

-- Julia odeia amarelo. -- eu disse.



É verdade... ela era convencida que a deixava horrível, o que não era verdade, mas isso foi algo errado a se dizer. Não era nem mesmo o que eu queria dizer. Eu queria falar com ela desde a noite que segurei a mão de Julia e disse que tudo ficaria bem. Por que eu não disse o que eu estive tentando dizer por tanto tempo, tudo que queria toda vez que ligava para a casa de Julia?

-- Ela provavelmente odeia mais estar morta.-- a mãe de Julia disse se afastando do carro.

-- Eu não quis dizer...

-- Eu sei exatamente o que você quis dizer. Você a conhecia melhor do que eu. Está feliz agora, Amy? Ela não confiaria em mim para dizer nada, nem mesmo coisas estúpidas como a cor que ela gosta, mas ela confiou em você. Ela confiou em você e você...

-- Eu sei que eu nunca deveria ter permitido ela dirigir. A gente deveria...Eu deveria...Eu juro que não teria feito nada disso se soubesse...

-- Mas você fez. Você deixou Julia dirigir e agora ela se foi. Ela nunca vai completar 18 anos, nunca vai terminar o colégio. Ela nunca vai... Eu daria qualquer coisa que já tive ou que virei a ter para ouvir sua voz novamente, mesmo se for para me dizer para ir pro inferno. Mas eu nunca vou ouvir, certo?

-- Eu tentei ligar, eu queria dizer...

-- Eu não quero ouvir. -- Ela disse e caminhou diretamente para mim. Quando estava perto demais eu pude ver as linhas de expressão nos olhos, não escondeu as olheiras. Ela parou e sacudiu meu braço. -- Eu não quero ouvir nada que venha de você. Eu não quero te ver. Perdi tudo por sua culpa. Tudo.

-- Eu sinto muito. -- Falei e finalmente, finalmente consegui dizer o que tanto quis. Finalmente eu disse -- Eu sinto muito pelo o que fiz.

-- Você sente muito? -- ela largou meu braço como se ele queimasse. --Você sente muito? Ela era meu mundo. Suas palavras, seus pedidos de desculpas, o que eles fazem? Ela ainda está morta e você está aqui.-- Ela me bateu com as flores, o plástico arranhando meu rosto, pétalas voando ao nosso redor. -- Guarde suas palavras pra você, elas não são o bastante. Nunca serão.

Eu corri. Virei-me e corri pelo estacionamento indo direto para o carro da mamãe. Ela estava sentada do lado de dentro, calma, sorrindo como se estivesse feliz ao me ver. Eu disse que tinha dor de cabeça e deitei no banco de trás, escondendo meu rosto desejando que ele pudesse me engolir.



130 dias.

Eu te vi J.

Vi sua mãe também e ela... bom, o que ela me disse é verdade. "Desculpa" é só uma palavra e não pode consertar as coisas. Não pode mudar o que eu fiz. Não pode te trazer de volta.

Mamãe sabia que algo tinha acontecido, eu acho, porque quando chegamos em casa, ela veio até meu quarto e ficou checando se eu estava bem a cada cinco minutos até que finalmente desisti e fui para o andar de baixo. Eu fiquei distante, entorpecida, durante o jantar e quando fazia o dever-de-casa, dizendo 'sim, eu estava bem' quando mamãe e papai perguntavam. E então chorei na cama as lágrimas que não consegui antes. Não me senti bem depois disso.

Eu sabia que não me sentiria.

Eu não consigo dormir. Estou deitada aqui durante horas e horas pensando sobre o cemitério. Pensando sobre o rosto de sua mãe. Pensando sobre o que eu disse. Pensando sobre seu túmulo.

Estou pensando em você. Lembra quando fomos ao Splash World? Você nos colocou para dentro e até mesmo desfrutamos dos melhores brinquedos sem ter que esperar. Compramos algodão-doce e comemos horríveis cachorros-quente de sete dólares. Foi lá que tiramos nossa foto com Swimmy, a foca.

Eu ainda tenho a foto. Estou rindo nela. Você está na minha frente. Seu rosto está borrado por que se virou para mim, a câmera te capturando como você é... sempre em movimento. O lado de sua boca está aberto, gargalhando, e está inclinada um pouco como se fosse deitar a cabeça no meu ombro.

E fez. Você sempre fez isso quando eu a fazia sorrir ou quando alguém te deixava triste.

Eu pensei sobre aquele dia e sobre a vez que tentamos fazer caramelo na sua cozinha e tivemos que abrir todas as janelas para livrar do cheiro de açúcar queimado. Pensei sobre todas as vezes que dirigi seu carro indo para a escola, tentando pegar algum cd dentre vários outros espalhados no chão. Não importava qual deles eu escolhesse, sempre teria alguma música de amor que você soubesse a letra de cor.

Pensei sobre as vezes que, deitada na sua cama, vi você fazer caras variadas enquanto falava no telefone. Pensei como você me faria bater na porta do seu quarto fingindo ser sua mãe pegando no flagra com um cara com quem não gostaria de falar. E na maneira como riríamos disso. Pensei sobre todas as vezes que caminhamos nos corredores do colégio e você sussurrava: "Amy, você é uma modelo. Modelo! Mostre o que pode! Eu não te emprestei minha camiseta para você escondê-la."

Pensei no que Laurie me perguntou.

Aquela noite, aquele com o cara com olhos malvados com a bebida. Você sabia. Eu sei disso agora. Eu posso... eu posso dizer isso. Você sabia. Sabia de tudo. Você disse que estava assustada. Eu sei o que isso quer dizer. Eu acho que sempre soube. Você queria dizer que sentia muito.

Acho que Laurie diria que isso significa algo. Acho que diria que significa muito. Acho que ela diria que isso significa que você me machucou.

Eu acho que isso significa que você sentia muito.

As pessoas nem sempre são a mesma coisa, sabe? Elas não são sempre boa, ou sempre más e o que Laurie queria que eu visse é verdade. Você me machucou. Mas isso é só uma parte da verdade. A verdade é que você era forte, selvagem e divertida. A verdade é que você tinha um péssimo gosto para garotos (para música também, você e todas suas músicas românticas). A verdade é que você me emprestou tudo que eu quis.. mesmo se fosse novo... e nunca pediu nada de volta.



Ainda tenho sua camiseta "Minha vassoura está à venda" no meu guarda-roupa.

Sempre tive receio de usá-la, mas queria. E você sabia. Sem que eu dissesse nada, você sabia e me deu.

A verdade é que naquela noite, a noite que escolhi minha garrafa e bebi, você sabia o que eu estava bebendo enquanto eu não. A verdade é que quando me senti mal, quando fechei meus olhos e desmaiei, você estava lá. Você me levou para o hospital. Você não me deixou. Você estava lá por mim.

Sim, é verdade que você nunca me pediu para parar de beber. E sim, é verdade que você me ajudou a beber. Mas eu escolhi isso. Toda vez. Cada vez foi minha escolha. Minha, não sua.

A verdade é que eu sou a que bebe. Vou falar isso para Laurie da próxima vez.

Talvez ela me ouvirá.



DEZESETE

Imaginei que a única vez que eu realmente queria ver Laurie ela não estaria por perto.

-- Mas você a viu dois dias atrás, -- papai disse quando ele me pegou depois da escola e eu perguntei se eu poderia vê-la novamente.

Da maneira que ele estava me olhando, eu sabia que ele e minha mãe já haviam conversado com Laurie sobre minha visita ao túmulo de Julia.

Eu cerrei os dentes e disse, -- Eu sei, mas eu preciso vê-la novamente.

Eu estava disposta a fazer alguma coisa para ver o olhar no rosto de Laurie quando ela fizesse perguntas estúpidas sobre Julia de volta em seu rosto.

--Tudo bem,-- papai disse, mas depois que chegamos em casa (e ele falou para a mamãe, claro) que ele ligou pra Laurie do escritório e descobri que o pai de Laurie está doente e ela foi embora da cidade. Então não há nenhuma maneira de vê-la agora, mais a minha consulta para a próxima semana foi cancelada. É estranho pensar nos pais de Laurie. Penso nela simplesmente nascendo totalmente grande com uma caneta clicando em uma das mãos.

Mamãe, que estava em casa durante a tarde porque tinha dado à suas aulas um dia de folga para trabalhar em seus trabalhos, começou a sugerir que eu fosse ver o Dr. Marks, o líder de terapia de grupo em Pinewood. Aparentemente, ele tem um consultório particular. (Eu só posso vê-lo agora. Eu, ele, e os constantes desfiles de alimentos no seu bigode.) Lhe interrompi antes que ela pudesse terminar e perguntei se ela queria ir ao shopping. Eu sabia que pararia a sua tentativa de conseguir que eu fosse ver o Senhor Bigode, e ela parou.

-- Isso é maravilhoso. -- mamãe disse, soando tão feliz, e eu a olhava até que ela desviou o olhar. Olhou para o papai.

A mãe de Julia deixava-a louca, mas ela queria J em sua vida. Ela a amava muito. Eu estive pensando muito nela desde que a vi. Eu sei que não é possível, mas eu gostaria de poder falar com ela. Realmente falar com ela, eu quero dizer. Falar com ela sobre Julia. Ela sabe como é perder ela. Ela sabe como é errado um mundo sem Julia e não tem medo de dizê-lo.

Ela não tem medo de dizer o que é verdade.

Meus pais, entretanto, têm.

Eles ainda não disseram nada sobre o que aconteceu... sobre o que eu fiz e, enquanto a mamãe estava pegando sua bolsa eu me perguntava se eles irão, poderia perguntar. Eu sei disso. Mas não.

Mamãe voltou e disse, "Pronta pra ir?"

-- Pronta, -- eu disse, e não me pergunte por que eu não quero ouvir sua resposta. Eu quero fingir que eu poderia ser uma filha que eles queriam, embora eu sei que eu não sou. Nunca fui, nunca serei.

Logo que chegamos ao shopping, mamãe pressionou um dos seus cartões de crédito em minhas mãos e me disse para ir às compras.

-- Eu sei que você provavelmente não vai encontrar com as pessoas da escola com sua mãe por perto,-- disse ela, um enorme sorriso no rosto. -- Então, vá se divertir, comprar algumas roupas. Você deve estar cansada de usar aquelas roupas que temos depois de... antes de você voltar para a escola.



Ela sorriu novamente, um grande sorriso. -- Encontre-me na praça de alimentação em uma hora e se você quiser ficar mais tempo e conversar com seus amigos, tudo bem pra mim. Eu disse a seu pai que nós podemos chegar tarde.

-- Eu vou estar de volta em trinta minutos,-- eu disse, e sai. Eu queria uma pausa dela, de como ela estava feliz que eu a deixaria me levar para qualquer lugar, mas não havia nenhuma maneira de eu gastar uma hora no shopping. Me fez lembrar muito de Julia, de como as coisas costumavam ser.

Eu evitava todas as lojas em que íamos, me restando apenas a papelaria, com seus falsos cartões fofos caseiros, e a loja de cozinha. Fui na loja de cozinha e andei olhando as panelas e potes de doze dólares de salsa. Era muito chato, mesmo com uma tela enorme de doces na parte de trás da loja, e depois do que parecia ter sido 3 horas, o ponteiro de um relógio muito caro dizia que dez minutos se passaram. Fui olhar os vinagres. Isso levou três minutos, e que incluiu a leitura no verso de uma das garrafas. (Vinagre Aparentemente orgânico necessário se você realmente quer "provar o sabor" de sua comida. Ver imagem.) Deixei os doces para depois, mas que era "antiquado" coisas que envolvem uma grande quantidade de frutos secos. Não havia muito, embora, depois de um tempo eu encontrei algo com chocolate e marshmallow que parecia comestível. Eu quase podia ouvir J, dizendo: "Finalmente! Comida de verdade."

Passei por todas as pilhas de caixas duas vezes antes de escolher uma. Parecia como todas as outras, mas a escolha de uma, significava que enquanto escolhia, o relógio mostrou que se passaram vinte e três minutos.

Então eu me toquei. O que eu ia fazer com o doce? Comprá-lo? Julia não estava lá para compartilhá-lo, para escolher os pedaços de marshmallow e comê-los primeiro como ela fazia. A caixa registradora da loja congelou quando parei lá, e eu a vi cuspir vários recibos para o ar.

A vendedora, que tinha quase a idade da mãe de Júlia e a mesma cor de cabelos, loiro claro, parecia que ia chorar. Eu tive que colocar o doce para baixo e, em seguida, sair. Eu não sei por quê. Não foi porque eu pensei que ia chorar nem nada. Eu só. . . Eu me sentia mal, ver o rosto daquela mulher. Estar lá, no shopping, sem Julia.

Eu devo ter esbarrado em alguém da escola logo depois. Um grande momento dramático, como em um daqueles filmes de merda que a J adorava assistir. Um esbarrão com a menina bigode, talvez. Nós poderíamos ter trocado olhares, saberíamos que fazer comprar em um dia da semana a tarde não era normal. Nunca poderia ser normal.

Mas eu não vi menina bigode. Eu não vi ninguém, e voltei para a mamãe. Ela estava falando em seu celular quando cheguei à praça de alimentação, de costas para mim com um braço apoiado sobre uma mesa, cabeça apoiada na mão enquanto falava.

Me sentava assim quando conversava com Julia.

-- Estou tentando, -- ela disse. -- É difícil. Ela ainda não disse uma palavra para mim sobre a visita ao túmulo da Julia. Terá dito algo a ...? Não, sei que você me contaria se tivesse. Eu somente. . . Eu esperava. Certo, sei. Tudo que ela disse foi "Ótimo" no caminho pra cá, Collin. Não importa o que eu pergunte, é sempre essa a sua resposta. Eu não sei o que ela está pensando. Eu olho para ela e...

Ela deve ter percebido que eu estava atrás dela. Me ouviu respirar. Via a sombra que eu projetava. Mas é claro que ela não o percebeu. -- Eu não a conheço --, ela disse. -- Como ela pode ser como uma estranha para mim? Porque eu não posso...? Não, querido, eu estou bem. Eu estou. Eu só queria que você e eu...

Sai, fui para a parada de ônibus e fiquei ao lado de duas mulheres maquiadas e com os olhos cansados. Elas discutiram os horários de trabalho e como vender hidratante. Ambas me disseram que eu tinha a sorte por ser tão alta. Sentei-me, atrás delas no ônibus e as ouvi por todo o caminho até à parada, onde elas saíram. Eu fiquei, descansei minha cabeça contra a janela, e vi o céu mudar para escuro.



Xarope de milho subiu o ônibus na segunda parada. Seu uniforme de torcida saia para fora da sua bolsa, como se todo o mundo a caminho do trabalho estivesse impressionado pelo fato de que é animadora de segunda categoria.

Ela parecia lavada sob as luzes turvas que piscaram enquanto os passageiros subiam. Ela pagou sua passagem e sentou-se em um dos bancos, os assentos individuais que devem ser para pessoas idosas ou mulheres grávidas. Eu quase podia ouvir Julia rindo disso. Ambos sabíamos que etiqueta ônibus era bem real.

Eu senti saudades de Julia. Eu odiava quando fazíamos isso, mal podia esperar para J ter seu carro, mas agora. . . agora eu daria qualquer coisa para tê-la sentada ao meu lado.

Uma mulher grávida, que parecia zangada subiu na estação de trem suburbano e perguntou a Caro, "Então, pra quando é seu bebê?" Com um sorriso que mostrava os dentes. Xarope de Milho se levantou, desculpando-se, tropeçando, e olhou em volta por um assento. Vi suas escolhas. Ao lado de um homem gordo esparramado como papel, massa e papel de jornal esparramado sobre um assento e três quartos, ou perto de mim. Ela me escolheu. Quando ela sentou, ela manteve sua bolsa perto de seu peito, mordendo o lábio. Julia teria dito: "Oi!" E a encarado até ela desviar o olhar. Eu olhei pela janela. Estava escuro o suficiente e eu não conseguia ver muita coisa, e nós ficamos em silêncio pelo o que parecia ser dez mil anos. (Provavelmente foi apenas novecentos.)

Eu não ri. Eu ia, provavelmente, mas ela não me deu uma chance. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ela endireitou-se, as mãos crispadas em torno da sua bolsa novamente, e disse: -- Você sabe do nosso projeto em grupo? Para Inglês? Devemos todos nos encontrar na biblioteca da universidade neste sábado. Eles têm de deixar qualquer um usá-lo porque é uma escola estadual, certo?

Encolhi os ombros. Ela estava certa sobre ser capaz de usar a biblioteca, mas eu não quis incentivar a conversa, especialmente porque eu podia adivinhar o que estava por vir.

Meu silêncio não a impediu.

-- Eu estava pensando que talvez você pudesse vir.

-- Porquê?

-- É um trabalho em grupo.

-- Certo. Então é por isso, que na sala de aula, você e Mel gastam todo seu tempo me perguntando o que eu penso.

-- Vamos todos ser avaliados e todos nós temos de...

-- Claro, é isso. Qual é. Você me quer lá por causa da Beth.

-- Não é bem assim.

-- Por favor. Se somente você e Mel se encontrarem, então Beth fará você ir sentar no almoço com pessoas como eu.

Ela suspirou. -- Tudo bem. Você está certo. Olha, estou... estou no ônibus agora, porque Mel me perguntou se eu queria nos encontrar este fim de semana antes do treino. Beth ouviu e me disse que ela não poderia me dar uma carona para casa.



Caro ficou em silêncio por um momento. --Amy, sobre os outros dias...

-- O que sobre isso? Eu estava entediada, eu teria vomitado por ouvi-la queixar-se...não é importante.

-- Certo,-- ela disse firmemente. -- Então, sobre sábado?

-- O que sobre isso?

-- Eu estou implorando,ok? Eu não posso trabalhar na nossa apresentação apenas com Mel.

Ela parecia tão infeliz, e por um segundo eu senti pena dela. Mas só por um segundo.

-- Patrick vai estar lá.

-- Ele não vai aparecer, ou se ele aparecer, ele vai sair depois de dez minutos ou algo assim. Você sabe que ele quase nunca faz nada, e isso certamente não vai ser diferente. E olha, não é como se o trabalho em grupo fosse opcional. Nós todos temos que dar esta apresentação. E eu não posso lidar com o que vai acontecer se... -- Sua voz quebrou.

-- Tudo bem.-- Então, eu não queria passar por outra rodada de Caro muda por Beth coisa. Apenas me lembraria da minha estupidez no outro dia.

-- Sério?

-- Claro,-- eu disse, mas eu não quis dizer isso. Se Patrick poderia sair mais cedo, eu poderia ignorar a coisa toda. Se mais nada, que traria a minha média baixa para a algo mais familiar.

-- Ótimo,-- ela disse, e relaxou em sua bolsa. -- Então devemos encontrar, tipo,as dez? Na biblioteca?

-- Tanto faz?

Ela ficou em silêncio por um minuto quando o ônibus abrandou e, em seguida, falou rápido quando o ônibus freou na paragem. -- Eu estou vou o tomar café no Blue Moon antes. Eu estarei lá por volta das nove. Se você quiser. . . você poderia me encontrar lá.

Ela se levantou antes que eu pudesse perguntar se ela estava tendo um aneurisma. Encarei o chão do ônibus, coberto de passagens amassadas e jornais, até que o ônibus começou a se mover novamente. Na próxima parada, eu sai e liguei para casa.

Papai e mamãe ambos vieram me buscar. Papai estava dirigindo. Ele manteve sua cabeça virada quando eu entrei no carro, mas quando me sentei eu tive um vislumbre do seu rosto no espelho retrovisor. Seus olhos estavam vermelhos e inchados.

Mamãe disse: -- Eu não acho que o que você fez é algo para sorrir, Amy.

Estendi a mão e toquei meu rosto. Havia um sorriso que se estendia por ele, tão grande e nítido em meus dedos deslizando em toda as bordas dos meus dentes cerrados.

No caminho de casa, ela perguntou onde eu tinha ido e por quê. Contei a ela sobre o ônibus. Não mencionei xarope de milho.

-- Por que você saiu do shopping?-- Papai perguntou entrando na garagem. No escuro seus olhos pareciam bem.



-- Eu não sei.

-- Você não sabe? Amy, nós entendemos que você precisa de seu espaço, mas sua mãe e eu...

-- Eu sei porque ela estava no telefone com você, falando de mim. Você sabe, a estranha que convive com vocês dois. A assassina.

-- Amy,-- mamãe disse, mas eu joguei seu cartão de crédito para ela e sai do carro antes que eu pudesse ouvi-la dizer outra coisa. Se há uma coisa que eu sei, é como as palavras significam pouco, em seguida, eu não queria ouvir mais nenhuma delas.

Imediatamente, sabia que não poderia.

135 Dias

Hey J,

É sábado à noite, mas quando eu disse a mamãe e o papai que eu ia estudar no meu quarto depois do jantar, eles não disseram: "Você tem certeza que não quer chamar alguém e sair?" Ou "Talvez você possa fazer uma pausa e depois assistir a um filme com a gente."

Está certo, me poupei uma noite assistindo mamãe e papai aconchegar-se no sofá. A razão para esta liberdade? Eu fui para a estúpida biblioteca para o trabalho com o meu estúpido grupo de Inglês em nosso projeto estúpido.

Eu não estava pensando em ir, mas quando me levantei esta manhã, mamãe tinha feito muffins de chocolate e meu pai estava olhando através de Parques Lawrenceville e guia de lazer, e era assim...que toda a cena deveria ter sido, sob o vidro em um museu. Ou na televisão.

Tudo que eu preciso é ser seis centímetros mais baixa, peito, cor de cabelo normal, e a capacidade de agir como se acreditasse nesses momentos que eles continuam tentando criar.

Eu sei o que você está pensando. Yeah, Amy, como é horrível ter pais que são sempre tão amáveis!! O que um fardo para tê-los parecer tão esperançosos quando você faz algo tão estúpido como encher o copo de alguém de suco enquanto você está bebendo da garrafa!

Que bênção que eles nunca esperavam ou queriam algo de mim até que eles tiveram que me ver com vidro no meu cabelo e ouvir enquanto um médico da emergência lhes dizia o que significava eu estar lá enquanto a minha melhor amiga morreu. Que bênção ouvir sua mãe gritar por você mesmo que você nunca fosse responder, antes de virar para mim com os olhos cheios de ódio. Que bênção assombrar a casa dos meus pais, mas nunca tê-los realmente me vendo, até saírem os artigos de jornal com uma fotografia tirada por Kevin, de olhos turvos encostada a uma árvore com uma garrafa pressionado contra meus lábios com você ao meu lado, bonita, olhos brilhantes e sorrindo para a câmera. (Uma hora mais tarde, a foto teria



mostrado você com as pupilas contraídas, sua testa fervendo, balbuciando que não, Kevin prometeu que o bagulho era bom, antes de você vomitar por toda parte).

Tarde demais, tarde demais, entornar o suco não vai me tornar uma espécie de alma caridosa, e eu matei você.

Eu tinha que sair da casa depois disso. Quando eles me perguntaram onde eu estava indo, não olhei em seu rostos enquanto lhes dizia. Eu não queria ver o sorriso, o alívio nos seus olhos. Recusei a oferta de uma carona. Peguei os vinte dólares que papai disse que queria me dar.

Você já sabe onde isso vai parar, não sabe? Sabe que eu provavelmente teria ido encontrar Caro se não houvesse qualquer muffins nem olhares agradecidos quando despejei o suco.

Você sabe que se você nunca tivesse se mudado para a cidade que eu seria igual a ela.

Eu não quero entender como ela se sente, não quero. Mas eu entendo.



DEZOITO

Quando cheguei ao Blue Moon, era muito cedo para ter estudantes lá, mas xarope de milho já estava na frente, sentada sozinha próxima da janela. Estava fingindo ler um livro. Eu sabia disso porque quando ela me viu, seus olhos se arregalaram e alternou o olhar de mim para o livro, e de volta para mim. Então ela acenou, um pequeno aceno daquele tipo que fazemos quando não temos certeza se a outra pessoa vai acenar de volta.

Eu não acenei de volta mas entrei. Não me entenda mal, eu sabia o que estava acontecendo. Estava tudo bem para ela tomar o café da manhã comigo já que era muito cedo para que alguém que ela conhecesse a visse. Estava tudo bem para ela falar comigo sobre a aula, pra gente pensar como iríamos encher os dez minutos de apresentação do trabalho. Estava até mesmo bem conversarmos sobre seus pais e irmãs. Por algum motivo, eu até mesmo mencionei a mamãe e o papai, a manhã de muffins e a gratidão pelos variados sucos.

-- Isso deve ser estranho -- ela disse. Peguei um pedaço da panqueca do meu prato.

-- O que quer dizer?

-- Bom, você sabe, tê-los sempre ao seu redor. Eles costumavam a ser tão unidos, só os dois.

-- Ainda são.

-- Sério?

-- Aham.

-- Uau. Eu lembro quando era pequena e ia na sua casa brincar. Eles diziam "Vão lá fora e divirtam-se" e realmente nos deixavam fazer isso sem verificar a cada dez minutos como minha mãe fazia. Tem também o dia que tentamos escalar até o telhado. Lembra disso? Eu entrei pra tomar um copo d'água e eles estavam, hum, se beijando na sua sala. -- Ela esclareceu a garganta. -- De qualquer modo, mamãe costumava falar em como você a seguia pela cozinha sempre que ia lá quando ela estava fazendo o jantar. Ela pensou que era espetacular você perguntar se precisava de ajuda e assim fazia o que fosse necessário. Ela sempre disse... -- a voz dela falhou.

-- O que? -- eu esmaguei meu pedaço de panqueca até se tornar um nada e meu garfo deslizou pelo prato.

Caro mordeu os lábios -- Ela disse que você sempre parecia sozinha.

-- Ah -- Eu baixei meu garfo e empurrei meu prato, colocando as mãos no colo com as palmas viradas para baixo apertando meus joelhos.

-- Eu não quis dizer... olha, ela é louca. Está convencida se eu continuar hetero, vou conseguir um namorado. Sério, foi isso o que ela disse. -- ela riu mas foi baixo, um fraco som, e eu poderia dizer que ela sabia que o que a mãe dela havia dito não era loucura.

Eu pressionei minhas mãos mais forte, como se pudesse passar através do meus jeans, minha pele, meus ossos, até algo mais sólido, mais real. Eu queria dizer para ela que o que aconteceu no café da manhã com meus pais não era esquisito, era terrível. Eu queria contar para ela o quanto eu odiava eles tentando tanto e que odiava a mim mesma por partes de mim, a maioria, querer acreditar que eles me amam tanto quanto amam a si mesmos.

Eu queria beijá-la, forte, e dizê-la para acordar, ir atrás de Mel, agarrar a vida e vivê-la, como Julia fez. Eu queria dizer para ela que pessoas como eu e como ela não estão realmente vivendo a vida. Estamos apenas aqui. Eu tive sorte. Eu tive Julia, mesmo que não foi por muito tempo como pensei. Mesmo que eu tivesse destruído isso.



-- Deveríamos ir. -- Eu disse e levantei procurando pelos bolsos e encontrando uma nota de vinte que depusitei na mesa.

-- Isso é muito. -- Caro disse mas eu já estava pegando minhas coisas e indo para a porta.

Ela veio atrás de mim. Eu estava indo para longe da universidade, indo direto para minha casa e aqueles muffins idiotas, quando ela pegou meu braço.

-- Você tem que vim ou Beth vai me destruir,-- ela disse e nesse momento eu realmente gostei dela. Ela não fingiu querer me pagar o café-da-manhã ou agir como se arrependesse por algo que disse. Ela me disse a verdade. Ela precisava de mim para ir com ela quando falasse com Beth, ela teve que choramingar sobre eu estar lá e então ela estaria salva.

E eu fui para a biblioteca universitária com ela. Mel já estava lá, parado nas escadas do lado de fora sacudindo os braços como se estivesse falando com alguém mesmo estando sozinho.

Caro suspirou baixo quando o viu.

-- Aposto que se você tentar, ele será seu no final do dia, -- eu disse.

-- Eu não o quero -- ela disse e antes que eu pudesse rir, continuou. -- Ah! Ele não está falando sozinho. Patrick apareceu. Pensei que ele não viria.

Patrick estava realmente lá, sentado perto de uma enorme caixa de livros, quase totalmente escondido. Dentro, Mel disse alguma coisa sobre estar próximo do banco de dados referente enquanto sentávamos na mesa à janela e próxima da porta, mas foi óbvio que não foi a razão do por que Patrick praticamente se jogou contra a cadeira mais próxima da janela e ficou olhando para o lado de fora como se quisesse ir embora.

Pensei se era assim que eu parecia para os outros. Como eu agia. Talvez isso deveria me perturbar, mas não. Patrick parecia desconfortável com a vida e eu sabia desse sentimento. Mel sentou a sua frente e perto de mim. Caro sentou a minha frente. Eles não falaram de primeira, mas depois de três minutos, estavam argumentando e alguns estudantes ficaram nos encarando por cima dos notebooks. Depois de um tempo, eles saíram para procurar alguma coisa, ainda conversando, me deixando sozinha com Patrick.

Era como ficar sozinha. Ele não falou, e toda vez que olhava para ele - Caro queria que eu cuidasse da lista que escreveu e era tão chato- estava olhando pela janela. Mel e Caro voltaram depois de um tempo, ainda conversando e claramente gostando do que faziam por que os dois sorriam enquanto falavam.

-- Podemos procurar outros artigos. Só estou pedindo que você...-- Mel disse.

-- Não, você estava falando que tem apenas uma maneira de conversar sobre o livro Mississippi River.

-- Não, não estava. Eu juro! É que Patrick se esforçou bastante na multimídia e acho que não deveríamos pedir para ele mudar.

-- Eu posso mudar algumas coisas.-- Patrick disse sem olhar para eles. --Apenas me digam o que querem.

Mel e Caro ficaram calados por trinta segundos antes de começarem a falar de novo, suas mãos quase, mas não tanto, se tocando. Eu juro, pude praticamente ver faíscas correndo entre eles. Era doce de ver de uma maneira nauseante e eu não podia ajudar além de imaginar por que Mel ficou com Beth quando é tão visível que gosta mais da Caro.



-- Ela disse para ele que Caro o odeia.

Olhei para Patrick que estava olhando pra mim.

-- Beth que disse, eu digo.-- Ele falou.

Eu ri por que, claro que ela fez isso. Típico de Beth. Ela fez o mesmo comigo e Gus DePrio quando estávamos na 5ª série e ela decidiu que ele deveria ser seu namorado ao invés de meu. Quão estúpidos são os caras que caem na mesma cilada que caíam quando tinham dez anos?

A boca de Patrick se ergueu nos cantos e ele estava sorrindo. Realmente sorrindo e de repente eu senti que deveria desviar os olhos. Mas não conseguia.

-- Amy -- ele disse e sua voz é... é diferente. Profunda, rouca e não é alta. Ele fala tão baixo, como se tudo fosse um segredo. Como se você fosse a única pessoa que ele queria que ouvisse.

-- Sobre o outro dia e o armário de Julia, eu sei que desapareci quando o sinal tocou.-- Ele desviou os olhos, olhando de volta para a janela.--Eu não deveria ter feito isso. É que... meus pais... minha mãe, ela tem que lidar com isso ainda. Mas não é... Eu tinha que ter ficado e me desculpe por que não fiquei.

Eu dei de ombros e encarei a mesa. Ele dizendo o meu nome me fez sentir estranha. Ele dizendo o nome da Julia me fez sentir estranha. Ele falando comigo me fez sentir estranha.

-- Te fez sentir melhor livrar-se de tudo que as pessoas queriam falar com ela?

-- O que?-- Olhei para ele que não estava olhando mais para a janela, estava olhando para mim.

-- Eu não... não dessa maneira. Nada que alguém falou era real. Foi apenas coisas que eles pensaram que deveriam dizer ou que amigos disseram.

Assim que disse isso percebi como pareceu estúpido. Muito falso. Muitos conheciam Julia, gostavam dela, e a saudade que sentiam era real. Não pensei nisso. Talvez não queria pensar.

Senti meu rosto queimar.

-- Eu fiz aquilo por ela.

Ele não disse nada por um momento.

-- Você pode ao menos passar em frente ao armário dela agora?

-- Cala boca-- eu disse ficando de pé e pegando minhas coisas. Minha voz saiu estranha, rouca e falha. Saí da biblioteca, indo para o campus, indo para casa. Quando cheguei lá, sorri e disse para meus pais que tinha me divertido.

Não passei pelo armário de Julia desde que o consertei. Pensei que conseguiria mas não posso. Eu não... Eu não acho que o que fiz foi por ela. Acho que foi por mim. Porém, consertar o seu armário não me fez sentir melhor. Não fez o fato de Julia não estar aqui algo fácil de lidar.



J

Laurie está de volta. Eu a vi nessa tarde. Eu não ia falar nada sobre o pai dela, mas ela parecia muito cansada e triste e eu senti... bom, eu senti pena dela.

"Espero que seu pai esteja bem" eu disse enquanto sentava e ela disse:

"Ele está muito melhor, obrigada".

Quando olhei para ela, ela me olhou de volta firmemente, e eu vi que mesmo que o seu pai esteja bem agora, não duraria por muito tempo, e antes que me desse conta disso, contei à ela tudo sobre o dia que visitei o cemitério. Até mesmo o ocorrido com sua mãe.

"Parece que foi muito intenso"

Assenti.

"O que me diz sobre o que ela te falou?"

Dei de ombros.

"Acha que Julia falaria aquilo?"

"Não. Ela não era assim. Ela nunca... esquece". Típico da Laurie não entender as coisas, não ver quem você foi. "Tem mais coisas que quero contar"

Disse o que refleti naquela noite, sobre que beber era uma escolha minha. Senti-me tão melhor por finalmente falar com ela isso, impor um ponto que ela ainda não tinha visto, mas sabe o que ela disse?

"Ótimo."

Só isso? Ótimo?

"Mas você disse... você me perguntou todas as coisas sobre Julia e eu. Deixou coisas no subentendido."

"Deixei?"

Olhei nervosa pra ela.

"Deixa eu te perguntar uma coisa" ela disse "O que acha que a escolha significa nos termos de tudo que estamos discutindo aqui?"

"O que você quer dizer?"

Ela clicou a caneta.

"Você fez a escolha. Possivelmente, Julia também fez, certo?"

"Dã"

"Ela fez alguma que você não concordava? Ou que te machucava?"

Olhei pra baixo. Minhas mãos estavam unidas em um nó no meu colo. Tentei relaxar.



Encarei meus dedos.

Pensei na vez que você ganhou seu carro. Na noite que deveríamos ter ido à festa do Kenny Madden's. Eu não queria ir. Eu só queria espairecer, sabe? Mesmo quando eu bebo, às vezes ainda me sinto muito alta e muito idiota também... quero dizer, eu, nas festas.

Você disse:

"Tudo bem, vai ser um saco de qualquer maneira" mesmo nós duas sabendo que se você fosse, poderia ficar com algum veterano lindo que iria ligar para você um outro dia. Ficamos na sua casa e vimos DVDs. Você fez brigadeiro e quando sua mãe chegou não implicou sobre o chocolate esparramado no fogão. Apenas sorriu e disse que limparia de manhã. Foi tão divertido. Eu me diverti tanto.

Achei que você também.

Mas não. Eu sei que você não se divertiu porque assim que caí no sono, você saiu pela janela. Voltou na manhã seguinte depois que sua mãe já tinha acordado, te esperando na porta da frente enquanto eu tentava despista-la e ela estava furiosa e acusadora comigo.

"Diga pra ela que eu não fiz nada" eu disse pra você. "Diga pra ela que eu nem mesmo sabia que você tinha saído."

"Onde diabos você estava?" sua mãe perguntou. "Você sabe que eu estava morrendo de preocupação? Sabe como me senti quando entrei no seu quarto e não a encontrei?"

"Que seja" você disse jogando a jaqueta na cadeira e subindo as escadas. "Estou cansada de você me proibir de curtir a vida"

Eu nunca soube pra qual de nós duas você estava falando.

Fiquei sentada em silêncio até Laurie me dizer para ir.



DEZENOVE

Caro ligou no dia seguinte que fomos à biblioteca da universidade. Eu me perguntava porque, até que eu peguei o telefone e ela disse: -- Você fez a pesquisa que você disse que faria?

-- Eu estou trabalhando nisso,-- eu disse e minha mãe que atendeu o telefone, me observava, mexendo sua boca para mim, "Vou te dar um pouco de privacidade", antes de sair da sala, com um enorme sorriso no rosto.

-- Okay, bom, -- disse Caro. -- É só que você saiu cedo, e Patrick, basicamente, saiu no segundo que Mel e eu voltamos, então eu estava pensando que talvez você não tinha. . .

Ela perdeu a voz. Olhei para o teto e disse a mim mesmo que eu não estava pensando sobre o que Patrick me tinha dito.

-- Acho melhor eu ir, -- disse, por fim, e desligou. Mamãe chegou poucos minutos depois, ainda sorrindo. Eu disse: "Era apenas alguém sobre um projeto de Inglês", antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, e depois voltei a fazer o meu dever de casa.

Eu podia sentir mãe me olhando por um tempo, mas ela não disse nada.

Caro ligou novamente, e mamãe repetiu a sua reação, mas depois de algumas ligações...a mesma coisa, tudo sobre a apresentação...mamãe parecia perceber que minha vida social não estava prestes a mudar. Eu pensei que eu estaria feliz quando mamãe parou de olhar tão esperançosa cada vez que ela me chamava para atender o telefone, mas tipo, senti falta dela sorrindo como se soubesse que algo de bom estava prestes a acontecer e que ela queria isso para mim.

Então Caro ligou ontem à noite, completamente frenética sobre a nossa apresentação.

-- Oi, -- ela disse quando eu peguei o telefone. --Você tem alguma idéia sobre a função do Mississippi, no *Huck Finn*?

-- Bem, já que foi a única coisa que nós conversamos na aula de hoje, nope.

-- Oh merda, falamos sobre isso hoje. Eu sou uma louca obsessiva, não sou?-- Ela disse e riu.

O sorriso me surpreendeu. Eu passei meus dias rodeada por pessoas que eram completamente incapazes de relaxar sobre qualquer coisa, mesmo remotamente relacionadas com a escola, mas Caro...pelo menos, Caro podia rir disso.

-- Nahh. Uma autêntica obsessiva não teria se incomodado de dizer "Oi" primeiro, eu disse.

Ela riu de novo. -- Hei, eu...eu tenho que ir para Millertown amanhã à tarde para pegar algo para o meu pai. Mamãe não me deixa dirigir para a escola, então eu tenho que ir para casa e pegar o carro antes de poder ir. É um saco. Você talvez queira se encontrar em minha casa e vir comigo?

-- O que?

-- Esqueça, -- ela disse apressadamente. -- Eu estava... era uma idéia estúpida. Eu tenho um monte de dever de casa,então...

-- Eu vou.-- Eu não sei por que eu disse isso, mas eu disse.

Mamãe e papai ficaram muito felizes quando eu disse que estava fazendo algo com alguém depois da escola, eu estava com medo que eles fossem explodir.



Então meu pai disse: -- Caro novamente, quem é?

Eu estou fazendo esta coisa, esta apresentação em Inglês com ela, eu disse. -- E vocês a conhecem. Ela costumava vir o tempo todo quando eu era pequena.

-- Oh, Caro,-- mamãe disse, e papai assentiu, mas soube que eles nem se lembraram dela.

-- Bom, isso é ótimo,-- papai disse. -- Eu acho que você não vai precisar de mim para buscá-la amanhã.

-- Não, eu vou. Você tem que me levar para a casa dela, porque Caro não pode deixar ninguém ver eu e ela saindo da escola.

-- Tenho certeza de que não é o caso, -- papai disse com uma voz muito amigável que até fez ele parecer que queria estremecer.

-- Seu pai pode levá-la,-- mamãe disse, e em seguida mudou de assunto para a mais recente companhia que meu pai estava tentando trabalhar, colocando suas mãos em cima dele. Imaginei que significava que todas as ligações que não tinham recebido para uma brilhante vida social lhe deixariam ver que isso não era uma grande coisa.

Como de costume, eu estava errada.

Quando cheguei em casa esta noite, minha mãe estava me esperando, e logo que eu cheguei, ela disse: -- Então, como foi? Você se divertiu?

Eu dei de ombros.

-- O que você fez?

Olhei para ela. -- Nós nos dirigimos até Millertown. Pegamos um troféu de boliche para o pai dela, e depois nós pedimos batatas fritas com queijo. Então ela me trouxe para casa, e aqui estou. Agora estou indo trabalhar na apresentação que temos de fazer amanhã.

-- Eu sei antes que ela pudesse dizer alguma coisa. Eu não queria falar sobre a tarde com ela. Eu só... eu não sei.

Foi divertido. Eu me diverti. O troféu que eu e Caro pegamos era inacreditável. Era quase tão alto quanto eu, e em cima havia um cara em pé com os braços abertos em um V de vitória, uma mão segurando uma bola de boliche.

Começamos a rir logo que o vimos, e quando fomos comer as nossas batatas fritas, ela disse: -- Mamãe fez meu pai jurar que o deixaria no porão,-- e em seguida, os imitou discutindo sobre isso. Eu ri tanto que chegou a doer.

Nós não falamos sobre a escola, nem sequer falamos sobre Beth ou Mel. Nós apenas... recebemos um troféu estúpido e comemos batatas fritas, nada de mais, mas o tempo todo eu não me sentia tão mau como eu costumava me sentir. Eu não me odiei tanto.

Mamãe não desistiu, porém. Ela veio até meu quarto poucos minutos depois e disse: -- Bem, eu acho ótimo que você saiu. E você sabe o quê? Eu estava pensando que este fim de semana nós poderíamos ir para o Oasis e cortar o nosso cabelo. Talvez pudéssemos até mesmo ir para seu spa, ter um dia de folga.



-- Eu estou deixando meu cabelo crescer.-- Julia sempre cortava o meu cabelo. Ela era realmente boa, e eu sei que lá pelos vinte anos ela teria o seu próprio salão, como ela sempre disse, e que teria sido muito melhor que o Oasis (apesar de nunca ter ido lá.)

-- Ah. Bem, talvez pudéssemos ir ao shopping ou alguma coisa assim.

-- Eu não acho que posso. E olha, eu tenho um monte de dever de casa, e a apresentação será amanhã, como eu disse, e eu já comi, por isso eu...você sabe. Preciso me concentrar.

Mamãe não fez nada por um momento, e então ela acenou com a cabeça e saiu.

Pensei que talvez mamãe ia voltar e pedir-me para fazer algo com ela outra vez, mas ela não fez. Desci mais tarde para pegar um refrigerante, e ela e meu pai estavam sentados na mesa da cozinha, de mãos dadas e conversando.

Eles nem sequer olharam para cima quando entrei. Eles nem pareceram me notar. Território totalmente familiar, exatamente o que eu queria. Isto só não me fez sentir tão bem quanto eu queria.

Sei que as coisas vão voltar ao normal depois de amanhã. Caro não vai falar comigo depois da apresentação, e parece que as coisas estão a ser como eram com papai e mamãe. É bom. É tudo muito bom. Vai ser tudo como era. Como eu mereço.

Mas então por que...

Por que me sinto tão mal?



Mel e Caro acabaram fazendo tudo durante a nossa apresentação, que foi ótimo pra mim. Eu não tinha pensado sobre o que uma apresentação na aula realmente iria significar. Como era um grupo de quatro-pessoas-em-pé-na-frente-da-sala (pessoas irritantes, mas ainda assim). Era como estar em uma festa, só que pior, porque era na escola, eu não estava bêbada, e Julia não estava lá.

Se houvesse uma maneira que eu pudesse ter de sair da aula e conseguir uma bebida, eu faria.

Acho que eu poderia. Eu poderia ter saído da aula, da escola, e encontrado uma bebida. Mas não. Claro que não. Eu estava com muito medo de me mover. Eu fiquei lá, muito alta, muito quieta, puxando as pontas do meu cabelo muito vermelho, e sentindo tanto a falta de J que eu senti como se não conseguisse respirar.

Se Julia estivesse lá, eu poderia ter ficado bem, salva.

Nós fomos o ultimo grupo a apresentar, e quando a campainha soou, Mel ainda estava falando. Gladwell disse, “Obrigada por essa maravilhosa apresentação,” levantando uma sobrancelha para mim, porque não disse uma única palavra o tempo inteiro. (Mas ele não fez isso com Patrick, aparentemente clicando o mouse enquanto falava.)

Todos saíram, exceto nós e os outros dois grupos que haviam falado. Claro que teriam suas notas primeiro. Caro desapareceu no corredor antes que nós tivéssemos a nossa, porque Beth lhe lançou um olhar, e assim Patrick e Mel e eu fomos deixados ali.

-- Você sabe,-- Mel disse. -- Eu pensei em você quando eu estava falando sobre a amizade de Huck e Jim.

Eu (estupidamente) acenei com a cabeça, pensando que Mel estava prestes a começar uma de suas tangentes onde me perguntava se eu gostava de tacos ou algo assim, mas ele disse: --Você deve realmente sentir falta de Julia. Quero dizer, você nunca falar sobre ela ou qualquer outra coisa,o que é meio estranho, mas eu só posso dizer que sim. Eu falei com ela em festas várias vezes, você sabe. Ela tinha uma grande gargalhada. Lembrei desta vez.

Ele continuou falando e eu pensava em pegar a minha cópia de Huckleberry Finn e enfia-lo em sua boca para lhe fazer calar.

Eu realmente poderia me ver fazendo isso. Eu queria fazer isso.

Eu quis tanto fazer que me assustou.

Patrick pigarreou. Olhei para ele, surpresa. Ele olhou para longe, é claro. Mel olhou para ele também, mas continuou falando comigo. -- De qualquer forma, o que estou tentando dizer é que eu não acho que Julia gostaria que você fosse tão triste.

Forcei-me a balançar a cabeça. A poucas conversas em uma festa e Mel estava qualificado para me dizer o que Julia queria? Era como estar na droga do Pinewood ou falar com a estúpida Laurie, onde todos estavam tão certos que conheciam J e sabiam o que ela pensava sobre a vida dela e a minha mesmo que nunca a conheceram.

-- Olha, a coisa sobre o luto é...-- Mel dizia, e Patrick passou o laptop que estava carregando, apertando seu cotovelo ao de Mel.

-- Desculpe,-- disse Patrick. -- Ei, você pode ir pegar os CD's? Os deixei na estante na parte de trás. Iria pega-lo, mas eu tenho que guardar tudo isso antes da minha próxima aula.



-- Claro, -- Mel disse e acariciou meu braço antes de se afastar.

-- Obrigado, -- eu disse a Patrick, e eu quis dizer isso. Pensei que ele entendia, e era bom que alguém soubesse que as pessoas dizendo o que você deve sentir é uma droga.

-- Claro. A raiva vai embora, sabe. Na maioria das vezes, de qualquer maneira.

-- O que? -- não estava entendendo nada, e eu me senti tão idiota por pensar, mesmo por um segundo, que alguém poderia realmente saber como me sinto. Ele me irritava.

Ele deu um passo para trás. -- Esqueça.

-- Não, espera aí. Onde era que você estava? Me dizendo que não estou triste, estou com raiva de mim mesma? Uau, você é um gênio. Parabéns por observar o óbvio!

-- Você sabe o que eu quero dizer.-- Patrick murmurou.

-- Tanto faz.-- Comecei a andar. Minha nota podia esperar. Eu só queria sair de lá.

-- Você está zangada com ela,-- disse ele. -- Com Júlia.

Eu continuei a andar como se não o ouvisse. Mas eu ouvia.

Eu deveria ter ido embora, mas eu tinha o almoço e o resto das minhas aulas, e apesar de eu ter ignorado Patrick Eu sabia que ele estava lá. Eu o vi sentado na aula de física com as duas mãos presa à sua mesa como se estivessem coladas a ele. Ele se levantou e saiu quando ainda faltavam vinte minutos para sair, dizendo que ele tinha que usar o banheiro e nunca mais voltou.

E se aconteceu algo com ele? Será que o professor percebeu que ele tinha ido embora e o denunciou? Claro que não.

Então eu fiquei puta. Eu fiquei realmente puta da vida. Estava tudo bem ele deixar a aula mais cedo, porque ele era inteligente e não louca como eu? Estava tudo bem ele se esconder em volta dos corredores e não falar durante as apresentações da classe? Mas eu não quero falar de Julia com os perdedores e fico presa na sala de aula?

Bem, algo deve estar errado comigo, e eu não deveria estar tão triste. Mas espere! Eu não estou triste, estou zangada com Julia! Eu levantei minha mão e pedi para ir à enfermaria. Eu disse à enfermeira que eu tinha cólicas. Me deixou deitada e saiu para a fofoca com os secretários. Eu usei o telefone para ligar para o papai. Ele estava em uma ligação de conferência, mas sua secretária me fez passar.

Eu disse que ele não precisava me buscar. Disse que estava indo para a biblioteca. Que estava indo com Caro. Disse que ela iria me dar uma carona para casa. Ele disse: "Isso é maravilhoso, querida", e parecia tão feliz. E o "querida" nem soou forçado. Eu deveria tê-lo chamado de volta e ter dito que mudei de idéia ou algo assim. Deveria, deveria, deveria mesmo. Em vez disso eu folheei a lista telefônica da escola na mesa da enfermaria e anotei um endereço. Patrick morava em Campina Hills, pra lá do campo de golfe.

Peguei o ônibus pra lá. Sua casa parecia com todas as outras na rua, branca, com grandes, colunas e um vitral sobre a porta da frente. Uma mulher gritou: "Pode entrar!"

Quando bati.



Eu não vi ninguém quando eu andava para dentro, mas havia uma televisão ligada na sala bem na minha frente, e com o decorrer eu podia ver uma falsa mesa de mármore na cozinha que a mãe de Julia sempre quis. (E Julia estava certa, parecia horrível.)

Havia só uma escada à minha direita, um dessas avulsas para pessoas com casas em três andares. A parte de cima estava bloqueada com uma cancela para receber crianças pequenas. A parte de baixo levava a um corredor.

"Eu pensei que você não fosse chegar até depois de seis!" Era a mulher de novo, ainda gritando, e antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela acrescentou, "Estou com o Milton na banheira, Wendy, portanto só precisa descer e Patrick irá ajudá-lo a levar as bicicletas para fora. Ele chegou cedo em casa para prepará-las."

Desci. Não me incomodei em bater antes de começar a abrir as portas. O primeiro levava a uma lavanderia, e o segundo quarto estava cheio de material hospitalar, tipo: uma cama com grades, uma cadeira de rodas, e uma dessas esteiras que mostra em séries médicas durante o episódio muito especial quando alguém aprende a andar de novo.

O terceiro quarto era de Patrick e ele estava sentado em sua cama, que era apenas um colchão no chão. Seu quarto era uma bagunça total, roupas e livros e CDs em todo lugar, e eu mal conseguia abrir a porta. Quando o fiz eu só estava ali, olhando para ele sentado de pernas cruzadas e debruçado sobre seu laptop.

Ele nem sequer olhou para cima, e depois de um minuto, ele disse, -- Eu sei, eu prometi que iria deixar as bicicletas juntas e ajudar com o pai antes de Wendy chegasse, mas eu tive um dia realmente ruim.-- Pensei em um milhão de coisas para dizer como, "Sim, deve ser difícil conseguir licença para sair da aula, sempre que quiser", ou "eu só vim para dizer que você é um louco perdedor." Mas eu só estava lá, e, eventualmente, ele olhou para cima e disse: -- Amy? -- E eu disse: --Você não sabe como me sinto.

Eu disse isso, e ele me olhou por um longo, silencioso momento, e então disse: -- Você odeia a si mesma, -- silenciosamente, tão silenciosamente, e bati as mãos lentamente, aplausos para um idiota, porque é claro que eu odeio, é a coisa mais óbvia do mundo, e senti um sorriso cruzar meu rosto porque eu tinha calado ele.

Exceto que eu não calei, porque ele disse: --Você a odeia.-- Parei de bater palmas e movi em direção a ele como Julia fazia quando estava indo brigar, passos deliberados e pela primeira vez feliz por ser tão alta, porque eu seria capaz de ver o olhar em seus olhos quando eu o machucasse.

Eu queria magoá-lo. Eu queria que suas palavras fossem, empurradas de volta goela abaixo, desfeita, não dita. Minha boca estava aberta, minhas mãos estavam fechadas, mas eu... Eu não bati nele. Eu podia ver, meus punhos esmagando seu rosto, sua boca aberta em torno das palavras, a respiração, o sangue, mas eu não fiz isso.

Eu não bati nele. Eu me lembro de ver minhas mãos, enroladas em punhos e estendidas. Lembro-me de sentir algo rasgando minha garganta, e então havia a brancura das minhas juntas estalando o peito. E a minha boca aberta, estava tão cheia de palavras pronta para sair de mim, "Você está tão errado, tão cheio de merda que você se esconde do mundo, o que você sabe?" Não formei as palavras.

Não disse nada. Fiquei em silêncio, como se algo dentro de mim estivesse quebrado. Eu só estava ali, de boca aberta num grito silencioso.

Se ele tivesse colocado as mãos sobre as minhas, tentando me consolar, eu teria atingido-o. Se ele tivesse dito algo... qualquer coisa... Gostaria de ter batido nele. Se ele tivesse feito qualquer coisa assim, eu teria... Eu poderia ter lidado com ele. Minhas mãos teriam atingido, sinceramente, umas mil vezes, pelos meus pais, por conselheiros estúpidos em Pinewood, que "só queria abranger" a mim.



Ele só olhou para mim.

Ele olhou para mim, e eu vi que ele não me queria lá, em sua casa, em seu quarto, no seu espaço, estava incomodando-o. Ele olhou para mim, e eu vi que ele queria que eu fosse tão má que não podia dizê-lo, que ele estava com medo. Que ele sabia o que era acordar todo dia e saber que está vivo, que sua vida, não é o que alguém nunca viu, ou queria ver, mas é sua de qualquer jeito.

Eu sempre quis ser grande. Quando eu era pequena eu não podia esperar para ser uma adolescente e ir para o colégio. Quando eu consegui, queria acabar logo, queria sair para o mundo, um mundo real, e viver nele.

A questão é que o mundo não existe. Crescer quer dizer que você percebe que ninguém virá depois para consertar as coisas. Ninguém vai vir para te salvar.

Eu coloquei uma mão em sua garganta. A palma para baixo, encostada na pele. Ele respirou, e eu senti a sua respiração subir e descer na minha mão. Eu pressionei meus dedos, flexionando um pouco. A pele é tão frágil.

Todo o corpo... Não deve ser como é. Não deve ser tão fácil de quebrar. Mas ele é, e eu vi em seus olhos que ele entendeu isso também. Deslizei minha mão para cima, descansando contra a boca, e em um momento troquei pela minha própria boca.

Assim que eu fiz, eu sabia o que iria acontecer. Tudo começou numa noite, Julia ainda estava aqui, e eu fingi afasta-lo. Isso nunca aconteceu, eu disse a mim mesma, mas aconteceu.

Eu toquei a sua boca, porque ele não tinha feito o que eu esperava, não tentou me consolar. Toquei a sua boca, porque ele não disse que sentia por mim, pela minha perda, ou pelo o que ele tinha dito. Eu toquei a sua boca, porque ele compreendeu tudo.

Eu toquei a sua boca porque quis. O beijei, e dessa vez eu não fugi.

Patrick cheira a folhas caídas, aquelas laranjas-amarronzadas que sopram em torno de seus pés quando você anda e o cheiro de sol e da terra oscila em seu rosto. Sua pele é fria e pálida, e traço suas costas, traçando os músculos sob a pele. Eu sinto sua boca contra a minha. Sinto suas mãos na minha pele. Há uma cicatriz na barriga, redonda e branca, escondida contra o lado de uma costela. É suave ao toque.

Eu conheço todas estas coisas, e agora elas não vão me deixar.

Depois fiquei ali, de olhos fechados, sentindo o seu fantasma em minha boca, e senti. . . Eu não sei. Eu só sei que me senti bem.

Me senti bem, e não era como eu devia me sentir. Levantei-me, colocando meu corpo de volta em minha roupa, e sacudi a cabeça assim que meu cabelo caia sobre meu rosto, me cobrindo. Está comprido agora, quase nos meus ombros. Não foi cortado desde antes de Julia morrer.

Patrick estava vestido quando eu finalmente o olhei, sua cabeça emergindo de sua camisa e corado ao longo das maçãs do seu rosto. Ele me viu olhando e o vermelho, floresceu em seu rosto. Abri a boca, em seguida, a fechei. Ele fez o mesmo.

Sai do seu quarto, fechei a porta atrás de mim. Eu não olhei para trás, nem uma vez, mas eu andei pela casa com uma sensação estranha, como se eu tivesse perdido alguma parte de mim, como se alguma parte de mim ainda estivesse com ele.

Era isso que existia entre Julia com Kevin? Ela se sentia assim? Ela o via quando fechava os olhos? O via mesmo quando ele não estava lá? Como ela poderia suportar isso? Por que ela queria?



Eu queria que ela estivesse aqui. Queria. Queria. Queria.

Eu desejo não odiá-la tanto por me deixar.

150 Dias.

J...

Eu pensei algumas coisas sobre você no outro dia, mas eu não queria dizer isso. Eu deveria ter dito isso antes, mas é só que... depois de tudo o que aconteceu com Patrick dois dias atrás, eu não era... Eu não era eu mesma então.

Eu não era.

Olha, eu sei que o sexo era um grande negócio para você, que você gostava de estar com alguém que você pensava estar conectada, mas eu não quero isso. Eu não quero uma conexão. É uma palavra estúpida.

O que significa, realmente? Conexão.

Nada. Isso é o que significa, e eu não tive uma conexão com ele. O que aconteceu não significou nada. Não, não, e eu nem... eu não quero ficar pensando nisso. Sobre ele. Eu não quero saber o que ele está pensando, o que está fazendo, se ele está pensando em mim...

Deus! Olha o que você fez comigo. Olha o que você fez em mim. Eu não sei por que você...

Nós duas estávamos em seu carro. Nós duas tínhamos nossos cintos de segurança. O que foi tão diferente para você? Você estava dirigindo? Você sempre dirigiu. Porque nessa noite foi tão diferente?

Por que você teve que me deixar?

Patrick estava certo, J. Eu me odeio

Mas eu odeio você também.

152 Dias.

J...

Eu quis dizer o que eu disse no outro dia. Eu odeio você. Eu gostaria de não odiar, mas eu odeio.

E sabendo que... Julia, sabendo torna tudo muito pior. Eu te odeio por morrer. E além de tudo. Se eu fosse a única que tivesse morrido, você sentiria falta de mim e talvez conversasse com essa foto de nós no Splash of World que você prendia no seu espelho da cômoda, mas você não iria escrever cartas para mim, cartas chatas.



Você não iria me culpar.

Sinto saudades de você o tempo todo, como você teria hena no seu cabelo porque era uma terça-feira, a maneira que você iria rir e dizer: "Hm, você está deprimida", quando dissesse algo estúpido, como você de alguma forma sempre sabia quando eu precisava de um pacote de batatas chips da máquina da escola de sal e vinagre para poder aguentar os últimos períodos da escola. Mas nos últimos dois dias eu tenho tantas saudades e senti tanto sua falta que é tudo o que eu sou.

Se alguém olhasse dentro de mim, não haveria um esqueleto, músculos, sangue e nervos. Iria apenas ter lembranças de você e todas as coisas que eu tentei dizer e coloquei pra fora neste caderno, todas as coisas que eu quero dizer, mas não posso porque eu não tenho palavras. Você não sabe o quão ruim isso me faz sentir. Como pode? Eu não posso nem começar a dizer.

Eu não sei o que fazer com Patrick. Já faz quatro dias, J. Eu não falei com ele desde aquela tarde. Ele não falou comigo. Eu deveria estar feliz com isso.

Eu não deveria estar contando quantos dias foi que aconteceu. Eu não deveria me importar se ele nunca mais irá falar comigo de novo ou não. Foi apenas sexo, e eu nem deveria estar escrevendo sobre ele. Mas eu...

Eu continuo pensando nele. Sua pele. Sua voz. O caminho da... Me ouça! É como se eu estivesse em algum esquisito romance. Isto. Foi. Apenas. Sexo. O que há de errado comigo?

Falei com Mel. Apenas uma vez, dois dias depois. A última vez que eu escrevi para você.

Ele veio até mim depois de Inglês e disse: "Você sabe por que eu lhe perguntei todas aquelas coisas, certo? E por que eu levei Patrick ao cinema?" Noto um tom estranho em sua voz.

"O que?" Eu disse, e olhei de volta pra Patrick antes que eu pudesse parar. Ele não estava com Mel. Na aula, ele sentou em sua mesa (do outro lado da sala, agora que o nosso projeto em grupo acabou) olhando para a porta. Ele nunca olhou para mim, nem uma vez.

"Patrick", disse Mel. "Ele é meu amigo, ele gosta de você, e eu pensei que se eu falasse com você, perguntasse o que eu sabia que ele queria saber, talvez ele chegasse ao ponto dele mesmo falar com você. Mas, olha, eu não sei o que aconteceu, mas eu vi vocês dois conversando depois da nossa apresentação, tanto faz o que você disse pra ele, você precisa fazer alguma coisa sobre isso, voltar atrás com isso ou o qualquer coisa, porque ele está agindo realmente estranho agora".

Eu saí. O que mais eu poderia fazer? O que eu poderia dizer? "Bem, na verdade, Mel, eu fiz mais do que falar com ele. Nós transamos. E eu não posso realmente voltar a trás com isso, posso?"

Isso é insano. Alguns minutos gemendo com alguém é apenas isso e nada mais. Você acha que deveria ter sentimentos sobre ele, sobre o garoto.

Você não pode ver o sexo pelo o que ele é, um momento ao acaso com alguém, um momento que só tem sentido se você deixar.

Não posso acreditar que é o que eu costumava dizer para você. O que eu sempre dizia a você quando estava chateada com um cara. Eu disse isso muitas vezes sobre você e o Kevin, não disse? "Isso é loucura", e "só tem sentido se você deixar." Não é à toa que você sempre rolava seus olhos e dizia que eu não entendia.

Eu pensei que eu entendesse, mas não entendo. Eu somente não entendia. Apesar de Kevin ser um burro total porque ele enganou você e mentiu sobre ele (muito mal), ele ainda significava algo para você. Quando



you were with him, it was always more than just a random moment for you, and feeling wasn't something you could put there if you wanted. He was there, and you felt it.

I wish it had started before now. I don't know how much I wish.



VINTE E UM

Esta tarde fui pra casa de Caro depois da escola, e sua irmã veio nos mostrar fotos de vestidos de dama de honra. Eram horríveis, estranho tipo rosa-laranjado com babados em toda parte. Além disso, havia chapéus combinando.

Mordi o lábio para não rir, e Caro disse: -- Por favor, me diga que o chapéu tem babados também, Jane. Eu acho que não posso estar em seu casamento parecendo um pedaço de fruta cítrica se não tenho um chapéu com babados para usar.

-- Eu gosto do chapéu,-- disse Jane. -- E não, eles não têm babados. Ainda. -- Ela sorriu para mim, e então disse: -- Caro, eu adoro seu cabelo,-- enquanto ela saía.

--Viu? -- Eu disse. E Caro revirou os olhos para mim, mas ela estava muito sorridente. No outro dia a arrastei até a farmácia para comprar tinta para cabelo temporária porque ela tinha mencionado isso tipo, oitocentas vezes.

Ficou bastante bom... fiz ela ficar roxa... e está manhã ouvi Beth lhe dizer como parecia ótimo no banheiro. Claro, era um elogio vindo de Beth, porque ela disse, "Caro, seu cabelo parece realmente muito legal, pela primeira vez!" Caro apenas sorriu, mas como elas estavam saindo, ela olhou para mim e sussurrou: -- É errado eu querer enfiar um garfo no rosto dela?

Quando estávamos esperando passar o tempo que a tinta deveria ficar no cabelo, eu disse a Caro o que Patrick tinha me dito na biblioteca, sobre Beth e as coisas que ela disse a Mel. Eu pensei que ela ficaria surpresa, mas ela não estava. Ela apenas suspirou e disse: -- Eu sei.

-- Você sabe?

-- Bem, não sei exatamente, mas imagino,-- disse Caro. -- Olha, em setembro, logo depois do início das aulas, fiquei bêbada em uma festa e corri para Mel. Fomos para fora e ficamos lá, apenas nós dois, e ele parecia tão bom que antes que eu percebesse, eu disse a ele que gostava dele. Então eu corri e vomitei. Eu pensei... que ele estava bêbado também, então eu percebi que ele não se lembrava. Quer dizer, ele nunca disse nada. Mas eu ainda estava tão envergonhada que nem conseguia olhar para ele, até que acabamos no mesmo grupo em Inglês. E então era como... Eu não sei. A maneira como ele falou comigo, eu pensei que talvez ele gostasse de mim também. Mas, então, Beth disse que ela gostava dele, e...

-- E isso significava que você não poderia.

-- Sim,-- disse Caro. -- Mas.... ok. Se eu te contar uma coisa, você vai ser honesta comigo? Quero dizer, você vai me dizer o que você acha?

-- Sim. -- Beth é uma porcaria completa.

Ela riu. -- Além disso. Lembra quando Beth me disse para perguntar a Mel se Joe estava indo a uma festa, e eu disse a Mel que eu pensava que Joe era bonito e agia como eu...?

-- Queria ficar com ele?

Caro assentiu. -- Certo. Beth fez tudo isso por uma razão.

-- Porque ela queria que Mel pensasse que você gostava de Joe em vez dele.



-- Sim, mas a questão é. Eu nunca disse a Beth o que aconteceu com Mel. Eu não contei a ninguém, porque era muito humilhante. Portanto, Beth não sabia que eu gostava de Mel, o que significa...

-- Merda, -- eu disse. -- Isso significa que Mel se lembra do que aconteceu na festa e contou a Beth. Por que ele faria isso?

-- Eu não sei. Mas eu acho que quando eu e ele conversamos em Inglês e outras coisas, era só conversar. Eu acho que ele sempre gostou de Beth.

Eu balancei minha cabeça. -- Eu não acho isso. Desde daquela vez que ele me perguntou para ir ao cinema com ele, poderia dizer que ele gostava de você.

-- Bom, isso realmente não importa agora, -- ela disse. -- E, bem, o que exatamente foi isso sobre o cinema? Você não estava... quero dizer, foi só...

-- Muito aleatório?

-- Yeah.

Eu dei de ombros. Eu sabia por que Mel me chamou para o cinema. Ele fez isso por Patrick, como precisamente me perguntou todas aquelas perguntas. Não admira que ele nunca pareceu interessado em minhas respostas. -- Acho que o cabelo está pronto.

Caro olhou para mim, e por um segundo eu pensei que ela ia dizer alguma coisa. Que talvez ela tivesse uma idéia do que tinha acontecido comigo e com Patrick. Mas ela não disse nada, e nós apenas lavamos seu cabelo.

-- Parece bom,-- eu disse a ela quando estava pronto.

-- Obrigada, -- ela disse, e eu fiz uma careta.

-- Não, de verdade, -- ela disse. -- Obrigada.

Eu sabia o que ela queria dizer. Ela estava me agradecendo por estar lá, por ouvir.

-- Não é uma grande coisa,-- disse, mas meio que foi para mim. Para mim. Ninguém me agradecia por algo há muito, muito tempo.

152 Dias

J.

Há algumas coisas que eu preciso te dizer, ok? Caro e eu ainda estão nos falando. Eu mesmo vou à sua casa algumas vezes. Não me interprete mal, não é como se dissesse as coisas ou algo assim. Eu sei que ela é a xarope de milho, que está atrás de Beth em volta da escola como uma perdedora açoitada. Mas ela tira sarro de si mesma por isso, e... Eu não sei. Ela não é tão ruim assim.



Deus, isso... só de fazer isso, apenas escrever para você... É difícil. Eu nunca fiquei nervosa antes de falar com você, mas agora estou. Eu queria lhe contar tudo, mas quando olho para este diário e penso no que disse a você antes, me odeio.

Falar com você costumava ser tão fácil e agora... Agora não sei. Não sei nada.

Gostaria que eu não estivesse tão irritado. Queria ser uma pessoa mais forte, melhor.

Mamãe e eu conversamos no dia seguinte... Depois de Patrick. Ela me pegou na escola e me levou para casa. Me seguiu até o escritório quando eu fui pra lá fazer minha lição de casa e começou a falar. Ela disse que estava arrependida por me forçar ir ao shopping, e que se me magoou, falando sobre cortar o cabelo, ela não queria dizer aquilo. Você tinha que ouvi-la, J. Eu sempre quis que ela soasse desse jeito que ela soou. Queria tom de súplica em sua voz. Eu sempre queria que ela e papai sentissem do jeito com que eu me sentia perto deles. Eu queria que eles percebessem que você pode estar num lugar com alguém e ainda realmente não está lá com eles.

E yeah, eu me senti bem. Mas não me senti ótima. Fiquei ali sentada, olhando para ela falar, tentando arduamente, e eu... Eu senti pena dela. Pelo papai. As coisas tinham mudado tanto, tão rápido pra eles, e aqui estava ela, presa em casa comigo no meio da tarde. Ela não estava trabalhando em uma nota ou repassando as coisas para uma aula ou falando com o papai ou fazendo as coisas que costumava fazer. Ela e meu pai poderiam não ter me notado antes, mas merda, pelo menos eles estavam felizes.

"Me desculpa", disse a ela. "Eu estou... isto é realmente uma droga."

"Amy", ela disse, seu rosto enrugando. "Por favor, não diga isso. Seu pai e eu estamos tentando arduamente, se você simplesmente nos deixar... "

"Não, quero dizer, eu sinto muito por você. É uma droga que você tem que fazer tudo isso. Deve ser muito difícil."

Ela começou a chorar. Tipo, chorar realmente. Ela só ficou lá, o rosto nas mãos, todo o seu corpo tremendo.

"Nunca quis isto para você", ela disse depois de um tempo, as palavras abafadas por seus dedos. Eu queria abraçá-la, mas eu estava receosa. O que sei sobre o conforto, sobre tornar as coisas melhor?

Eu só sei como torná-las pior.



VINTE E DOIS

158 dias, e eu vi Laurie está tarde.

Pela primeira vez, eu estava realmente ansiosa para vê-la. Eu pensei que se alguém estaria disposta a salientar como sou horrível pelo o que eu estive pensando sobre J, era ela.

-- Estou com raiva de Julia, -- disse logo que entrei, e esperei pela caneta começar a clicar.

Quando não começou, eu sentei e acrescentei: -- Estou com raiva por ela ter morrido. Eu estou furiosa por ela ter me ouvindo naquela noite. Eu... às vezes odeio ela.

Laurie concordou. Foi isso. Ela concordou.

Olhei para ela. Ela olhou para mim.

-- Você está me ouvindo?-- Eu disse. -- Minha melhor amiga morreu por causa de mim e, às vezes eu odeio ela.

-- Por que você a odeia? Por morrer? Ou porque ela te ouviu?

-- Ambos, -- eu disse, quase gritando. -- Eu tinha certeza que ela veria seu namorado a traindo-a. Certeza que ela visse, e não apenas ouvisse falar sobre isso. Então eu disse a ela que devíamos ir, porque ela. . . ela não lhe mandou para ir para o inferno, como eu pensava que finalmente iria dizer. Ela não. . . Ela ficou tão triste, e eu fiz isso. Eu quebrei o seu coração.

-- Amy...

-- Há mais, -- disse. -- Você sabe disso. Eu sei. Eu disse a ela para entrar no carro. Eu lhe disse para dirigir. Ela fez tudo isso, ela me ouviu, e eu odeio ela por isso. Ela morreu e eu a odeio por isso também. O que há de errado comigo?

Laurie suspirou. -- Será que Julia sempre fazia o que as pessoas diziam pra ela?

-- Você não ouviu nada que eu disse sobre ela de todo modo, não é? Ela sempre fez o que quis.

-- Mas isso... -- Eu lhe interrompi e a olhei, porque sabia o que ela estava fazendo e estava cheia disso, cheia dela. -- Eu sei o que você vai dizer, sei o que você está pensando, mas não... isso não quer dizer o que você pensa que é. Julia não escolheu morrer. -- Minha voz estava tremendo. Todo o meu corpo tremia.

-- Não, ela não escolheu. Mas ela escolheu entrar em seu carro, assim como você escolheu beber.

-- É só isso? -- disse, e eu estava gritando agora, cheia de fúria e algo mais, não queria pensar. -- Só isso, simples assim, você diz que ela escolheu entrar no carro e eu deveria... o quê? Esquecer o que eu fiz? Diga -- Percebi isso agora, eu entendi, yah! Laurie fez tudo ficar melhor! -- E vou seguir em frente?

-- Se você pode ver as suas escolhas, por que você não consegue ver as dela?

-- Porque não é assim tão simples. Porque você não pode... não pode fazer ficar tudo melhor, -- eu disse, e levantei. Sai do seu escritório, e eu bati a porta atrás de mim com tanta força que tremeu. Queria que tivesse rachado ao meio. Queria o escritório de Laurie desmoronasse ao seu redor.

Para minha surpresa, ela veio atrás de mim.



-- Ninguém nunca disse que o aconteceu foi simples,-- ela disse, com uma voz firme. Fez sinal para eu voltar para dentro.

-- Por quê? -- Eu disse. -- Então, você me falará mais sobre escolhas?

-- Porque você está certa, -- ela disse. -- Eu não posso tornar tudo melhor para você.

Eu não esperava isso, então eu voltei para trás e me sentei.

Ela me seguiu, e logo que ela estava em sua cadeira, pegou a caneta. Sabia que estava chegando a algum lugar, mas agora?

Olhei para ela e comecei a me levantar novamente, mas depois parei, congelada. Congelada, porque eu sei o que eu senti bem antes de eu sair. Eu estava irritada, tão irritada, mas eu também queria... queria acreditar nela também. Mas, como ela disse, ela não poderia tornar tudo melhor.

-- Sabe? -- Eu disse, olhando para a caneta estúpida e me odiando por querer acreditar nela. Por querer pensar que eu não matei Julia. -- Aqui está algo novo para você. Eu transei com alguém. Por que você não me diz como deveria me sentir sobre isso?

Laurie apenas olhou para mim.

-- Vá em frente, -- disse eu, a minha voz aumentando novamente, e ela disse: -- Como você quer se sentir sobre isso?

-- Eu não sinto nada, -- disse, mas minha voz falhou um pouco. -- Foi apenas... foi a primeira vez que fiz isso quando não estava bêbada e foi... foi diferente. Isso é tudo.

Laurie descruzou e cruzou as pernas. -- Diferente como?

-- Não sei. Apenas diferente.

-- Entendo. -- Laurie clicou sua caneta, finalmente. E quando ela o fez, quando ouvi o clique, algo clicou em mim, e eu entendi porque ela clicava. Por que eu ouvi a caneta clicando vez após vez.

Laurie clica sua caneta quando ela pensa que eu estou mentindo para ela. Quando ela pensa que eu estou mentindo para mim mesma.

-- Foi diferente... Foi diferente porque eu gostei, -- disse depois de um momento, minha voz baixa.

Dizendo o que eu sabia mas não tinha sido capaz de dizer antes. Ainda não tinha sido capaz de me deixar enxergar antes.

-- Eu gostei de estar com ele. Nunca me importei em estar com rapazes antes. Mas com ele foi... Ele significou algo para mim, e eu... Eu não sei.

Esperei por ela dizer algo. Qualquer coisa. Lhe disse tudo, disse a verdade que não queria ver.

Ela apenas olhou para mim.

-- Você não vai dizer alguma coisa? -- Eu finalmente perguntei.

-- O que você quer que eu diga?



-- Eu não sei.

-- Eu não posso tornar tudo melhor para você, Amy. Você mesma disse. Mas posso lhe dizer isso. O que você me disse agora não é sobre Julia. É sobre você. E você tem que fazer suas próprias escolhas, escolhas que só você pode fazer, então eu vou lhe perguntar uma coisa, e eu quero que você responda com sinceridade. Você pode fazer isso?

-- Não.

Por um segundo, eu juro que ela quase sorriu. -- Você quer ser feliz?

-- Sim. Não. Eu não sei. Que tipo de pergunta é essa?

-- Apenas uma simples, -- ela disse. -- Você quer ser feliz?

-- Eu não... Acho que não sei como.

-- Só você pode aprender, -- ela disse.



VINTE E TRÊS

Hoje a noite durante o jantar, mamãe e papai me pediram para assistir a um filme com eles. Mordi um pedaço de burrito de feijão preto e mastiguei enquanto pude, esperando que eles me perguntassem alguma coisa, ou pelo menos parassem de olhar para mim. Eu ainda estava processando o que aconteceu com Laurie ontem, ainda estavam frescas as coisas que ela me disse, as coisas que eu sentia, e não estava pronta para fazer qualquer outra coisa, muito menos bancar a família feliz.

-- Você pode se decidir enquanto seu pai retira a mesa, -- mamãe disse, e sorriu para papai antes de olhar para mim. Olhei para o meu prato. Não queria ver seu sorriso vacilar. Queria que nunca a tivesse visto chorar como vi no outro dia, porque a vida de ninguém deveria ser levar seu filho da escola pra casa e, em seguida, estar aos soluços.

-- Oh, entendi, -- disse papai. -- Vocês me querem fora do caminho para influenciar a seleção. Você está bonita e bajuladora.

Mamãe riu e eu observei os dois reluzirem e me perguntei por que continuamos fingindo. Estava tão cansada deles tentando ser o que nunca quiseram ser antes, do "Nós somos disponíveis e dedicados pais". Estava cansada da forma como eles estavam sempre agindo como não se importassem de viver comigo.

--Você sabe que ama o meu gosto por filmes, -- papai disse, pegando seu prato e beijando mamãe na testa. Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu para ele.

Eu nunca pensei que meus pais merecessem essa sua... Coisa, seus intermináveis "absorver todo amor". Eu odiava porque nada acontecia comigo. O amor, para mim, era tudo sobre a exclusão.

Eu odiava não sermos uma família. Nós éramos um casal com uma pessoa extra porque simplesmente eles se esqueceram de usar camisinha numa noite a dezesseis anos atrás.

Eles nunca disseram... não diretamente a mim de qualquer maneira... mas eu ouvi falar sobre isso uma vez. Mamãe percebeu que ia me ter, e oito meses antes de eu nascer, meu pai fez uma vasectomia. Você não se esquece de ouvir algo assim.

Afastei meu prato.

-- Vocês não precisam fazer mais isso, -- disse. --Vocês não tem que brincar de família perfeita comigo. As coisas podem voltar a ser como eram.

Meu pai congelou. Então minha mãe também, a cabeça para trás ainda inclinada para ele, o sorriso no seu rosto desaparecendo.

-- Certo prometo não sugerir nenhum filme, -- papai disse, tentando parecer normal, mas falhando. Adolescentes só querem gastar à noite com seus pais assistindo seriados antigos, e ninguém nesta casa, nunca me pediu para assistir a um filme com eles antes de Julia morrer.

E não importa o que Laurie disse e quanto uma parte de mim queria acreditar nela, acreditar que tinha feito minhas escolhas e Julia também tinha feito as dela, não poderia... não poderia esquecer o que eu tinha feito.

-- Olha, eu disse, e minha voz foi aumentando, todas as coisas que eu queria dizer e jogar pra fora. -- Eu conheço a sua história, sua e da mamãe. O verdadeiro amor para sempre e sempre, e então eu cheguei e fiz o casal perfeito em perfeição presos. Vocês não têm que fingir... -- Apontei para nós três. -- Que queriam isso.



Papai se sentou, os pratos que ele estava carregando fazendo um barulho estranho enquanto batia na mesa. Ele olhou para mim como se tivesse visto algo surpreendente. Talvez até mesmo assustador. Até mesmo quando ele entrou na sala de emergência na noite em que Julia morreu, ele não tinha me olhado assim.

-- É verdade, -- ele disse depois de um momento, sua voz muito tranquila.

-- Sua mãe e eu nos amamos muito. -- E a verdade é que nós... não tínhamos planos em ter uma criança. Mas Amy, isso não significa que não queremos você. Que não te amamos muito e queremos tornar as coisas melhor.

-- Pare, -- disse, e olhei para mamãe. -- Por favor, pare isso. Faça papai parar. Faça tudo parar. Eu te vi no outro dia. Eu estava lá. Eu fiz você chorar. Eu sei que você não pode estar presente. Que você não pode suportar o que eu fiz.

-- Amy, não foi... não foi por isso que eu chorei. -- Ela estendeu as mãos sobre a mesa para mim. -- Chorei porque eu não posso compreendê-la. Não aguento ver você tão triste, tão decidida a ficar sozinha. Seu pai e eu precisamos ser melhores pais para você, precisamos...

Segurei as mãos dela. -- Por que vocês estão fazendo isso? Por que vocês estão fingindo? Você sabe o que eu fiz para Julia. Você sabe que eu...

-- Não,-- mamãe disse, com a voz trêmula, e eu podia ver as palavras que ela não queria ouvir escrita em seu rosto.

-- Eu a matei. Você sabe disso. Eu sei disso. Você simplesmente não pode... porque você não pode apenas dizer isso?

-- Porque você não a matou!-- Papai disse, empurrando a mesa para longe e correndo a mão pelo cabelo. -- Como você pode dizer isso? Como você pode pensar nisso?

Como não posso ? -- disse. -- Disse a ela para entrar no carro!

-- Mas ela escolheu entrar, -- mamãe disse.

Eu balancei minha cabeça, afastando suas palavras fora, afastando para longe o do que Laurie tinha dito. Afastando junto com essas palavras de Laurie e agora de mamãe e papai que me fizeram pensar, em esperança.

Mamãe se inclinou e agarrou minhas mãos.

-- Me ouça, -- ela disse, e quando eu tentei me afastar, ela não deixou eu ir. Prendendo-me.

-- Todos nós fazemos escolhas, Amy. Às vezes boas escolhas. Às vezes más. Você fez escolhas naquela noite, mas Julia também. O que aconteceu foi terrível, mas não é sua culpa... Não foi... E você tem que parar de culpar a si mesma.

-- Eu... Mas se eu não tivesse feito isso, então ela...

-- Foi um acidente,-- papai disse, e sua voz era tão gentil. Com toda certeza. -- Um terrível, aquele em que você perdeu a sua melhor amiga, mas isso foi o que aconteceu. O que é.

-- Mas... Meus olhos ardiam, tudo em mim estava ardendo, tremendo, e minha mãe disse: -- Amy, querida, está tudo bem, -- e, em seguida, ela colocou os braços em volta de mim, me abraçando.



Ela me abraçou, e eu deixei. Queria abraçá-la.

-- Seu pai e eu queremos passar mais tempo com você, queremos estar aqui por você,-- ela disse.

Nós queremos que você veja que a morte da Julia não foi sua culpa. Queremos ser uma família. Essas são as nossas escolhas.

-- Eu... -- Me afastei, e olhei para ela. Olhei para ela, e depois para o papai.

-- Tente, -- papai disse. -- Tente ver o quanto nós amamos você, tente ver que Julia não morreu por sua causa. Isso é tudo o que pedimos. Somente... tente. Por favor.-- Ele limpou a garganta, piscando forte. -- Agora, você sabe que filme você quer assistir?

Então, escolhi um filme, e o assisti. Eu não sei mais o que fazer, sobre todo o resto, as coisas que eles disseram, eu...

Eu quero acreditar neles.

Eu pensei sobre o que Laurie disse, aprender a ser feliz e acho que talvez... talvez eu possa aprender a fazer isso. Como ser isso.

Talvez.

Julia ainda está morta, apesar de tudo. Ainda tenho que viver com isso. Eu ainda tenho que viver sem ela.



VINTE E QUATRO

Fui a uma festa hoje à noite.

Seis palavras que eu nunca pensei dizer de novo.

A festa era de Mel. Seus pais foram para Aruba ou algo assim. Não fui convidada, obviamente... Mel não tem falado comigo desde que me perguntou o que eu tinha feito a Patrick... Mas eu sabia tudo sobre a festa porque Mel fala muito alto e também porque hoje logo depois de inglês perguntou a Caro se ela iria.

Na verdade, o que ele disse foi, "Eu realmente espero que vocês possam vir à noite. Eu preciso falar com você." E ele disse tudo isso na frente de Beth. Estava no centro do recurso do estudante durante o almoço, por isso perdi o drama, mas os olhos da Caro estavam vermelhos, então foi fácil adivinhar o que aconteceu.

Estava no centro do recurso do estudante porque desisti de almoçar no refeitório. Não vale a pena uma corrida diária com a menina de bigode só para ter um lugar de merda e comer comida de baixa qualidade. Eu posso comer iogurte no centro de recursos em vez disso. Tudo isso foi ideia da Giggles, na verdade.

Ela me encurralou enquanto estava me escondendo no corredor, no final da aula de física, e me fez vir até seu escritório. (Patrick estava do lado de fora da sala encostado á porta, olhando como se o mundo fosse esmagá-lo, desse jeito que ele faz, e fiquei no banheiro até depois da campainha tocar. Quinze dias. Faz quinze dias, e eu ainda continuo pensando sobre ele.)

Quando Giggles percebeu que não tenho tardes suficientes na detenção, ela me disse que precisava "devolver à escola" e disse que tinha de trabalhar no centro de recursos todo dia durante o almoço por um mês.

Mal posso esperar para ver o olhar no seu rosto quando disser a ela que eu quero continuar fazendo isso. Talvez diga que ela me inspirou. Ela provavelmente vai explodir.

Enfim, Caro veio até mim na sala depois da aula de física e disse: --Você pode vir depois da escola?-- Enquanto as pessoas... quer dizer, Beth... estavam olhando. Isso foi quando eu soube que algo grande estava acontecendo.

Caro não queria ir à festa. O que Mel lhe disse, deixou Beth tão furiosa que parou de falar com Caro.

-- Explica porque você realmente falou comigo na escola, eu disse quando estávamos em seu quarto. Estava deitada em sua cama e Caro estava andando em volta tomando sorvete. Sua mãe sempre compra o tipo que mais gosto agora. Não achava que estava vindo muito aqui, mas acho que estou.

Caro olhou para mim e, em seguida, jogou a sua embalagem no lixo. -- Sim, eu acho que explica. Sou uma merda, não sou? Por que você fala comigo mesmo?

-- Sorvete grátis. E, além disso, se eu fosse você, eu não iria falar comigo de modo algum.

-- Você também.

Revirei os olhos para ela. -- Você é a pior mentirosa do mundo inteiro.

Ela desabou sobre a cama e me cutucou com o pé. -- Ótimo. Eu estou muito assustada para discutir com você. O que eu vou fazer?

-- Vá à festa e fale com Mel.



-- Mas Beth vai...

-- O quê? Fazer você chorar durante o almoço? Te humilhar na frente de alguns veteranos perdedores... Desculpe, mas é verdade, não vale nada... depois da escola na frente de todos?

-- Eu sei. Mas eu não posso ir.

-- Ok, não vá.

-- Mas... Eu quero ir.

-- Dã..

Então ela me surpreendeu. -- Então você vai comigo?

E foi assim que acabei na festa. Disse a mamãe e papai que iria dormir na Caro. Eu imaginei que o fato de que eles não tiveram que vir me buscar depois da escola foi bastante excitante para eles. Mencionar uma festa seria demais.

E, além disso, não pensei que realmente iria. Eu só... Não podia imaginar isso. Eu não conseguia me ver em uma festa sem Julia. Achei que ia esperar lá fora ou algo assim. Ficar sozinha.

Isso, eu podia imaginar.

Caro e eu repassamos seu "plano" no caminho. Ela iria falar com Mel, em seguida, sair. E eu deveria ficar com ela o tempo todo.

-- Serio, você não pode sair do meu lado,-- ela disse.

-- Sinceramente, você já disse isso. Mas você não precisa de mim lá.

-- Eu preciso muito.

-- Ótimo, eu disse apenas pra lhe animar. Mas lembre-se, você prometeu que mesmo se Mel declarar amor eterno, você não ficará mais lá...

-- Dez minutos, no máximo. Eu sei. Nós vamos entrar, ele vai estar com Beth, nós vamos sair. Eu nem sei por que estou fazendo isso.

-- Sim, você sabe,-- disse, e tentei não pensar sobre o fato de que estava indo a uma festa e que a última que eu fui foi com Julia. Não funcionou, e pelo tempo que eu e Caro andávamos dentro da casa de Mel, eu estava me sentindo muito mal. Bastou passar através da porta para me deixar tonta.

E lá dentro, meu estômago doía, minhas mãos estavam suadas e tremendo, e poderia dizer que as pessoas sabiam que eu não pertencia ali. Sempre me senti assim em festas. E por isso que eu começava a beber antes de J e eu chegarmos, assim entrar na festa não seria tão difícil. Eu precisava escapar de mim mesma.

Virei-me para Caro, pronta para lhe dizer que eu precisava sair, que eu tinha que sair, quando Mel apareceu. Ele parecia tão assustado quanto eu e era como se ele estivesse tentando se esconder de alguém.

-- Estou tão feliz por você estar aqui, -- ele disse a Caro, e isso foi, quando eu soube que Beth estava lá fora, no meio da multidão de pessoas ao nosso redor, recém-solteira e extremamente infeliz com isso.

-- Podemos ir a algum lugar e conversar?



Caro olhou para mim e soube que o plano de dez minutos, acabou. Não sei por que ainda cai nisso em primeiro lugar. Quantas vezes eu concordei com isso, quando Julia e eu íamos a festas onde Kevin estava e acabei sozinha?

-- Eu não posso, -- ela disse. -- Amy e eu só podemos ficar por alguns minutos.

-- Ah, -- Mel disse, e olhou para mim. -- Eu não sabia que você viria.

Legal. -- Foi bom te ver também.

-- Não foi isso que eu quis dizer. Desculpa. -- Passou a mão através de seu cabelo, olhou para todos cuidadosamente fingindo que eles não estavam prestando atenção, e depois olhou de volta para Caro. -- Apenas alguns minutos. Por favor.

-- Você está se sentindo bem? Nós precisamos ir?

Olhei para Caro e percebi que ela estava falando comigo. Percebi que ela ia falar a Mel não que não podia conversar e que tínhamos de ir. Não porque ela não queria falar com ele, mas porque ela percebeu que eu estava assustada e estava disposta a ir embora então eu podia sair dali.

Sei que ela estava com medo por causa de Beth também. Mas ela quis dizer isso, porque quando eu disse: -- Não, vá falar com ele, -- ela balançou a cabeça e sussurrou: -- Me desculpe. Eu deveria ter percebido isto deve ser tão difícil para você.

-- Vai. -- Disse, e coloquei algo que eu esperava ser um sorriso em meu rosto.

-- Dez minutos, -- Caro disse, e depois que ela e Mel desapareceram na multidão. Obriguei-me a olhar ao redor, embora minhas mãos tremiam. Apesar de tudo em mim estava tremendo.

Isso era o que eu via: As pessoas estavam dançando. Curtindo. Bebendo. Estavam falando. Era isso. Isso era tudo o que havia para ver. Apenas as pessoas se divertindo, e sabia que era estúpido me preocupar em estar lá. Foi uma idiotice ter medo.

Mas eu estava com medo. Eu queria sair de lá.

Mas mais do que isso, eu queria uma bebida.

E já que eu estava em uma festa, sabia que poderia conseguir uma. Havia um barril e um monte de garrafas em um bar improvisado muito longe, no canto da sala. Vinte passos, talvez. Tudo o que eu tinha que fazer era ir até lá.

Eu não podia.

Eu não podia, porque se as pessoas estivessem menos dançantes e a música mais alta e a sala um pouco mais escura, poderia ter sido a última festa que eu fui. Poderia ter sido a última com Julia.

Fui embora, cambaleando no meu tênis de sola plana, como se estivesse com um par desses sapatos monstro que Julia usava, esses de saltos grandes que me deixava mais alta. Bati minha cabeça na porta do quarto na vez em que me atrevi a experimentá-los.

Andei pra longe, mas não sai. Queria aquela bebida, queria esquecer, e eu tinha ido a festas o suficiente para saber onde procurar o licor, aqueles frascos que tinham sido escondidos, porque eles eram os únicos que são monitorados.



Mesmo cambaleando e transpirando, o rosto de J na última festa era tudo o que eu podia ver, achei em menos de cinco minutos. Os pais de Mel tinham um armário de bebidas muito agradável, com uma fechadura complicada, mas quando eu consegui abrir ele estava vazio.

Mel pode ter saído com Beth, mas ele ainda é muito inteligente.

Eu poderia ter deixado pra lá. Provavelmente deveria. Mas eu sabia onde procurar depois, e me dirigir ao andar de cima, fingi não ver os quartos com as portas fechadas, fingi não ver o rosto de J a minha volta, e fui direto para o banheiro.

Encontrei o armário de licor e um conjunto de copos com monograma na cesta do banheiro, sob uma pilha de toalhas sujas e molhadas. Havia Scotch, Bourbon, e uma boa garrafa de vodka, do tipo que é boa o suficiente para vir em vidro, não de plástico.

Minhas mãos tremiam quando abri a vodka, mas não porque eu estava com medo. Não, eu não sentia medo. Eu queria uma bebida, queria que escapar dos meus pensamentos. De tudo. Deus, eu queria isso.

Servi-me um copo e, em seguida, coloquei as garrafas de volta, o meu pequeno doce segredo.

Eu nunca fui rotulada como alcoólatra. Nem mesmo em Pinewood. Por quê? Porque eu não bebia o tempo todo. Bebia muito, muito frequentemente, mas eu não bebia todos os dias. Eu poderia parar, e parei.

Binge drinking*, me chamaram varias vezes. É perigoso, mas comum em adolescentes, especialmente em meninas. O que eu fazia não era uma doença, não era um vício, e um dia, quando eu fosse mais velha e muito mais responsável, seria capaz de beber normalmente. Acho que ao ouvir isso deveria me sentir melhor.

Tudo besteira. É tão fácil de rotular as pessoas, a olhar para uma lista de sintomas e dizer: "Isso é quem você é. Isto é o que você é." Todo mundo... os professores, a mãe de J, até as pessoas na escola... fizeram isso com Julia. Ela viveu uma vida rápida, e divertida. Não ouvia quando as pessoas que estavam acostumadas a serem ouvidas. Ela tinha relações sexuais. Tomava droga. Às vezes, ela bebia. Verifique a lista, ela era problema.

Só que ela não era. Ela tinha um sorriso enorme, um coração ainda maior, e apenas precisava viver num mundo onde estava tudo bem ser menor de dezoito anos e ter sua própria opinião.

Nunca vou ser capaz de beber normalmente. Eu não quero. Quando penso sobre a bebida, é minha própria liberdade que anseio. Não preciso beber para passar o dia, para esquecer os problemas, ou porque preciso beber.

Quero beber, porque eu não quero ser quem eu sou. Meus problemas, minha doença, são meus, parei de beber porque Julia estava morta e eu queria me sentir exatamente quem eu sou. Eu queria lembrar o que eu fiz.

Sabia que deveria pôr no chão a bebida. Graças a Pinewood e Laurie, sabia que deveria parar de pensar sobre o que me trouxe até aqui. Que devia pensar sobre que estou tentando superar a mim mesma. O que tinha custado.

Sabia que deveria largar a bebida por causa de Júlia. Porque ela se foi, e mesmo se eu não fiz isso acontecer, mesmo que dirigir foi sua decisão, eu ainda morava com os meus.

Não a largo. Bebo. Eu nem sequer percebo o gosto da vodka. Não me importo com isso. Nunca me importei.



Bebo, sentindo que o calor familiar na minha língua, na garganta, aquecendo meu estômago, um sinal de que logo que parar me sentirei tão pequena, tão estúpida, tão eu. Bebi e depois voltei para as escadas, pronto para enfrentar a festa. Sabia que não era uma grande coisa. Sabia, porque eu poderia voltar lá pra cima sempre que quisesse e encher o copo. E guarda-la de novo.

Patrick estava sentado no topo da escada. Estava olhando para a festa através das grades, olhando todos abaixo de nós. Sabia o olhar que estava em seu rosto. O "por que" olhar: Por que não consigo me divertir como eles? Por que não posso ser normal? Por que estou aqui?

Quando ele se virou e me olhou eu congelei. Lá estava ele, na minha frente, e tudo... a noite no porão, todas as coisas que ele me disse à tarde em seu quarto... me invadiu de uma só vez, enchendo minha cabeça.

Agarrei com firmeza o copo. Vi ele ver isso. Vi ele olhar pro copo e então pra mim.

Podia me mover então. Levantei a garrafa para outro gole.

Ele não disse nada. Eu não disse nada. Bebi.

Ele me olhava. Fechei os meus olhos então não tinha que vê-lo. Quando eu os abri, a minha boca e garganta estava em fogo, meus olhos fechados ardendo, ele falou.

-- Pode me dar um pouco?

Olhei para ele. Quinze dias e isso que ele me disse, não era... não era o que eu esperava que ele dissesse. Mas então, ele nunca me disse o que pensava que ele iria dizer.

A questão é, lá no fundo, uma parte de mim gostaria que não tivesse, um estúpido estranho lugar cheio de esperanças que eu tentava afastar, pensei que talvez ele ia dizer outra coisa. Que talvez ele pudesse ser alguém para mim. Que eu poderia ser alguém pra ele.

Lá no fundo pensava que eu criei a mesma chama que ele criou em mim.

Entreguei o copo para ele. Ele o pegou, cuidando para não deixar nossas mãos se tocar. Queria não ter notado isso, mas eu notei e doeu.

Ele fechou os olhos enquanto bebia também.

-- Nossa, tem gosto de merda, -- ele disse, quando ele acabou. -- Tem certeza que quer isso volta?

Não disse uma palavra, apenas estendi uma mão para o copo. Ele não me devolveu, mas tudo bem. Ia voltar no banheiro para pegar outro copo, não, a garrafa inteira. Eu ia pega-la e então ignorar Patrick como se fosse um sonho ruim, ir até a festa e... nada.

Eu não queria ir à festa. Não havia nenhum lugar que eu quisesse ir. Ninguém para ver. Minhas mãos tremiam novamente.

-- Me devolve, disse.

Ele fechou as mãos em torno dele. -- Lembra quando eu disse que uma vez falei com Julia? Falei com ela sobre você. Foi na última primavera, na segunda-feira depois... da festa de Millertown. Fui até ela um pouco antes do terceiro período. O corredor estava tão lotado. Ainda podia vê-la, todas as pessoas, mas eu fui até ela e lhe disse...

Se eu ainda estivesse segurando o copo, teria deixado cair. Ele conversou com Julia, e ela nunca me disse. Não podia acreditar.



-- Ela nunca me disse nada. Você contou a ela sobre o que nós... você disse a ela o que aconteceu?

Ele balançou a cabeça. -- Eu disse a ela que eu falei com você na festa. Que eu... que gostei de você. Pensei que talvez pudesse me ajudar a falar com você. Naquela noite você... você simplesmente desapareceu. Até fui na festa procurando por você, mas você foi embora. Quando nós... quando estávamos no porão, foi a única vez em não sei quanto tempo que não tinha pensado sobre como estava louco. Mas quando eu fui falar com ela...

Eu podia adivinhar o que aconteceu depois. Julia odiava o terceiro período, porque ela odiava história, e quem tentava falar com ela antes geralmente era agressiva. Eu a encontrava no seu armário antes e depois de todas as aulas, exceto essa.

-- Ela não disse nada, apenas bateu com força e saiu, certo?

-- Não, -- ele disse. -- Ela disse: Ela nunca disse nada sobre você. E então ela olhou para mim. Foi só por um segundo, mas tinha um estranho olhar no rosto. Então, ela bateu seu armário e se afastou.

Foi quando percebi que era uma péssima amiga para Julia ainda mais do que pensava que fosse. Que eu a desapontei antes de me assegurar que ela viu Kevin a traindo, antes de tomar a sua mão e levá-la ao seu carro. Quando ele mencionou o olhar em seu rosto.

Julia tinha perguntado sobre Patrick. Na segunda-feira depois da festa, enquanto estávamos andando pelo corredor após o quarto período e ela disse: "Hey, você conheceu um cara na festa?"

Eu olhei para ela, e ela estava olhando para mim. Não conseguia ler o olhar em seu rosto.

"Não", disse, assustada por quão forte meu coração tinha começado a bater por simples menção da festa. Naquela noite. "Pelo menos, ninguém que vale a pena mencionar."

Aquele olhar ficou em seu rosto. Eu não entendi, mas sabia que queria esse cara e aquela noite e a forma como me senti... Tão insegura, tão exposta... sumisse então disse algo que sabia que tomaria a atenção de J. "Hey, acho que vi o Kevin no final do corredor."

Funcionou, mas aquele olhar estranho no rosto de Julia levou um tempo para desaparecer. Ela ficou magoada. Isso é o que parecia ser. Prometi que sempre lhe diria tudo, o tipo de promessa de criancinhas fazem e se esquecem, mas ela não. Ela precisava disso.

Julia precisava saber que havia uma pessoa que sempre a escutaria. Quem podia contar tudo, e que lhe contaria tudo de volta. Eu conhecia tão bem. Como não soube o que olhar na cara dela queria dizer?

Porque eu estava com medo. Não dela, mas de mim. Do que senti naquela noite, de como por um momento me senti de um jeito que nunca tinha sentido antes.

Engoli em seco, os olhos ardendo.

-- Ela falou comigo sobre isso, -- eu sussurrei. -- Ela me perguntou sobre a festa. Sobre um cara. Você. E eu... disse que não havia ninguém que valesse a pena mencionar.

-- Oh,-- ele disse, e tomou outro gole, fechando os olhos mais uma vez.

Quando ele terminou, ele olhou para a festa e, em seguida, estendeu o copo para pra mim. -- Eu imaginei isso. Quer dizer, eu sabia que o que aconteceu não significou que eu... sabia que não era grande coisa. É só que no outro dia, eu pensei que você... que nós... Ele balançou a cabeça.



-- Esquece.

Olhei para o copo. Olhei para ele. Eu queria o copo, mas queria tocá-lo também. Queria tocá-lo tão forte que machucaria. Não queria sentimentos como esse. Nunca quis, mas eu não sabia... não sabia como realmente sentir.

Nunca me deixei saber o que era querer alguém e saber que ele queria você também. É um sentimento terrível, faz com que você se exponha, exponha todos os pequenos lugares que você gostaria de não ter.

Te faz ter esperança.

-- Eu menti, -- disse. -- Eu menti para Julia. Não sei mais o que fazer, porque você, você me faz sentir... -- Eu tive que parar. Não porque não tinha palavras. Eu tinha. Mas tinha medo de dizê-las.

Ele olhou para mim, e então eu soube que poderia amá-lo. Que se eu me deixasse, eu o amaria.

-- Você me fez sentir assim também, -- ele disse, e estendeu uma mão. Olhei para ela. Olhei para o copo na outra mão.

Estendi a minha mão e fechei em torno do copo. Ela se encaixava na minha mão como se pertencesse a ela, e sabia que se eu bebesse não teria de dizer outra palavra.

20 de janeiro

Querida Julia

Eu sei que já faz um tempo. Eu só. . . Eu tinha algumas coisas pra fazer. Coisas que eu tinha que fazer por minha própria conta. Coisas que eu tinha que fazer sem você.

Eu larguei o copo, J. Larguei o copo e segurei a mão de Patrick. Você está surpresa? Eu estou. Não pensei que pudesse fazer coisas como essas, arriscar por mim, por mim. Mas eu fiz. Eu fiz e estou contente.

Eu não sei para onde estamos indo. Nenhum de nós é muito bom em pensar no que poderia acontecer, sobre o futuro. "Nos focamos apenas no agora e é o suficiente, mais do que suficiente, porque quando ele me toca eu penso em todas aquelas canções de amor estúpido que você costumava cantar e estou feliz por saber a letra. (Não diga a ninguém que eu lhe disse isso.)"

Sua mãe se mudou cerca de um mês atrás. Ela vendeu sua casa. Ninguém sabe onde ela foi. Ela ligou para meus pais um pouco antes de ela ir. Ela pediu para falar comigo.

Ela queria saber o que você disse depois do acidente. Queria saber suas últimas palavras. Disse que eu devia isso a ela. Disse que eu lhe devia isso. Ela estava chorando.

Você nunca disse nada. Você já tinha ido embora quando eu abri meus olhos.

Lhe disse que você chamou por ela. Naquele dia, no cemitério, ela disse que daria tudo para ouvir a sua voz uma última vez, e eu queria que ela tivesse isso. Queria que ela soubesse que você a amava. Ela ficou em silêncio por um momento, e então desligou. Eu não sei se ela acreditou em mim ou não.



Caro e eu fomos ao shopping hoje. Nós saímos muito agora. Mel perguntou na noite da festa. Disse que sabia que Beth tinha mentido, ele se lembrava da noite em que Caro disse que gostava dele. Ele sabia que ela o queria. Disse que ele nunca quis contar a Beth sobre isso, e sentia muito por ter contado. Disse que ele queria estar com ela, não com Beth.

Ela disse não.

Beth descobriu tudo, e não se importava por Caro ter dito não. Ela destruiu a Caro e Mel na escola. Uma semana depois da festa, quando estávamos sentadas juntas no centro de recursos dos estudantes evitando o almoço, perguntei o que ela ia fazer com Mel, que tinha lhe ligado.

"Nada", ela disse. "Eu gostava dele, e ele sabia disso. Ele sempre soube, ele mesmo disse isso e ainda decidiu sair com Beth. Ele a escolheu, e depois mudou de idéia, quero um cara que me escolha primeiro. Mel pode me ligar quantas vezes ele quiser, mas eu mereço melhor.

"Você merece", eu disse a ela, e eu quis dizer isso. Ela não é você, J, mas ela está se tornando uma amiga.

No shopping nós procuramos um presente para Jane. O casamento está próximo, cerca de um mês, no Dia dos Namorados. É tão extravagante que é meio que fofo. Caro disse que o primo do noivo da Jane, vai está na festa de casamento, vai vir um pouco antes. Ele está em seu ano de calouro na Universidade de Cornell, mas eles se conheceram no chá de panela, há algumas semanas e estão se falando desde então. Ela diz que ele é realmente legal.

Estava perguntando a ela sobre ele quando passamos por uma menina com longos cabelos cor de mel. Ela estava rindo alto, livremente. Eu parei e a olhei. Você sabe que pensei que a vi. Ela me sorriu e não era o seu sorriso e em seguida se afastou.

Eu odiei você por morrer. Por partir. Odiava tanto. Odiei você, quase tanto como eu me odiava. Mas eu posso me olhar no espelho agora e enfrentar o que eu vejo. Sou mesmo feliz agora, às vezes, e eu posso pensar em você e sorrir.

Não vou mentir e dizer que tudo mudou, porém. Eu não sou uma pessoa melhor, mais forte. Eu ainda sei o que eu fiz. Sim, não estava dirigindo o carro, e eu entendo as escolhas que você fez agora. Até entendo que não posso torná-las minhas, mas eu sempre me lembrarei da certeza que você viu Kevin.

Eu sempre me lembrarei de ter segurado sua mão e falado que tudo ficaria bem.

Onde quer que eu vá, eu sempre vou te ver. Você sempre estará comigo. E não há final feliz chegando, de jeito nenhum nessa história que começou numa noite que meu coração se consumiu e não vai acabar do jeito como eu gostaria que acabasse. Você realmente se foi, sem últimas palavras, e não importa quantas cartas eu escreva para você, você nunca vai responder. Você nunca vai dizer adeus.

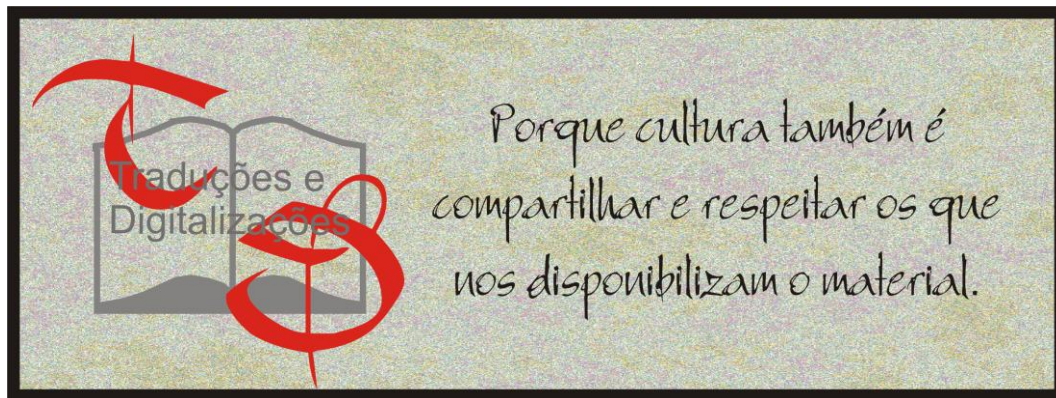
Então, eu vou.

Adeus, Julia. Obrigada por ser minha amiga. Obrigada por ser você.

Com amor.

Amy.

***** fim *****



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e- book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital



Feito por:

Kynhaa + Renata Hancio + Beatris Costa

Revisado por:

Kelly